Almanaque d'O TICO-TICO

1958

Luiz Sá
RIO

ALBUM N.º 249
Preço Cr$ 30,00

Primeira Comunhão

ESTE álbum apresenta magníficos trajes para meninas e meninos, próprios para o dia feliz e inesquecível da primeira comunhão.

Cuidando da indumentária das crianças para tão magna solenidade o álbum "PRIMEIRA COMUNHÃO" oferece modêlos de todos os tipos: simples, enfeitados, luxuosos, predominando, entretanto, em todos os trajes, o critério discreto adequado a uma cerimônia tão marcante em nossa vida cristã.

Lingerie

ÁLBUM N.º 269

A MULHER elegante encontra no álbum "A "LINGERIE", inúmeros modêlos de "peignoirs", combinações, camisolas, "soutiens", aplicações, todos na medida da execução e muitos outros trabalhos que compõem a graça e a distinção da mulher.

Páginas de grande formato com primorosos trabalhos para encanto do belo sexo.

Preço: Cr$ 35,00.

"MODA E BORDADO"

MODÊLOS elegantes de vestidos, duas-peças, casacos, "manteaux", saias, blusas, dos mais afamados costureiros de Paris, Hollywood, Londres, são encontrados no figurino-revista "MODA E BORDADO". Publica, ainda, encantadores vestidos de noivas. Lindos vestidos e roupinhas para meninos e meninas, "Lingerie" fina.

"MODA E BORDADO" traz, sempre, as apreciadas secções: Consêlhos de beleza, sugestões para enfeites do lar, receitas culinárias, consêlhos para noivas, página das mães e outros assuntos de interêsse da mulher e do lar.

PREÇO: CR$ 20,00.

CIRCULA DE 2 EM 2 MÊSES.

Riscos para Bordar

ALBUM N.º 282
Preço: Cr$ 40,00.

TUDO quanto o bordado pode oferecer de belo e prático em matéria de riscos. São pequenos enfeites para uso pessoal, encantadores motivos para adôrno da cama e da mesa. Em suas páginas o álbum "RISCOS PARA BORDAR" publica uma selecionada coleção de maravilhosos riscos para execução dos mais belos e originais trabalhos. Nunca se reuniu tanta coisa encantadora, atraente e útil, ao alcance das mãos femininas.

Figurino Infantil

ALBUM N.º 9

Preço: Cr$ 35,00.

QUALQUER que seja a roupa que a senhora deseje para as crianças, certamente encontrará as melhores sugestões em "FIGURINO INFANTIL" Nº 9.

Dezenas e dezenas de modêlos de trajes, práticos, bonitos e confortáveis, para meninos e para meninas de 2 a 15 anos.

São modêlos graciosos para todas as ocasiões: — para casa, visita, esportes, festas, além de casacos, capas, "manteaux", saias, blusas, macacões, jardineiras e roupinhas de banho de sol.

Para vestir bem e variar o guarda-roupa das crianças, com o traço fascinante da novidade, consulta o "FIGURINO INFANTIL".

Lençóis Artísticos

ÁLBUM N.º 279 — Preço: Cr$ 40,00.

MUITOS e muitos riscos em desenhos singulares e modernos. Este valioso álbum é um perfeito orientador e um seguro auxiliar apto a resolver o problema da escolha e confecção dos mais lindos lençóis.

Os desenhos dos riscos do álbum "LENÇÓIS ARTÍSTICOS", todos de grande beleza e distinção, são apresentados nas dimensões de execução e com profusas explicações.
o confôrto de seu lar de amanã, os ensinatadoras toalhas.

COLCHAS MODERNAS

Álbum N.º 281
Preço: Cr$ 40,00

AS MAIS LINDAS e modernas colchas. São, ao todo, 12 magníficas colchas que agradam e satisfazem ao gôsto mais requintado e exigente.

Colchas de fustão com bordados aplicados; colchas de renda de crochê; colcha bordada estilo português; colcha de cetim com franzidos e bordados a matiz; grande colcha em richelieu; linda colcha em retalhos, no excelênte álbum "Colchas Modernas". Acompanhando o álbum "Colchas Modernas" dois grandes suplementos mostrando os desenhos nas dimensões de execução.

Enxoval do Bebê

ALBUM N.º 14 — Preço: Cr$ 40,0

AS FUTURAS mães encontram nês admirável álbum tudo que necessita para o preparo de um belo enxoval.

O álbum "ENXOVAL DO BEBÊ" res ve pois magistralmente o problema do v tuário do recem-nascido.

Interessantíssimas sugestões, riscos desenhos originais que orientam facilme te a confecção de um enxoval gracioso prático.

Páginas de grande formato, conten riscos nas medidas de execução e ampl explicações.

Album para Noivas

ALBUM N.º

Preço: Cr$ 3

A CONFECÇÃO do enxoval já não é r problema para as noivas. O "ALB PARA NOIVAS" resolve com facilidad assunto. Magníficos riscos das peças de pa branca, de cama e mesa, de enfeite uso pessoal e adôrnos para o lar são en trados no "ÁLBUM PARA NOIVAS".

Para elegância da noiva de hoje e p o confôrto de seu lar de amanhã, os ens mentos e os belos desenhos do "ÁLB PARA NOIVAS" são indispensáveis.

"CROCHÊ"

ÁLBUM N.º 1 — Preço: Cr$ 40,0

MOTIVOS de crochê em original e m derna apresentação.
O álbum "CROCHÊ" publica uma enor variedade de receitas certas e verificad com amplas explicações e fornecendo de lhes em ponto grande e diagramas para m lhor entendimento. Qualquer pessôa pode fazer os modêlos com segurança. Lindas c chas, toalhas de mesa, de chá, bandejas, s viço americano de almoço, centros de me panos para móveis, rendas e inúmeros o tros trabalhos de crochê.
O álbum "CROCHÊ" é útil no lar.

Encontram-se à venda nas Livrarias, Agências de Revistas e Jornaleiros.
ESTES álbuns são editados pela Bibliotéca de "ARTE DE BORDAR". Aceitamos mendas pelo serviço de reembolso postal.
Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Afonso Cavalcanti, 33 — Caixa Postal, 880 —

O Ponto de Cruz

ALBUM N.º 3

Preço: Cr$ 50,00.

O MAIS completo álbum em trabalhos de ponto de cruz. Em fascinante colorido o álbum "O PONTO DE CRUZ" oferece em desenhos singulares, com as côres próprias, uma rica variedade de trabalhos: tapetes, guarnições, "paneaux", aplicações diversas, tudo na medida da execução.

Um primor em matéria de ponto de cruz.

Cama e Mesa

ÁLBUM N.º 275 — Preço: Cr$ 35,00.

OS mais encantadores e originais modêlos de riscos para a senhora demonstrar seu senso de dona de casa e de esposa caprichosa no arranjo do lar, estão nas páginas do belo álbum "CAMA E MESA". Em qualquer lar, o toque feminino é a graça do ambiente. Surpreenda seus entes queridos com uma linda toalha, um magnífico lençol ou uma formosa colcha, que a senhora mesma executará com as facilidades e orinalidades do álbum "CAMA E MESA", repleto de coisas bonitas.

Guia das Noivas

ALBUM N.º 271

Preço: Cr$ 35,00

MARAVILHOSA coleção de "lingerie", de cama e mesa", de ornamentos para os móveis são encontrados no álbum "GUIA DAS NOIVAS". Ensina, orienta e aconselha as noivas, mostrando tudo quanto deve figurar em um enxoval prático, bonito e elegante. Todos os riscos e desenhos de grande formato, nas dimensões de execução. Gentil noiva, o "GUIA DAS NOIVAS" explica tudo claramente e indicará como seu futuro lar poderá ser um ninho de ventura e distinção.

Bichinhos Bordados

ALBUM N.º 6

Preço: Cr$ 35,00.

PARA a vivacidade e alegria das roupas das crianças o álbum "BICHINHOS BORDADOS" apresenta uma infinidade de sugestões.

São modêlos graciosos que tanto servem para enfeites de uso pessoal como também para toalhas, panos e inúmeras outras finalidades. O álbum "BICHINHOS BORDADOS" é indispensável no lar.

Copa e Cozinha

ALBUM N.º 9

Preço: Cr$ 40,00

TRANSFORME o ambiente da Copa e da Cozinha da sua casa, dando-lhes uma feição, alegre, original e atraente. Com o álbum "COPA E COZINHA" as senhoras donas de casa nenhuma dificuldade terão. Os desenhos e riscos para bordar, todos originais e encantadores, são acompanhados de amplas explicações. O álbum "COPA E COZINHA" traz dois explendidos suplementos de grande formato.

Monogramas Artísticos

ÁLBUM N.º 8 — Preço: Cr$ 35,00.

COMBINAÇÕES e mais combinações que, com as letras, se podem fazer... O álbum "MONOGRAMAS ARTISTICOS" oferece original coleção de monogramas, contendo letras de todos os estilos e de todos os tamanhos.

E' tarefa fácil escolher os mais lindos monogramas com êste álbum tão útil.

Quem não precisa de um monograma de quando em quando?

Toalhas Artísticas

ALBUM N.º 278

Preço: Cr$ 35,00.

TOALHAS... peças que ajudam embelezar o lar. Os mais belos e originais riscos, nas dimensões de execução. Toalhas de todos os tipos e estilos, das mais luxuosas as mais simples. Explicações ao alcance de todos transformam em verdadeiro prazer a confecção de encantadoras toalhas.

O álbum "TOALHAS ARTISTICAS" publica muitos e muitos modêlos de toalhas do mais apurado gôsto e distinção.

VESTIDOS DE — NOIVAS —

ALBUM N.º 246

Preço: Cr$ 30,00

PARA uma escolha feliz de um vestido de noiva, consulte os modêlos do álbum "VESTIDOS DE NOIVAS". Modêlos encantadores, cuidadosamente escolhidos e que agradam ao gôsto mais apurado. Dêsde o mais simples vestido até o modêlo mais suntuoso. Dezenas e dezenas de modêlos elegantes e modernos, que agradam a noiva mais exigente.

O álbum "VESTIDOS DE NOIVAS" apresenta, também, para a cerimônia nupcial, elegantes modêlos para as mães dos noivos, as madrinhas e acompanhantes.

Nas páginas dêste álbum tudo foi previsto, inclusive elegância e etiqueta social.

Roupinhas do Nenê

ALBUM N.º 280

Preço: Cr$ 40,00.

PARA confecção de lindo e confortável enxoval do recem-nascido são muito úteis e práticos os ensinamentos e sugestões do magnífico álbum "ROUPINHAS NENÊ". Poupando tempo, faz com que a futura mãe tenha a alegria de, ela mesma, preparar todo o vestuário do bebê.

O álbum "ROUPINHAS DO NENÊ" publica admiráveis riscos, nas dimensões de execução, que facilitam a confecção de um encantador enxoval para o nenê que vem por aí... Todos os desenhos acompanhados de fartas explicações.

O Lar A Mulher e a Criança

ALBUM N.º 277

Preço: Cr$ 40,00.

PARA O BEM estar do lar, da mulher e da criança êste álbum apresenta originais e magníficos riscos de blusas, camisolas, sáias, casaquinhos, pijamas, toalhas, lençóis, guardanapos, monogramas, barras. Tudo muito prático, bonito e fácil de bordar e executar. O álbum "O LAR A MULHER E A CRIANÇA", para o bem estar da criança, da mulher e do lar. Riscos nas dimensões de execução

Blusas Bordadas

ALBUM N.º 273

Preço: Cr$ 35,00.

PARA todos os gostos e nos mais variados estilos, êste álbum apresenta uma rica coleção de blusas.

Blusas para senhoras, para mocinhas, para meninas. Qualquer que seja o tipo e nos mais variados feitios. O álbum "BLUSAS BORDADAS" apresenta modêlos elegantíssimos, desenhos em cambraia e fustão, fantasias e aplicações e em ponto de sombra. A blusa é sempre indispensável no guarda-roupa feminino.

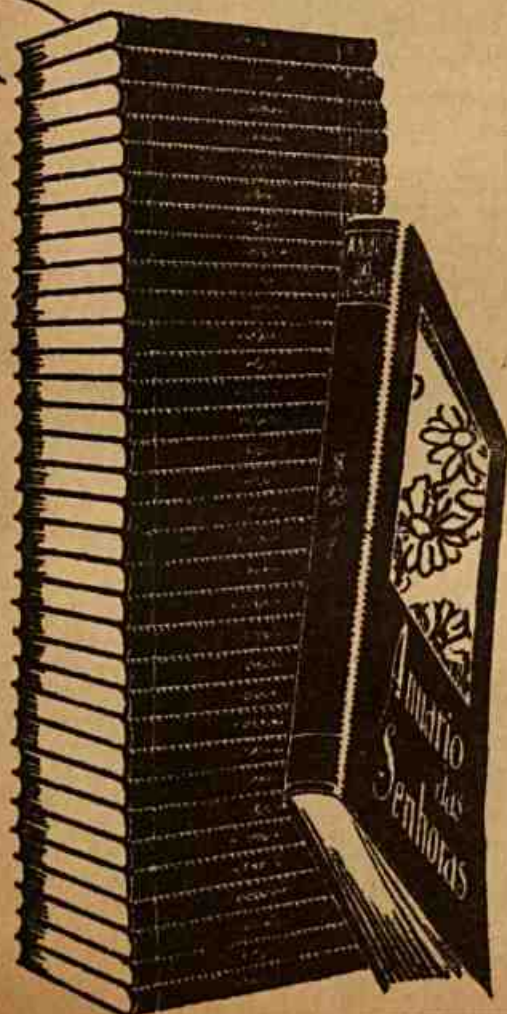
Encontram-se à venda nas Livrarias, Agências de Revistas e Jornaleiros.

ESTES álbuns são editados pela Bibliotéca de "ARTE DE BORDAR". Aceitamos encomendas pelo serviço de reembolso postal.

Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Afonso Cavalcanti, 33 — Caixa Postal, 880 — RIO.

O GRANDE *Presente*

Vai chegar o grande dia!
Para o NATAL festejar
que daremos à mãezinha,
que mais lhe possa agradar?

— Ah! Já sei! Coisa mais linda
não se poderia achar.
Vamos lhe dar um presente
que a mamãe vai adorar!

O "Anuário das Senhoras"
a publicação sem par,
vai ser a linda lembrança
que à mãezinha vamos dar!

Tem cada receita "big"!
Tem conselhos para o lar,
bordados de cama e mesa,
lingeries de encantar!

Guia de tôdas as horas,
que tudo sabe ensinar,
no "Anuário das Senhoras"
a mamãe vai encontrar!

PREÇO CR$ 30,00

Pedidos pelo Reembolso Postal Sociedade Anônima "O MALHO" — Rua Afonso Cavalcanti, 33 — RIO DE JANEIRO, Df.

A BANDEIRA CAIU NA HORINHA...

Na Roma antiga era o figo a principal alimentação dos atletas, contando a lenda que o imperador Alvino comia quinhentos figos em cada refeição.

CONFUSÃO

— Que pensa você do teatro em geral?

— Ah! não frequento o teatro em geral, só vou na plateia.

A LENDA DO MIOSOTIS

SAIRA Nossa Senhora
à procura de Jesus
naquela manhã de Maio
cheia de aroma e de luz!

Pelas campinas floridas,
andava sem descansar,
chamando pelo seu filho
que não podia encontrar.

É que no templo se achava,
falando aos sábios doutores,
Jesús o "pequeno sábio"
O maior dos oradores!

Nossa Senhora chorou...

Dos olhos azuis da Virgem,
foram as gôtas pequeninas
caindo sôbre as florinhas
tão alvas destas campinas...

E foi assim que nasceu
O miosotis, flôr gentil,
de côr do olhar de Maria,
da côr do céu do Brasil!

TRAGÉDIA INESPERADA NO CAMPO

— *Se não acharem meu apito, hoje não tem mais futebol!*

Que situação!!

MOAL LIC

— *Veja lá o que vai fazer! O senhor disse: sem dôr!!*

O LADRÃO

Isaac o velho usurário, havia começado o primeiro sono, quando despertou de súbito, com um barulho em baixo, no rés-do-chão, onde tinha a sua loja de penhores. Pé ante pé, o agiota deslizou de sob os lençois, ergueu-se, empunhou o revólver que tinha na mesa de cabeceira, e, leve como um gato, deslizou pela escada. Lá em baixo, deu com os olhos no gatuno: êste, de costas para a escada, começava a abrir um cofre, tendo nas mãos, apenas, uma gazua.

— Que é isto? — gritou Isaac, de revólver em punho.

Surpreendido em flagrante, o ladrão deu um salto, e pôs-se de pé. Um gesto qualquer, e estaria morto, apontada, como estava, sôbre êle, a arma do dono da casa. E foi quando lhe surgiu uma ideia. Isaac era judeu e agiota. O remédio, era, pois, aquele.

— Que é que faz aqui? tornou Isaac, de arma apontada.

Fazendo-se desentendido, o ladrão bradou-lhe, por sua vez:

— Duzentos cruzeiros pelo revolver! Quer?

— Aceito! — respondeu Isaac.

E fechou o negócio.

O santo padroeiro dos jornalistas é São Francisco de Sales, festejado a 29 de Janeiro.

O fundador do mundialmente famoso Instituto do Butantã foi Vital Brasil.

O ouro pode ser laminado até formar uma fôlha 1200 vezes mais delgada que uma fôlha de papel.

Como a VENUS de MILO perdeu os braços

E' possivel que se a Venus de Milo, obra prima existente no Louvre, possuisse os dois braços, despertasse menos curiosidade do que desperta. Já se chegou até a afirmar que se ela não fosse amputada seria menos bela e que foi, sem dúvida, propositadamente, que o seu autor a privou dos dois membros superiores. De fato, a Venus de Milo teve braços, e se, geralmente, não se fala dêles, é porque isso poderia provocar incidente diplomático.

No inverno de 1820 um camponês de Castro, ilha de Milo, lavrava um pedaço de terra no flanco de uma colina. Chamava-se êle Jorgos Bottonis e seu filho Antônio trabalhava em sua companhia. Súbito a ferramenta de um dêles desapareceu numa fenda, por onde começou a cair a terra sôlta. Os dois camponeses, um pouco assustados, aumentara a abertura e descobriram, então, uma espécie de cripta, onde encontraram uma maravilhosa estátua da deusa, núa até à cintura. A roupa que vestia estava retida acima dos quadris pela mão direita, enquanto que o braço esquerdo erguia-se meio dobrado e a mão sustentava uma pequena esfera do tamanho de uma maçã.

Algum tempo mais tarde, a 20 de Abril de 1820, a embarcação francêsa "La Chevrette" indo a Constantinópla fez escala em Milo. A bordo encontravam-se dois jovens oficiais amantes das coisas antigas: o tenente Matterer e o aspirante Dumont d'Urville.

O camponês lhes mostrou a Venus que tinha achado e que lhes pareceu admirável, obtendo êles do homem a promessa de não vender a obra de arte antes de ter novamente notícias suas.

Chegados a Constantinopla, os dois oficiais comunicaram ao Embaixador da França aquele fato em termos tão calorosos, que o diplomata encarregou seu primeiro secretário, Mr. Marcelus, de ir a Milo comprar a estátua. Marcelus tomou passagem na galeota "Estafette" e no dia 23 de Maio o navio lançava âncora diante de Milo. Então, que é que foi visto? A Venus amarrada, deitada sôbre uma prancha improvisada que marinheiros turcos empurravam como podiam sôbre a areia pedregosa, enquanto que, com as velas desfraldadas, um brigue com pavilhão otomano esperava. Os turcos levavam a Venus.

O comandante Robert deu então algumas ordens. Chalupas levaram a terra marinheiros do "Estafette", que cairam de surprêsa sôbre os marinheiros turcos. Travou-se então a batalha. Os turcos fugiram, mas poderiam voltar com refôrço e os marinheiros francêses correram para a prancha e o mais ràpidamente que podiam empurraram para seu navio. Era preciso agir ràpidamente e não foram tomados os cuidados necessários. Batendo para um lado e para outro, sacudida por tôda espécie de obstáculos, a Venus acabou por perder um braço e em seguida o outro. Contudo, sempre conseguiram botá-la numa chalupa e depois içá-la para o "Estafette". O assunto estava concluído. A Venus de Milo iria para o Louvre.

E os braços?

Bem, os braços ficaram esquecidos na areia e aliás estavam muito danificados. Pensou-se em reclamá-los aos turcos mas o embaixador, Marquês de Rivière, achou que era preferivel silenciar sôbre as circunstâncias um pouco esquisitas em que a estátua os tinha perdido. Por seu lado os turcos não quiseram fazer saber: primeiro, que tinham passado por cima da promessa feita por Bottonis e, depois, que tinham levado uma surra dos francêses. Num tácito acôrdo, guardou-se silêncio sôbre o fato e se deixou que os arqueólogos quebrassem a cabeça para tentar saber qual podia ser a posição dos braços desaparecidos.

A verdade não foi revelada senão em 1872, por Jules Ferry que, visitando Milo, encontrou testemunhas ainda vivas da batalha. Sua narrativa, entretanto, não causou impressão e ainda hoje se continua a discutir sôbre os braços da Venus de Milo.

É bom, entretanto, esclarecer que, se a Venus foi assim arrancada das mãos dos turcos por meio de fôrça, Marcelos pagou por ela bom prêço ao seu descobridor, Jorgos Bottonis.

VENUS DE MILO

OT

— *Ih, pai!! Naquele tempo já havia "lotações"?*

A SAIA RODADA RESOLVEU!

Lençol

OS AIMORÉS

OS Aimorés, que constituiam importante família indigena brasileira, habitavam a região compreendida entre o rio Doce e o rio Pardo, nos Estados de Bahia e Espírito Santo. De estatura mediana, compleição forte, côr azeitonada escura, rosto largo, cabeça alongada e bôca rasgada, costumavam pintar a pele do corpo e usavam adornos nos lábios e nas orelhas. Caçadores e nómades, construiam pequenas cabanas de metro e meio de altura, de troncos e ramos de árvores. Fabricavam seus arcos e flexas, machados de pedra e rêdes em que transportavam os objetos que lhe eram necessários. Acreditavam na existência de dois gênios, do Bem e do Mal, e julgavam que os velhos, depois de mortos, transformavam-se em jaguares. Atualmente restam poucos representantes dessa grande nação indigena, quase todos já integrados na civilização.

A REVOLTA DE FELIPE DOS SANTOS

AMÉRICO PALHA

ALGUNS historiadores têm apontado Felipe dos Santos como o primeiro martir da nossa independência. Há, evidentemente, exagêro nesse julgamento histórico. A revolução de 1720, da qual foi figura central o patriota mineiro, não teve a característica emancipadora. Mas foi um protesto veemente contra o despotismo então reinante em Minas Gerais, podendo, entretanto, ser indicada como uma das causas indiretas do ideal vitorioso em 1822.

Nada se sabe sôbre sua vida anterior ao motim de 1720. No entanto, êle surgiu como um dos chefe da revolução de 28 de junho, e como a grande vítima da traição e da perfídia do famigerado d. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, governador e capitão-general das capitanias de São Paulo e Minas Gerais. Não nos interessa, pois, o passado de Felipe dos Santos e sim o movimento que o imortalizou através da historia.

A revolução de Vila Rica rompeu no dia 28 de junho de 1720, das 11 horas para meio dia. Seu primeiro objetivo foi o ouvidor Martins Vieira, em vista das suas sentenças arbitrárias contra os contribuintes. A finalidade, entretanto, da conspiração, era conseguir a revogação da ordem régia que criava as casas de fundição, com que o govêrno de Portugal pretendia aumentar ainda mais o vulto dos seus assaltos à população da Capitania. A paciência dos mineiros já estava se esgotando e a carta régia foi a gôta que fez entornar o copo dágua. A revolução tinha como chefes: dr. Manoel Mosqueira Rosa, frei Vicente Montalverne, Sebastião Veiga Cabral, frei Vicente Botelho, João Ferreira Diniz, Tomé Afonso e Felipe dos Santos, este último tribuno popular, agitador sem instrução, mas inteligente, infatigável e ousado, perfeitamente identificado com a causa do povo sacrificado.

CÊRCA de 2.000 homens armados estavam dispostos a enfrentar a tirania e defender os direitos da capitania. A todos animava a mesma esperança, a mesma fé e a mesma disposição de não ceder. Só deporiam as armas com a vitória completa. Por isso enviaram dois emissários ao Conde de Assumar, com um memorial em que eram expostas as reivindicações dos mineiros, constantes de quinze artigos e, num dêles, se exigia que ninguém fosse prêso ou perseguido em virtude dos acontecimentos.

O Conde de Assumar, querendo ganhar tempo, entrou a usar de evasivas, sem nada assegurar aos rebeldes, cujo número aumentava cada vez mais. Daí a resolução de uma marcha em grande estilo ao palácio do déspota. Assustado diante do espetáculo que asistia, e sem meios para uma reação eficaz, o governador cedeu às imposições do povo. Foi lavrado um têrmo de tudo, selado com as armas reais e assinado pelo Conde.

DEPOIS dessa expressiva vitória do povo de Vila Rica, esta voltou à calma habitual. Só um homem não podia ter descanso de espírito: o Conde de Assumar. O vilão não se queria conformar com a derrota que sofrera. No seu cérebro aninhavam-se e fervilhavam tenebrosas idéias de tremenda e sórdida vingança. Engendrara os planos para castigar aqueles que o haviam obrigado a se curvar, êle que só se curvava diante do rei.

Depois de urdir bem o plano que premeditara, na noite de 13 de junho mandou prender Sebastião da Veiga Cabral remetendo-o para o Rio. Depois os seus asseclas apoderaram-se, de surpresa, de Pascoal da Silva, do dr Mosqueira, de frei Vicente Botelho e de frei Montalverne.

Felipe dos Santos, conhecedor dos fatos, não vacilou um instante. Sua alma leal de homem de boa fé vibrou de raiva naquela hora de traição. Em Cachoeira do Campo, fala ao povo a linguagem humana da sinceridade. Sua palavra é um látego flamejante. Verbera a vilania do Conde de Assumar. Atacada pelos janízaros do governador, a população de Cachoeira do Campo resistiu bravamente, mas essa resistência foi inútil. A traição triunfara completamente, tripudiando sôbre os sentimentos de honra do povo mineiro.

Felipe dos Santos caíra prisioneiro. O Conde de Assumar, entretanto, ainda não estava satisfeito. Faltava o último ato do drama e, êste, o déspota havia preparado com todos os requintes de perversidade. A 16 de julho, o sinistro governador entrava triunfalmente em Vila Rica, à frente de sua tropa, conduzindo os presos, para que a população visse a inutilidade de se rebelar contra os mandatários de sua majestade o rei de Portugal.

Seu primeiro ato de vingança foi determinar o incêndio das propriedades de Pascoal da Silva e dos outros cabeças do movimento vencido.

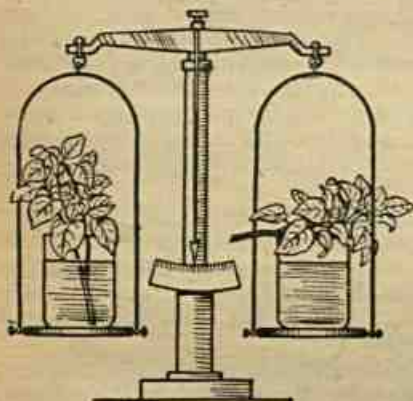
CHEGADA a hora do castigo, Felipe dos Santos foi o único que teve a firmeza de assumir a responsabilidade dos acontecimentos. "Confessou de plano todos os seus crimes" informaria depois o Conde de Assumar. Por isso mesmo, condenaram-no à morte. Amarrado às caudas de quatro cavalos, foi barbaramente esquartejado e seus restos arrastados pelas ruas de Vila Rica. Assim, pôde o Conde de Assumar dormir tranquilo, satisfeito na sua vingança, sem se lembrar de que abria para Felipe dos Santos as portas da glória.

— Corre, Juquinha! Traz a máquina fotográfica!!

— Cair? Que bobagem! Eu me seguro com a outra mão!

CURIOSA EXPERIÊNCIA

COLOCAM-SE sôbre os pratos de uma balança bastante sensível dois vasos iguais, com a mesma quantidade de água.

Tomam-se, então, dois galhos de uma planta, de igual pêso, e mergulha-se um deles na água de um dos vasos, colocando o outro horizontalmente, como na figura, sôbre o outro vaso.

Não haverá, é claro, diferença de pêso.

Quando, porém, o ramo horizontal murchar, continuará a balança em equilíbrio estável? Ou, caso contrário, qual o prato que ficará mais alto?

RESPOSTA: O prato com o galho murcho pesará mais que o outro, porque o ramo mergulhado terá provocado maior evaporação da água.

ACONTECEU NO DIA "D"

NA manhã do desembarque das fôrças aliadas anglo-americanas efetuado em França, na última guerra, um jovem americano que comandava um dos postos avançados das tropas desembarcadas, vai ao telefone de campanha e liga para o quartel general. Está excitadíssimo. E quando uma voz lhe responde do outro lado, desabafa:

— Parece impossível que vocês tenham arranjado as coisas assim, no meu setor. Está tudo a correr mal porque vocês são umas cavalgaduras. Quem não sabe planejar operações, não se mete a fazer desembarques... Os reforços não chegaram a tempo e agora eu que me arranje, não é verdade, seus palermas?

Nesta altura interrompe-o a voz do outro lado:

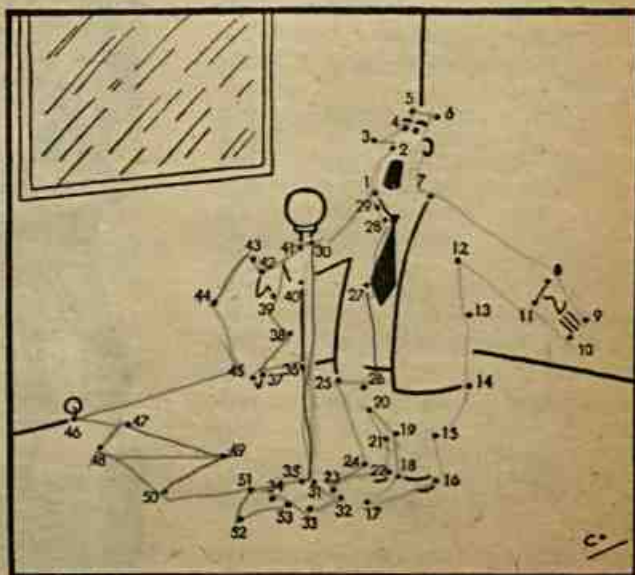
— O senhor sabe com quem está falando? Aqui é o general Eisenhower!

O oficial, aterrado, pergunta por seu turno:

E o senhor, sabe com quem está falando?

— Não — respondeu Eisenhower.

— Ainda bem! — E desligou o telefone.

PASSATEMPO

Ligue os pontos numerados, pela ordem, para ver o que aparece.

TRISTÃO

No ano de 1490, nem um grito de júbilo ressoou no velho castelo d'Armoise para saudar o nascimento do herdeiro do poderoso Senhor. Uma hora antes o corcel do conde d'Armoise, amedrontado por um javali, atirara por terra seu cavaleiro que, tendo rachada a cabeça, fôra trazido agonizante para o castelo A condessa d'Armoise acabara de dar à luz uma filha.

Sua orgulhosa linhagem ia extinguir-se por falta de um descendente masculino. Por esta razão, um frio silencio envolvia o domínio.

Entretanto, no dia seguinte, o conde voltou a si e chamou a esposa, Beatriz, à cabeceira.

Ela hesitou em dizer a verdade ao marido que havia ansiosamente desejado um filho.

Uma piedosa mentira poderia permitir que o accidentado morresse em paz.

E a senhora Beatriz resolveu declarar, aproximando o bébé dos lábios do agonizante:

— E' um menino!

— Dar-lhe-emos o nome de Tristão, — murmurou o conde.

Ora, para grande estupefação de todos, uma semana mais tarde o fidalgo estava miraculosamente fora do perigo.

Sua robusta constituição lhe permitiu pronto restabelecimento e êle retomou a existência costumeira, na qual a caça tinha lugar preponderante.

Cada dia a senhora Beatriz queria revelar ao esposo que a criança era uma menina, mas adiava a penosa revelação. Passaram-se os meses e os anos. Apenas Berta, a ama, conhecia a verdadeira identidade de Tristão.

Um dia, a castelã foi atingida por súbito mal e sentiu aproximar-se seu fim; chamou à sua cabeceira a filha e a ama.

— Jurem-me não revelar a verdade ao conde, murmurou ela. Ninguém mais deverá saber...

Tristão, então com quatro anos, jurou, sem compreender; e Bertha soluçava.

Em seguida a condessa entregou uma carta lacrada à ama, dizendo-lhe:

— Você entregará isto a meu marido, quando Tristão tiver atingido dezoito anos.

Algumas horas mais tarde a condessa expirou e os dobres do sino da capela fizeram com que os servos compreendessem o luto que atingia o senhor d'Armoise.

O viuvo transferiu tôda a sua ternura para o filho e quis dar-lhe esmerada educação. Um padre muito sábio foi incumbido da instrução de Tristão e o escudeiro-mór Chilperico foi encarregado de ensinar-lhe equitação bem como o manejo das armas.

Se porém o religioso mostrava-se satisfeito com o aluno, o mesmo não se dava com o escudeiro-mór.

Tristão, medroso e timido, não tinha nenhum pendor pela esgrima. Chorava com o menor arranhão e revelava-se indigno de seu destemido pai, cuja cólera era grande.

— Você só será capaz de aprender a ler, escrever e estudar latim, meu filho? — disse-lhe êle um dia, rudemente. Vai querer ser um letrado ou um monge, ou entrar para um convento?

Sem lhe dar resposta, Tristão baixou a cabeça e se pôs a soluçar.

Um dia o pai encontrou Tristão, então com dez anos, ao lado da velha ama, que lhe estava ensinando a fiar.

E, dominado pela ira, sem suspeitar o quanto estava próximo da verdade, exclamou:

— Meu filho tem alma de mulher! Isto é uma vergonha, Tristão!

O que desconcertava mais, era ver que o rapazinho permanecia pequeno e fraco, e a saúde do conde ressentia-se, com aquele descontentamento.

Entretanto, Tristão era adorado por todos, pois tinha muito bom coração e sua bolsa estava sempre aberta para os infelizes.

Quando a criança completou doze anos, o conde D'Armoise decidiu levá-la à caça. Uma pobre corça foi acossada. E quando o pobre animal, ofegante, foi morto, Tristão se pôs a chorar.

Envergonhado com aquela fraqueza do seu descendente, o conde mandou que o filho fosse colocado numa masmorra durante quinze dias.

Se a pobre Beatriz tivesse visto o resultado da sua mentira!

Corajosamente Tristão suportava tôdas aquelas infelicidades.

Para suavisar sua sorte a menina poderia revelar a verdade, mas não quis quebrar a promessa feita à mãe

Uma menina, ai dela! Não passava disto, apesar dos seus trajes masculinos e da educação recebida. Seus cabelos muito louros, a pureza do encantador semblante e sua graça exasperavam o pai.

Que lhe importava aquela beleza? Gostaria de ver um adolescente bem desenvolvido, de braços vigorosos, de torax largo, um filho decidido a suceder-lhe e defender, em caso de necessidade, o seu feudo. E começava a temer seriamente que Tristão disso nunca fosse capaz.

Foi nesta ocasião que uma irmã do conde, a baronesa de Rochebrune, apelou para êle, pois seus dominios haviam sido atacados e, sendo só e viuva, precisava de ser socorrida.

Sem detença, o senhor d'Armoise reuniu sua guarnição e preparou-se para partir e combater. Naturalmente Tristão, que estava então com desesseis anos, deveria acompanhá-lo.

Depois de longa cavalgada, a tropa chegou sob os muros do castelo situado e o conde acampou para passar a noite.

Ao alvorecer o combate começou.

Assim que Tristão viu correr o sangue de seus companheiros, empalideceu terrivelmente. Durante alguns minutos tentou dominar o pa-

vor, porém os gritos dos feridos e o fragor da batalha foram mais fortes que sua vontade; refugiou-se então na retaguarda e ocupou-se em cuidar dos ferimentos dos soldados com muito jeito e doçura.

Dois dias mais tarde, o senhor de Armoise estava vitorioso e as tropas inimigas fugiram desbaratadas.

Mas o semblante do vencedor mantinha-se sombrio. A atitude de Tristão atingira-o como uma flecha em pleno coração.

Convenceu-se de que o filho era um poltrão, um covarde; já não podia ter dúvidas. E tomou uma decisão terrivel e desapiedada.

Em plena noite foi bater à porta do quarto ocupado por Tristão, no castelo da baroneza de Rochebrune.

A moça abriu incontinenti a porta, mas à tênue claridade de uma vela, o Senhor não podia perceber que seu filho tinha uma constituição feminina.

— Tristão! — disse, deixando-se tombar num escabelo, — Preciso falar-lhe em particular.

— Escuto-o, meu pai — balbuciou Tristão.

— Você bem sabe que, desde a sua inqualificavel fuga, não lhe dirigi mais a palavra, pois minha vergonha era grande demais. Você desonra o nome que usa. Por isto decidi que partirá esta noite mesmo, sem se despedir de ninguém.

— E para onde irei, meu pai?

— Para longe, bem longe, e não quero nunca mais tornar a vê-lo.

— Meu pai, o senhor está me expulsando? — exclamou Tristão atirando-se aos pés do conde.

— Levante-se. E' preciso obedecer! Não me reapareça senão depois de ter realizado um ato de heroismo do qual eu tenha a prova. Suponho, por conseguinte, que nunca mais voltará. Pegue esta bolsa.

Apesar do seu desgosto, Tristão compreendeu que deveria obedecer. O "ato heróico" exigido estava sendo realizado, conservando em silêncio a promessa feita outrora a uma moribunda.

— Posso levar minha guitarra? — pediu. Penso que ela me ajudará a ganhar o pão, pois sou muito fraco para adotar uma profissão mais árdua.

— Leve sua guitarra e torne-se trovador, se isto lhe apraz — replicou-lhe o conde, furioso.

E Tristão partiu.

Caminhava depressa e os pensamentos turbilhonavam em seu cérebro. Viajar sem escolta pelas estradas, nos tempos antigos, equivalia a expôr-se a maus encontros. Os bandidos nelas pululavam. Sabia que estava correndo o risco de ser roubada e enforcada numa árvore. Era-lhe impossivel refugiar-se num mosteiro, como teria feito se fosse um rapaz, pois repugnava-lhe iludir os religiosos, quanto à sua personalidade. Vestido como estava, um convento feminino não a recolheria.

E Tristão seguiu seu destino.

Quando, porém, a velha ama soube, na volta do conde, do desaparecimento misterioso de Tristão, apressou-se em entregar-lhe a carta escrita pela condessa.

Então o conde d'Armoise compreendeu que havia expulsado a filha e sua dor foi extrema. Mandou selar os cavalos mais velozes e enviou mensageiros por toda a região com ordem de trazer a jovem.

Tristão, porém, não foi encontrado em parte alguma.

Deveria, entretanto, voltar três anos mais tarde, acompanhada por um senhor de alta linhagem que vinha pedir ao pai a sua mão. Tornou-se prodigiosamente bela e seu espírito atilado havia aproveitado as lições que lhe foram dadas outrora. Era instruida, numa época em que as mulheres ainda não o conseguiam ser.

Confuso, o conde d'Armoise abriu os braços para a filha e disse-lhe sorridente:

— Compreendi tarde demais que mais vale uma boa filha do que um mau filho.

BEC

— Os dois engenheiros estão de mal . . .

A VELHA E O BATALHÃO

BOSC

HIGIENE DOS OLHOS

1 — Não leias onde houver pouca luz.

2 — Evita que a luz te venha de frente; deve vir do lado esquerdo e pela altura do ômbro.

3 — Não leias com luzes muito vivas, e evita as mudanças bruscas de claridade.

4 — Não leias também recostada nem deitado: nessa direção vicia-se a posição dos olhos.

5 — Nas viagens, não leias por muito tempo: a trepidação cansa os músculos de acomodação.

6 — Depois de leitura demorada e em geral sempre que sentires os olhos cansados, é bom espraiá-los em objetos distantes.

7 — Não esfregues os olhos com as mãos e ainda menos com lenços ásperos.

QUE FIZ HOJE?

POUCAS, ou talvez raras, as pessoas que encerram a jornada quotidiana com um balanço de suas atividades, procurando verificar se aproveitaram bem o tempo e se executaram todas as tarefas programadas.

Conta-se que Pitágoras praticava, todos os dias, exercícios de autocrítica dos seus atos, como medida de economia de tempo e de higiene mental.

Goethe, tinha por hábito fazer, todas as noites, a seguinte introspecção — "Que fiz hoje? — Como aproveitei o dia? — Em que?"

Os verdadeiros realizadores não prescindem desta prática, como recurso básico para tirar o máximo rendimento das suas atividades.

Um exemplo notável é o de Benjamim Franklin, que desde muito jovem se ocupou não só em ter método, como em ensinar aos outros a maneira de o adquirir.

O indivíduo que procede deste modo, não pode deixar de progredir. E não só do ponto de vista pragmático; também do ponto de vista espiritual.

Que se pode comparar, ao término de uma jornada de trabalho, à alegria de um balanço positivo, isto é, de realizações honestas?

O dia bem ganho, contudo, não é aquele em que se "ganhou" bastante; mas o dia em que melhor se conseguiu, também, satisfazer as tendências intelectivas e as inclinações vocacionais.

Além de se ter dado boa aplicação ao tempo, não se perdeu ocasião para acrescentar algo aos próprios conhecimentos.

— Qual o nome de homem que, aumentando-lhe 100, em caracteres romanos se transforma em um antropófago?

— Qual o nome masculino que, tirando-lhe 50, em caracteres romanos, se transforma em avarento?

— Qual o nome de mulher que, aumentando-lhe 100, se transforma em flor?

O MÁSCARA DE FERRO

A ilha de Santa Margarida, situada no Mediterrâneo, perto de Cannes, atrai sempre muitos visitantes, que ali vão contemplar a prisão onde esteve o "Homem da máscara de Ferro", êsse misterioso prisioneiro que deu causa a diversas lendas. Diziam-no irmão gêmeo de Luis XIV e que ali fôra pôsto em reclusão porque, parecendo-se muito com o rei, receavam uma substituição criminosa. Outros afirmavam que era filho de Carlos II da Inglaterra. Funk-Brentano, membro do Instituto de França, estudando o assunto, chegou à conclusão de que o "Máscara de Ferro", que usava, aliás, simples máscara de veludo ou de pele, foi o Conde Hércule Antoine Mathioli, Ministro de Estado de Carlos de Gonzaga, Duque de Mântua. Êsse diplomata italiano, que nasceu em Bolonha em 1640 e morreu na Bastilha em 1703, depois de ter estado em Santa Margarida, traíu o Duque, seu senhor e o rei da França, por venalidade.

Prêso, foi raptado por ordem de Luis XIV, a 2 de Maio de 1679, e encerrado no Pinheiral, donde foi transferido para Santa Margarida; aí permaneceu mais tempo, indo depois para a Bastilha, onde faleceu a 19 de Novembro de 1703.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

ERA MUITO DIFERENTE!

— A calça está apertada?
— Estava...

PÃO COM 4.000 ANOS

COMO é sabido, os antigos egípcios colocavam nos túmulos jóias e objetos de uso dos defuntos, bem como alimentos, a fim de que as almas dos que morriam tivessem provisões enquanto esperavam a vez de serem acolhidas por Osiris. Há pouco foi achado no sarcófago de um soberano egípcio da trigésima dinastia, um pão que, depois de quatro mil anos, se encontrava em perfeito estado de conservação. Os cientistas que o examinaram, declararam que êsse pedaço de pão ainda conservava as suas qualidades nutritivas.

Quanto à dureza, nada se sabe...

DUELISTAS... VALENTES

CAMARADAGEM

EXISTE muitas vezes bastante amizade entre animais de gênero absolutamente diferente, mas que vivem continuadamente perto uns do soutros. Eis, por exemplo, um caso muito curioso de simpatia entre um cavalo e uns patos.

No meio dum prado, em frente duma bonita quinta, na Inglaterra, havia um pequeno tanque, onde folgavam e se espanejavam uns belos patos.

Um dia, estes últimos fizeram de repente tanta bulha, que o quinteiro saiu ràpidamente de casa para verificar o que se passava. Qual não foi o seu espanto ao notar que uma raposa segurava um pato na bôca, e que o seu cavalo ,ao passar não longe do tanque se hávia precipitado sobre a agressora, a quem fizera largar a presa, agarrando-a com os dentes.

O cavalo não se contentou apenas em obrigá-la a abandonar o pato, mas conservou-a dentro da água, até à chegada do dono, que [illegible] correndo, para êle.

O CUCO

Com o trabalho que dêsde o alvor enceta,
policiando os lugares onde habita,
de fazer casa o cuco não cogita.
Destroi as larvas da freirinha inquieta,
a defender a fronde, o ninho, a flor,
empolgado por sonho protetor.

HORMINO LYRA

Em solidariedade comovente,
cedendo-lhe outras aves o seu ninho,
chocam-lhe os ovos prazenteiramente
para criar-lhe os filhos com carinho;
pois cuco não é pássaro nefando:
êle está sempre os campos policiando.

DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS

IMPORTANTES descobertas arqueológicas tiveram lugar em Nimes, uma das mais antigas cidades da França. Numa região preparada para terraplanagem, destinada a receber linhas telefônicas, encontram-se riquíssimas moedas de bronze com a efígie do imperador romano Domiciano. Junto das moedas estavam fragmentos de cerâmica galo-romana. A leste da cidade, ao longo da estrada de Beaucaire, por onde se estendia, na antiguidade, a Via Domiciana, foram descobertas duas sepulturas que, segundo os cálculos técnicos, datam do primeiro século de nossa era. Vários objetos que formavam o mobiliário da sepultura foram quebrados durante os trabalhos de excavação, restando apenas fragmentos de vidraria.

A MALA ACABOU VENCENDO MESMO...

A LUZ DOS INSETOS

Entre os insetos capazes de produzir luz destaca-se no Brasil o pirilampo, muito conhecido de todos.

O que ainda não se pode explicar com precisão é a origem da luz que emite e sôbre a qual já se formularam várias hipóteses. Os órgãos luminosos são constituídos por células dispostas em lâminas, entre as quais se ramificam as traquéias. Segundo Dubois, estas contém guanina e grânulos rádio-cristalinos. Músculos especiais permitem o afluxo de sangue, produzindo a luminosidade. Outros cientistas consideram a fosforescência proveniente da simples oxidação do sangue em contacto com as traquéias — órgãos respiratórios do inseto, correspondentes ao pulmão humano. Os pirilampos, entretanto, produzem pouca luminosidade. Seriam necessários 38 dêsses insetos para obter a intensidade da luz de uma vela. Na Índia, porém, existe um escaravelho, daninho às plantações de cana de açúcar, onde vive, e que produz luz forte, bastando três ou quatro insetos juntos para que se possa lêr à noite. Os indígenas costumam reunir alguns dêsses escaravelhos num pedaço de tarlatana, onde conservam um pouco de cana para os alimentar, e servem-se dessa lanterna improvisada para andarem nas matas durante a noite.

TRUQUE

A MORTE DA ÁGUIA

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

A bordo vinha uma águia. Era um presente
Que um potentado, -- um certo rei do Oriente,
Mandava a outro: um mimo soberano.
Era uma águia real. Entre a sombria
Grade da jaula o seu olhar luzia,
Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ela curvava
Ao níveo colo a fronte que cismava.
E enquanto as ondas túrbidas gemiam
Ao som do vento em fúnebres lamentos,
Ela pensava nos longínquos ventos
Que do Himalaia os píncaros varriam.

Fôra uma infame e traiçoeira bala,
Que, do régio fuzil negra vassala
Invisível — uma asa lhe partira:
Cheia de luz, tranquila, majestosa,
Dobrando a fronte branca e poderosa,
Aos pés dum rei a água real caira.

Os bonzos vis, proféticos doutores,
Sondando-lhe a ferida e as cruas dores,
Que um venenoso bálsamo tentava
Apaziguar em vão — diziam rindo:
"Não há no mundo um exemplar mais lindo.
Vale um império". — E a águia agonizava.

Um dia, enfim, o animal valente
Resistindo aos martírios, — largamente
Respirou a amplidão. A asa possante
Abrir tentou de novo. Aberta estava
A jaula colossal que o esperava:
Forçoso era partir. Desde êsse instante

A águia sombria e muda e pensativa,
Solene mártir, vítima cativa,
Terror dos vis, e símbolo dos bravos,
Pediu a morte a Deus. Pediu-a ansiosa,
Longe, porém, da côrte vergonhosa
Dêsse covarde e baixo rei de escravos.

Pediu a morte a Deus, ao cataclismo,
Às convulsões elétricas do abismo,
Às batalhas do ar! Morrer num grito
Vibrante, imenso, heróico, soberano
E fremente rolar no azul do oceano
Como um titã caido do infinito.

Morrer livre, cercada de vitórias,
Com suas asas — pavilhão de glórias —
Inundadas da luz que o sol espalha:
Ter o fundo do mar por catacumba,
As orações do vento que retumba,
E as cambraias da espuma por mortalha.

Entanto, melancólica, tristonha,
Como um gigante mórbido que sonha,
Fitava, às vezes, o revôlto oceano
Com êsse olhar nublado e delirante
Com que saudava o Cesar triunfante
O moribundo gladiador romano.

O comandante, urso do mar bondoso,
Disse um dia ao escravo rancoroso,
Ao carcereiro estúpido e inclemente:
"Leva-o ao convés. Verá que êsse desmaio
Basta, para apagá-lo, um brando raio
Do largo sol no rúbido oriente".

Subiu então a jaula ao tombadilho:
Do nato dia o purpurino brilho
Salpicava d luz o céu nevado...
E a águia, elevando a pálpebra dormente
Abriu as asas ao clarão nascente
Como as hastes dum leque iluminado

O mar gemia, lôbrego e espumante,
Açoitando o navio; além, distante,
Nas vaporosas bordas do horizonte,
As matutinas névoas que ondulavam
Em suas várias curvas figuravam
Os largos flancos triunfais dum monte.

"Abre-lhe a porta da prisão" (ridente
O comandante disse): "esta corrente
Para conter-lhe o vôo é mais que forte.
Voar! Pobre infeliz! Causa piedade!
Dê-lhe um momento de ar e liberdade
Único meio de a salvar da morte".

Quando a porta se abriu, como uma tromba,
Como o invencível furacão que arromba
Da tempestade as negras barricadas,
A água lançou por terra o escravo pasmo
E, desprendendo um grito de sarcasmo
Moveu as asas sôltas e espalmadas

Pairou sôbre o navio, imensa e bela,
Como uma branca, uma isolada vela
A demandar um livre e novo mundo;
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,
E, como um turbilhão de águas frementes,
Zunia o vento na amplidão, profundo.

Ela lutou, ansiosa! Atra agonia
Sufocava-a. O escravo lhe estendia
Os miseraveis e covardes braços!
Nu o oceano ao longe scintilava.
E a rainha do ar em vão buscava
Onde pousar os grandes membros lassos.

Sôbre o barco pairou ainda, e alçando,
Alçando mais os vôos e afogando
Na luz do sol a fronte alvinitente.
Ébria de espaço, ébria de liberdade,
Como um astro que cai da imensidade,
Afundou-se nas ondas, de repente.

Salve!

1958

Almanaque D'O TICO-TICO

TENDO festejado, na edição do ano passado, o seu primeiro meio-século de vida, entra agora o ALMANAQUE D'O TICO-TICO em outra fase de sua existência, toda ela dedicada a alegrar e instruir a infância brasileira.

Este anuário, que é o mais antigo e de maior tradição do país, quando comparece, agora, às bancas de jornais, para ser vendido, não está, como durante tantos anos, sòzinho. Outros Almanaques têm surgido e surgirão, por certo, com a mesma finalidade de conquistar a criançada, proporcionando-lhe horas de alegria e divertimento. Contudo, é com orgulho que constata que, apesar disso, ainda é o preferido, ainda merece as honras da unânime acolhida de pais, educadores e das próprias crianças, que nêle encontram a melhor companhia e sempre um amigo e bom conselheiro.

Ao aparecer mais uma vez, o ALMANAQUE D'O TICO-TICO deseja a todos um novo ano feliz.

COMO SE ACHAM AS FESTAS MÓVEIS NO CALENDÁRIO

As festas móveis são oito: Septuagésima, Cinza, Páscoa da Resurreição, Ladainhas ou Rogações, Ascenção, Pentecostes, Trindade e Corpo de Deus. Para se saber a quantos e de que mês serão as ditas festas em qualquer ano, se há-de saber quais são o Áureo número e a letra Dominical do ano em questão. Sabido o Áureo número daquele ano, o buscarão no Calendário desde 7 de março até 4 de abril, e achado, contarão dele 15 dias adiante *inclusivé*, e na primeira letra Dominical, que acharem daquele ano depois de contados 15 dias, será a festa da Páscoa da Ressurreição. E se contando o décimo quinto dia, acertar a parar na letra Dominical daquele ano, não se fará conta dela, senão da outra que se segue. Achada a Páscoa da Resurreição, se entenderão as mais festas móveis, com se saber quanto estão apartadas da Páscoa; o que se saberá pela Taboa seguinte, notando que a Septuagésima e Cinza, sempre caem antes da Páscoa da Resurreição:

Da Páscoa à Septuagésima vão 64 dias.

Da Páscoa à Cinza vão 47 dias.

Da Páscoa às Ladainhas vão 37 dias.

Da Páscoa à Ascensão vão 40 dias.

Da Páscoa ao Espírito Santo vão 50 dias.

Da Páscoa à SS. Trindade vão 57 dias.

Da Páscoa ao Corpo de Deus vão 61 dias.

E note-se que todos estes dias se contam *inclusivè*, isto é, contando o dia da Páscoa até a outra festa, como se entenderá por este exemplo: Para saber, no ano de 1962, a quantos de que mês será a Septuagésima, veja-se o dia da Páscoa pela sobredita regra, e acharão que será a 20 de abril: pois contem-se do mesmo dia de Páscoa para trás 64 dias, e achado o número 4 aí será o Domingo da Septuagésima, que é a 16 de fevereiro, e com esta ordem se acharão as outras festas móveis.

Onde estarão as crianças?

Papai Noel está colocando os brinquedos na árvore de Natal e... pensa que ninguém o vê. Puro engano. Se você reparar bem, descobrirá cinco crianças escondidas nas imediações dele, observando a colocação dos presentes, com toda a curiosidade...

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

PREÇO CR$ 40,00

(51.º ano de publicação)

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA S. A. "O MALHO"

Diretor:
ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Caixa Postal 880

RIO DE JANEIRO

Uma BOA AÇÃO

A senhora Isaura era uma mulher de idade, magra e alta, de gestos ásperos, com a ponta do nariz sempre vermelha, apesar de não beber uma gota de vinho ou de licor.

Era muito original. Não dirigia a palavra a ninguém, fosse rico ou pobre; porém, por intermédio do prefeito do lugar, fazia benefícios aos que necessitavam e por isso era muito querida na aldeia.

Como tinha ido parar alí? Por que se instalara naquele povoado tão humilde? Não tinha um só parente. Não recebia cartas nunca, quer dizer, recebia uma apenas que era sempre esperada; vinha de Londres e devia trazer muito dinheiro. Com êsse dinheiro, a velha senhora havia construído um "chalet" no alto da colina e tôdas as manhãs, quando o tempo era bom, descia com o caniço para se dedicar ao seu esporte favorito: a pesca. A pesca era sua paixão. Pescava sempre muitos peixinhos, que eram colocados em um samburá. E quando êste estava cheio, ria e ficava feliz.

Aconteceu que um dia, ao puxar o fio do caniço de pescar, ou por se aproximar demasiadamente da borda, ou por escorregar, sem conseguir sustentar-se, foi cair na água, sendo logo arrastada pela correnteza.

A senhora, como boa inglesa, tinha praticado na mocidade todos os esportes, sabendo, portanto, nadar. Uma coisa porém é saber nadar e outra é ter idade ainda para fazê-lo. Além disso, o pêso da roupa molhada dificultava-lhe mais os movimentos, e a pobre senhora, que ao cair soltara um grito, agora se debatia, lutando com os pés e as mãos para se salvar.

Felizmente, naquele momento, Pedrinho passeava pelas proximidades com o seu cão. Este atendia pelo nome de Belzebú, nome extravagante, escolhido pelo pai de Pedrinho, que era o guarda do bosque. Tinha justamente escolhido êsse nome para o cachorro, para atemorizar os caçadores, que eram muitos.

Na realidade Belzebú, a não ser açulado por seu patrão, ou provocado por algum cãozinho atrevido, era o cachorro mais bem comportado e manso do mundo.

Tinha olhos profundos e inteligentes, corpo grande e forte e uma bôca com uma dentadura capaz de triturar não só os ossos de lebre que lhe dava seu patrão, como também um punhado de pedras.

Todo seu carinho era para Pedrinho; acompanhava-o sempre, defendendo-o de todos os perigos, tanto que, se alguém o olhava ou o tratava mal, êle se punha a latir, furioso, disposto a atacar como um leão.

Pedrinho e o cão vinham, pois, como já dissemos, passeando, quando ouviram o grito, depois de presenciar a queda da senhora. Foi questão de um segundo. Pedrinho com um gesto açulou o cão, que por sua conta

já se dispunha a entrar em ação. Deu um salto e em quatro pernadas já se achava ao lado da senhora que estava a ponto de se afogar. Imediatamente se aferrou com os dentes à gola do vestido da inglesa e, nadando, arrastou-a até à margem, tendo o cuidado de que sua cabeça permanecesse fóra dágua.

E assim o valente Belzebú chegou à margem. Pedrinho quís ajudá-lo; com a água até os joelhos caminhou ao seu encontro, conseguindo finalmente suspender a pobre senhora que estava desmaiada, conduzindo-a a salvo deitando-a sôbre a relva da margem. Não sabia, porém que fazer, temendo que estivesse morta; enquanto o cão latia fortemente, como que dizendo:

— Se não sabes o que fazer, chamarei teu pai.

E o guarda, que naquele instante rondava por perto, ao ouvir os latidos insistentes do cão, veio em seu socorro. Então, sem perda de tempo, ao ver o que acontecera, pegou nos braços da senhra e, movendo-os para cima e para baixo, fê-la voltar a si.

Depois levou-a para sua casa, uma modesta cabana, onde a esposa a acomodou perto do fogão para aquecê-la e secar sua roupa, reconfortando-a com uma xícara de café com leite quente.

Com tantos cuidados e amabilidades, em pouco tempo ela se restabeleceu, dispondo-se a se retirar para sua casa, mas, antes de fazê-lo, acariciou Pedrinho e perguntou o seu nome.

No umbral da porta achava-se Belzebú tomando sol. A senhora passou por êle sem sequer olhá-lo, e o cão, parecendo notar a atitude da senhora, atirou um olhar para o menino, como querendo dizer:

— que belo agradecimento, hein?

Pedrinho compreendeu perfeitamente aquele olhar, e respondeu-lhe com um sorriso.

Passado, mais ou menos, um mês, chegou em casa de Pedrinho um empregado do prefeito dizendo a êste e a seus pais:

— O chefe deseja vê-los em seu gabinete, pois lhes precisa falar.

Chegando ao palácio da prefeitura, foram conduzidos ao gabinete de honra, onde se achava sentado o governador, tendo ao lado a senhora que tinha sido socorrida pelo cão e pelo menino, assim como outras pessoas.

O prefeito, quando avistou Pedrinho, fez sinal para que se aproximasse, e, pegando em um papel se pôs a lê-lo, explicando que, de acôrdo com o pedido da nobre senhora Isaura William, e também por sua iniciativa, conferia a Pedrinho uma medalha de prata, como prêmio pelo salvamente que praticara.

Pedrinho, porém, que não era capaz de se aproveitar da glória alheia, exclamou:

— Quem merece a medalha não sou eu, e sim Belzebú...

E, inclinando-se, pôs a medalha no pescoço do cão, que estava a seus pés e que, passando a lingua no focinho, parecia dizer satisfeito:

— Agora, sim!

— Que bela ação! Que nobreza de sentimentos para um pequeno camponês! — exclamou a senhora, que não pôde conter as lágrimas, abraçando Pedrinho, a quem presenteou também com uma bonita bicicleta.

TRADUÇÃO DE MARIA MATIDE

O 4.º REI MAGO

O primeiro dos Reis Magos chamava-se Gaspar. A sua oferta foi de ouro puro — um cálice. Talvez um anjo se serviria dele mais tarde no Gólgota, para recolher o sangue das mãos crucificadas.

Atrás dele, Melchior. Nome e atitude fazem pensar em Melquisedéque, o rei-sacerdote de Salém. Melchior, revestido de vestes socerdotais, oferece incenso ao Deus-Menino.

Por trás deles há um Mouro, o negro Baltasar. O seu presente é de mirra, recolhida talvez sôbre o Sinai, monte que todo tinha sido como um turíbulo imenso a fumegar quando Javé desceu à falar com

Mas uma lenda antiga conta que quando estes três Reis depuseram as suas prendas diante do Menino e Sua Mãe, Jesús não sorriu. S. José ficou contente com o cálix de ouro; Moisés...

Maria sentiu-se honrada com o incenso fumegante como o que vira fumegar no templo de Jerusalém, onde passara a meninice, e, com os olhos marejados de lágrimas, guardou a mirra no seio...

Mas o Menino não estendeu as mãozinhas para o ouro brilhante, o fumo só provocou tosse em seus pequeninos pulmões, e a mirra apenas fez com que Êle também chorasse ao ver chorar a Mãe.

Os três Santos Reis despediram-se com o sentimento de quem não tinha sido devidamente apreciado.

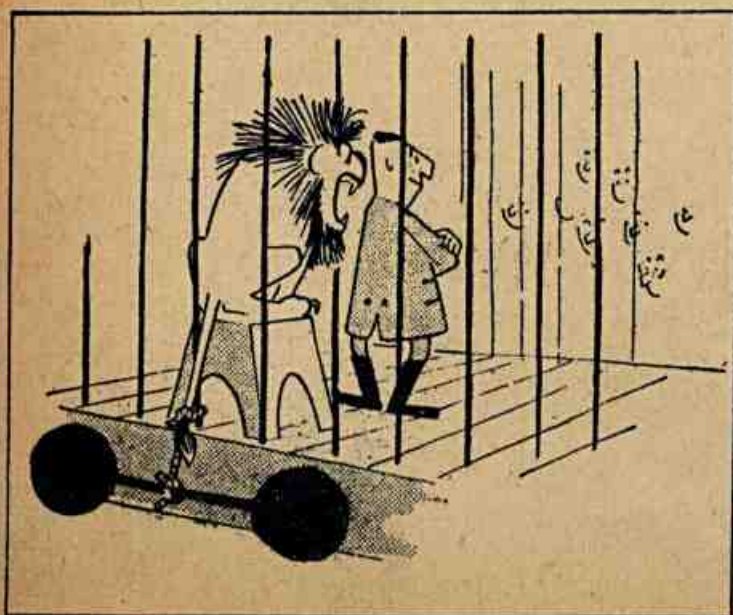
Mas quando as bossas de seus camelos desapareceram por detrás das montanhas, veio um quarto Rei.

Era a sua pátria o país que banha o Golfo Pérsico, sua oferta eram três pérolas preciosas.

Também êle, mal vira a estrêla, uma tarde, nos roseirais de Chiraz, se levantara imediatamente e abandonara tudo para ir adorar o Rei nascido no Oriente. Tentando dissuadí-lo do seu intento, o copeiro ofereceria-lhe capitoso vinho, e a esposa de olhos negros chorava sôbre as almofadas do divã... Mas debalde. O rei da Pérsia pegou no tesouro mais raro — três grandes pérolas brancas, do tamanho de ovos de pomba — e pôsse a caminho do lugar onde vira brilhar a estrêla.

E lá chegou... Porém, tarde demais. Os três outros reis já se tinham ido embora. Êle chegou tarde... e de mãos vazias. Já não trazia as pérolas.

Abriu lentamente as portas do estábulo onde se encontrava a família santa. Caia a tarde. A gruta ficava escura. Um vago perfume de incenso pairava no ar, como numa igreja depois da bênção. S. José estava a ajeitar a palha da manjedoura para a noite. Jesús re-

Valente Domador

UM CONTO DE JOERGENSEN

ousava no regaço da Mãe, que o embalava docemente, enquanto cantava a meia-voz uma dessas canções de embalar que se ouviam de tarde pelas ruas de Belém.

Lentamente, como a medo, o rei dos Persas avançou, e foi lançar-se aos pés do Menino e da Mãe. Lentamente, como a medo, começou a falar.

— "Senhor — disse — não pude vir junto com os três outros reis que Vos renderam homenagem e ofertaram presentes. Também eu trazia para Vós uma pobre oferta, três pérolas preciosas do tamanho de ovos de pomba — três pérolas autênticas do Mar da Pérsia.

Mas não as tenho já. Quando ia passar a noite numa hospedaria, dei com um velhinho a tremer de febre, deitado num banco do átrio. Ninguém tratava dele, porque não trazia dinheiro. Tinham-no ameaçado até que o punham na rua no dia seguinte — se não morresse antes, coitado. Era muito velhinho, Senhor, de barba muito branca. Dava-me a idéia de meu pai. Perdoai-me, Senhor. Peguei numa das pérolas e entreguei-a ao hospedeiro para êle lhe arranjar um médico que o tratasse, e, se viesse a morrer, o enterrasse honradamente em terra benta.

No dia seguinte continuei viagem. Apertei com o cavalo a ver se conseguia juntar-me aos outros reis. O caminho seguia por um vale deserto semeado apenas de rochedos e de giestas de flôr dourada. E foi justamente dum dêsses matagais que ouvi soltar-se um grito. Apeei-me do cavalo e fui encontrar um bando de soldados que tinham prendido uma rapariga e a maltratavam com violência. Eram muitos: não podia bater-me com ê l e s. Perdoai-me, Senhor! Como não via outro remédio, peguei na segunda pérola e comprei com ela a liberdade da rapariga.

Restava-me apenas uma pérola. E queria trazer-vo-la, Senhor. Não passava muito do meio-dia. Antes de anoitecer já poderia estar em Belém aos Vossos pés. Mas passei por uma povoação a que os soldados de Herodes tinham lançado fogo. Aproximei-me e soube que se tratava duma vingança do Rei. Deparou-se-me esta cena aterradora: um soldado, com uma criança nua dependurada pelas pernas, desafiando a piedade da mãe, que em gritos desesperados, de mãos erguidas e de joelhos em terra, suplicava, com lágrimas, misericórdia. E eu, Senhor — perdoai-me! — peguei na última pérola e entreguei-a ao soldado para êle restituir o filho à mãe. Êle aceitou e deu-lho. E é por isso, Senhor, que venho de mãos vazias. Perdoai-me.

Depois de terminar a narração, o rei ficou ainda algum tempo de joelhos e de olhos baixos. Depois, levantou-os. S. José acabara de ajeitar a palha. Maria fitava o Menino, que apertava ao seio. Estaria Êle dormindo? Não, Jesús não dormia. Lentamente voltou-se para o rei da Pérsia, estendeu as mãozinhas para os mãos do rei, e sorriu.

ASSALTANTE CASTIGADO

SÓ FAZENDO MESMO A EXPERIÊNCIA...

UM TREM SAI ÀS 9.15 DO RIO PARA S.PAULO À VELOCIDA.
DE DE 52 KM/H., ENQUANTO QUE DE S.PAULO SAI UM PARA O RIO À MESMA HORA, PORÉM À VELOCIDADE DE 38 KM./H.
A QUE HORAS SE ENCONTRARÃO OS TRENS, SABENDO QUE.... etc..

Matemática

MUITO DIFÍCIL! VOU PERGUNTAR AO MEU TIO QUE É CHEFE DE ESTAÇÃO!

MENINO, É MESMO DIFÍCIL, VAMOS PERGUNTAR AO DIRETOR DA ESTRADA

NÃO CONSIGO ENCONTRAR A SOLUÇÃO!
MAS TENHO UMA IDEIA!
VAMOS RESOLVER ÊSTE PROBLEMA!
DEPÓSITO DE LOCOMOTIVAS
J. BRAGA 57

O SONO

O tempo normal do sono, no adulto, representa a terça parte da nossa existência. Na infância, é de dois terços, e na juventude, metade.

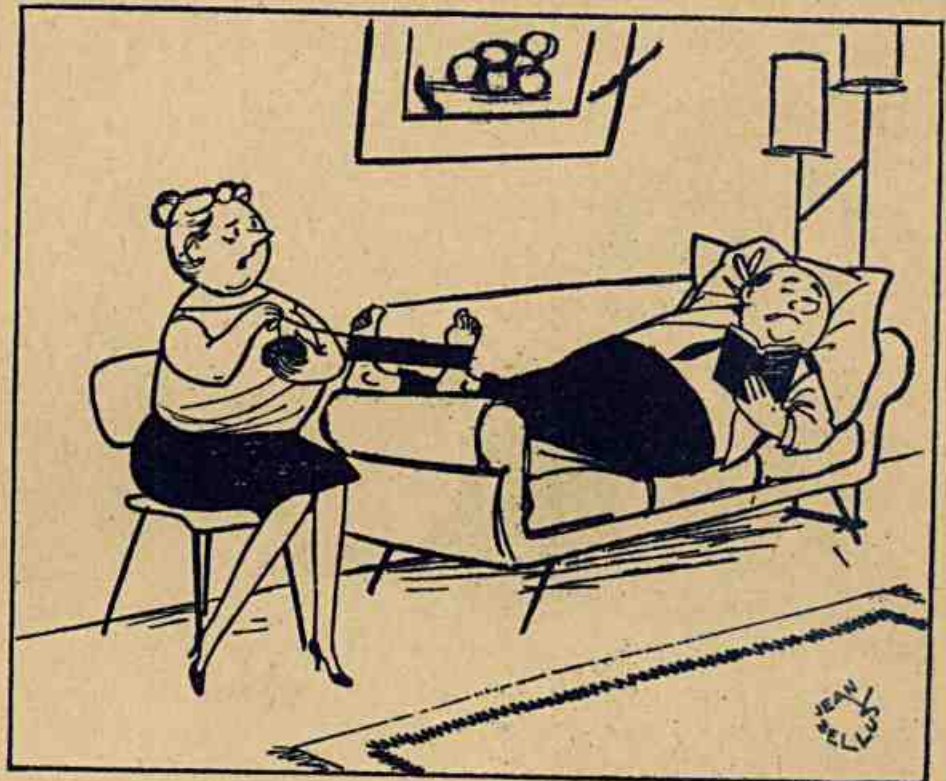
O tempo consumido a dormir sossegadamente não é tempo perdido, mas tempo ganho a refazer as forças físicas, psíquicas e mentais gastas durante a vigília.

O sono compensa-nos da fadiga, mesmo que durante o dia não tenhamos feito esforços que, à primeira vista, o reclamem. E' que o sono não só repara o esgotamento físico como as forças psíquicas e mentais.

Que duração deve ter o sono normal ? E' variável:

Dos 3 aos	5 anos,	15 horas
Dos 5 "	7 "	13 "
Dos 7 "	10 "	12 "
Dos 10 "	15 "	10 "
Dos 15 "	20 "	9 "
Depois dos	20 "	8 "

Ainda que o não pareça, o sono é um alimento que nutre mais do que aquilo que ingerimos para nos alimentarmos. E a prova é que se morre mais à mingua de sono reparador do que por falta de alimentação.

Não dormir é envenenar o organismo. O sangue e o líquido céfalo-raquidiano das pessoas que sofrem de insônias, contém uma substância albuminóide tóxica (a hipnotoxina) que provoca graves perturbações nervosas, tais como sensibilidade demasiada às variações térmicas, diminuição da memória e das reações mentais, impossibilidade de manter a atenção, palidez, rosto ansioso, etc., consequência, em grande parte, de uma rutura do equilíbrio vago-simpático.

O sono insuficiente conduz ao enfraquecimento, à magreza, à velhice precoce.

Por outro lado, o excesso de tempo de sono é também prejudicial, provoca dores de cabeça, pêso cerebral, atonia das vias digestivas, língua saburrosa, prisão de ventre, preguiça.

No entanto, antes pecar por excesso do que por carência.

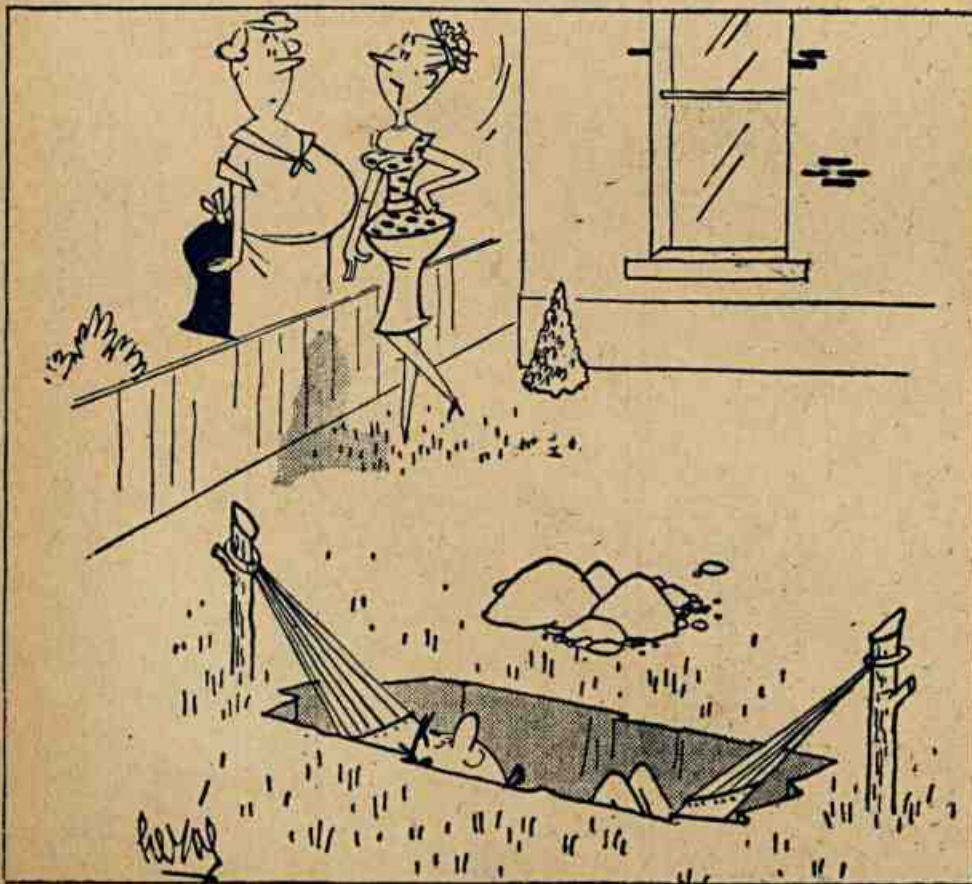
As horas de sono devem ser sempre as mesmas e não à vontade de cada um. A lei do rítmo é a lei suprema da vida. Levantar à mesma hora e deitar à mesma hora é um hábito do maior alcance para se obter boa saúde.

Quando nos deitamos é para dormir, descansar o corpo e o espírito, e não apenas o corpo. Assim, depois de nos acomodarmos no leito, na posição mais agradável, devemos relaxar todos os músculos e deixar que o corpo se amolde bem ao leito.

Não devemos, ao dispormo-nos para dormir, pensar senão em dormir, esvaziando o cérebro de quaisquer outras preocupações.

Quem se deita e fica a pensar em negócios, em aventuras, em projetos, não pode ter sono tranquilo.

O sono, diz-se, é irmão da morte. Pois se assim é, façamos de conta que morremos quando nos estendemos na cama, deixando de pensar. Para quem assim procede, não há insônias, e, portanto, há saúde e boa disposição para o trabalho.

O CASAL SE ENTENDIA BEM...

— *Cortei as árvores mas não adiantou nada!*

O Corvo, a Raposa e... Coca-Cola

A Raposa vinha andando pela estrada, com uma sêde danada...

...de repente viu o Corvo num galho de árvore tomando uma gostosa Coca-Cola.

A Raposa ficou logo com água na bôca, e teve uma idéia...

...começou a bajular o Corvo.

— SR. CORVO, O SR. TEM UMA VOZ TÃO BONITA!... CANTE ALGUMA COISA...

O Corvo que nunca tinha ouvido um elogio assim, abriu o bico...

...e a Coca-Cola caiu lá embaixo, para alegria da esperta Raposa.

BEBA Coca-Cola

Igual a Coca-Cola... só outra Coca-Cola!

O Caminho da Felicidade

NO alto de uma montanha vivia um mágico que passava as noites observando as estrêlas e que tinha a fama de ser o maior sábio do mundo. Todos acorriam a êle para lhe pedir conselhos e ensinamentos e poucas vêzes alguém saía sem uma palavra de confôrto ou uma sensata advertência, que devia seguir sem vacilações.

Um dia, o sábio viu subir a íngreme encosta, que conduzia à sua morada, um jovem vestido modestamente. Quando chegou ao alto, o mágico o recebeu, indagando:

— Quem és? E que desejas?

— Sou — respondeu o rapaz — Sady, o filho de Abraão, o ferreiro. Perdi meus pais e acho-me só no mundo.

— Que queres? — interrogou o sábio.

— Quero alcançar a felicidade e vim perguntar-lhe como conseguirei isto.

— De muitas maneiras — disse Saul, assim se chamava o sábio. — Porém não me compete dizê-las. A felicidade se obtém por si mesmo e não consiste na riqueza nem do poder, nem na glória.

— E em que consiste, então? — perguntou Sady.

— Não posso dizê-lo. Apenas me é dado indicar-te o caminho pelo qual poderás encontrar a felicidade.

— E qual é? — inquiriu o rapaz ansioso.

— Não é um; são dois. Um conduz diretamente à felicidade; o outro, não. Tu terás que escolher.

— E onde estão êsses dois caminhos?

— Estás vendo aquele bosque? À direita e à esquerda

há dois caminhos. Tu escolherás em qual deves entrar.

— Dê-me, porém, algum conselho. Qual dos dois devo preferir? — suplicou o jovem.

O mágico moveu a cabeça, negativamente. Nada podia fazer.

Sady desceu a íngreme encosta e, quase correndo, chegou ao bosque.

Lá, efetivamente, encontrou dois caminhos. Um amplo, claro, com plantas floridas; o outro, estreito, escuro, cheio de mato de um lado e de outro.

— E' êste o caminho da felicidade — disse consigo. E penetrou resolutamente pela trilha mais ampla e mais clara. E seguiu aspirando o perfume das flôres e ouvindo com deleite o canto dos pássaros. E caminhou vários dias seguidos. Quando ficava cansado, deitava-se e dormia sob a sombra de uma árvore, e como alimento tinha deliciosos frutos ao alcance da mão.

Um dia, percebeu que o caminho se estava estreitando tanto que mal podia passar uma pessoa. Sady, entretanto, prosseguiu animado até que, de repente, estacou horrorizado. A seus pés, abria-se um profundo abismo, intransponível. Adiante tudo era sombra. O ruido de ondas bravias, fazia-o tremer.

Então, era assim que aquele caminho tão bonito o conduzia para a felicidade? Desanimado, deixou-se cair no chão a chorar. Êste sinal de fraqueza, porém, durou pouco. Sady compreendeu que homens fortes não se deixam abater por tão pouco. Sacudiu o pó da roupa e começou a fazer o caminho de volta. Depois de andar vários dias, encontrou finalmente o bosque. Olhou para a entrada do outro caminho e se deteve indeciso.

Depois entrou nêle resolutamente. As plantas espinhosas pegavam sua roupa e feriam sua carne. Muitas vêzes teve que andar de gatinhas, tão baixa era a vegetação. Em muitos pontos o chão estava coberto de agudos calhaus, que faziam sangrar seus pés. Os frutos que colhia para se alimentar eram ácidos ou amargos e só de vez em quando encontrava uma fonte onde sorvia algumas gotas dágua para acalmar a sêde.

Um dia — oh! surpresa agradável! — viu-se entre imensos campos cultivados. Viu também uma casinha branca, com um curral ao lado, onde o gado forte e saudável descansava.

E, de repente, surgiu à sua frente o sábio, que lhe disse:

— Tudo isto te pertence. Aqui serás feliz. Escolheste o caminho mais cômodo, acreditando que dessa forma serias feliz. A felicidade, porém, ouve bem, só se consegue com trabalho e esfôrço.

Felizmente te soubeste, corajosamente, sobrepôr a todos os dissabores e esta é a recompensa.

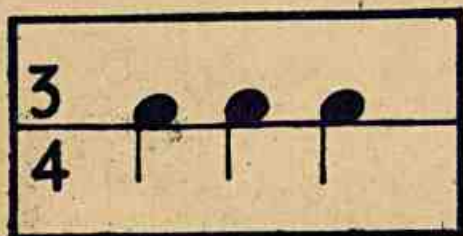
QUE DANÇA É ESTA?

AS danças se distinguem umas das outras pelo compasso, movimento, evoluções rítmicas etc.

Cada uma tem sua origem, sua história, e o conjunto dessas "biografias" é um estudo muito atraente e interessante.

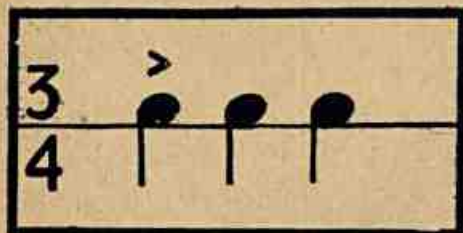
Nestas duas páginas — e é pena o espaço ser pequeno — vamos falar de algumas das mais conhecidas danças, dando uma rápida descrição de como apareceram, como evoluiram e de que elementos essenciais se caracterizam.

O MINUETO

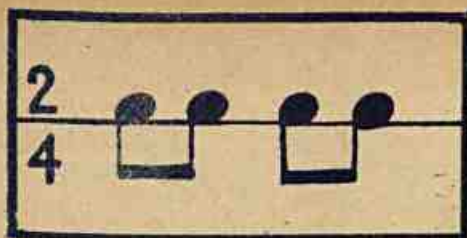
3/4

É uma dança francêsa, originária provàvelmente de uma dança popular de Poitou. Seu nome provém do vocábulo "menu" (minuto) que se refere à brevidade, e possìvelmente também à graciosidade dos passos. Mal subiu à dignidade de dança da Côrte (por mérito sobretudo do italiano Giovani Battista Luli), o que se deu no século XVII, na época de Luis XIV, moderou a sua andadura, que antes era vivaz e alegre. Luli e os francêses Couperin e Rameau escreveram esplêndidos minuetos; outros minuetos surgiram mais tarde, compostos por Bach, Mozart e Beethoven. Por mérito deles e dos mencionados musicistas, o minueto tornou-se uma criação de arte. Reproduzimos um trecho do célebre Minueto em Lá Maior de Luigi Boccherini (143-1805). O compasso da dança é ternário simples (três quartos); o movimento é moderado.

A VALSA

3/4

p cantabile

Provem provavelmente do "Ländler", dança popular alemã que deriva do verbo *walzen* (rodopiar, rodar). É a primeira dança na qual os bailarinos se mantêm enlaçados; seu aparecimento foi acolhido com entusiasmo por uns e protestos por outros. Firmou-se, entretanto, no fim do século XVIII. O compasso é ternário, o movimento assás variado: lenta é a valsa inglesa, rápida a vienense. Os reis da valsa são os dois Strauss, pai e filho, ambos de Viena; a capital desta dança deveria, pois, ser Viena. A valsa inspirou os maiores musicistas do século XIV. Citaremos Beethoven, Weber, Chopin, Schubert, Schumann, Liszt. E antes deles já havia inspirado Mozart e Clementi. O desenho rítmico é sintetizado por um esquema simplíssimo: três tempos, o primeiro dos quais fortemente acentuado. O trecho acima é do "Sonho de Valsa", de Oscar Strauss.

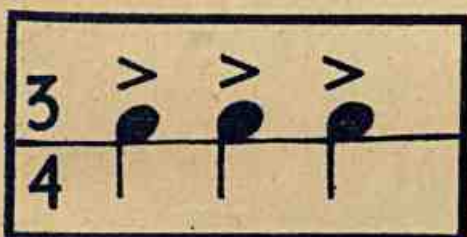
A POLCA

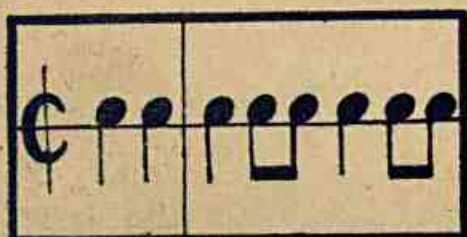
sempre molto staccato e pp

Surgiu em 1830 (aproximadamente) em Praga, de uma dança campestre boêmia, e difundiu-se com a virulência de uma epidemia por tôda a Europa, dominando ràpidamente os salões. Domínio relativamente breve foi o seu, pois no fim do século a dança começou a decair. Tal como muitíssimas outras danças populares, a polca entrou na música clássica; desta vez por mérito de dois boêmios paixonados pelo patrimônio musical de sua terra, Smétana e Dvorak. O compasso desta dança é binário; o movimento é rápido e saltitante, conforme demonstra o esquema rítmico. O trecho que publicamos como exemplo é extraído de uma página de Joann Strauss II (1825-1899), filho de Johann I, mestre supremo da dinastia dos "valsistas" vienenses, artista que se tornou tão célebre quanto o pai na criação de valsas populares mas não se descuidou de outras danças então muito em voga.

A MAZURCA

Vivace (♩= 160)

cresc.

p scherz.

Dança popular polonesa. Deriva dos Masuri, habitantes do antigo ducado de Mazovia. No princípio do século XIX, ela transpôs os confins da Polônia e difundiu-se ràpidamente pela Europa. É uma dança do compasso ternário, tal como a valsa, da qual se distingue, porém, por ser um tanto mais lenta, mais rica de figurações, e principalmente porque o rítmo, ao inverso do da valsa, exige que não só o primeiro tempo, como também o segundo e o trceiro, sejam acentuados. A mazurca é caracterizada pela variedade dos passos, que muitas vezes são improvisados pelos dançarinos. Escreveram mazurcas os poloneses Chopin e Szymanowski, e os russos Glinka e Tchaikovsky. Do grande Chopin, poeta da mazurca, damos o inicio da "Mazurca op. 7, uma das cinqüenta e sete que êle compôs para piano.

A GAVOTA

Outra dança francesa, originária, porém, da região de Gap, no Delfinado, cujos habitantes eram chamados "gavots". Do campo passou para a Côrte no reinado de Luiz XIV. É, pois, quase contemporânea do minueto com o qual sofreu igual sorte. Ambos foram popularíssimos por mais de um século e extinguiram-se no fim do século dezoito, devido à Revolução. Rameau, Luli, G. B. Martini, Gluck e outros, escreveram gavotas. Publicamos o princípio da "Célebre Gavota", contida numa das danças compostas essencialmente para o soberano francês pelo compositor florentino, acolhido quando tinha apenas 14 anos na Côrte do Rei Sol, onde colaborou com o grande Molière na criação da "comedie-baletti" (comédia com dança). O compasso da gavota é binário simples, o movimento é lento, moderado.

DONA BALBINA

ESTA OFICINA É UM INFERNO! VOCÊS ME PÕEM VELHA!

MEU DEUS! ESTÁ CADA VEZ PIOR!

LEITE DE COLÔNIA?

É, MINHA FILHA! FAZ MILAGRES!!

É O QUE HÁ DE MELHOR PARA MANCHAS, CRAVOS, ESPINHAS...

É A MINHA ÚLTIMA ESPERANÇA...

ESTÁ OUTRA! ERA A PELE FEIA QUE A FAZIA INFELIZ...

MILAGRE DO LEITE DE COLÔNIA!

STUDART & CIA

Leite de Colônia

O LEITE DE COLÔNIA É UM PRODUTO TRADICIONAL DA INDÚSTRIA BRASILEIRA FABRICADO PELOS CONHECIDOS LABORATÓRIOS STUDART—MANAUS-RIO DE JANEIRO.

Matemática Recreativa

COMO DESCOBRIR AS PARCELAS DE UMA SOMA SECRETA

VOCÊ poderá "maravilhar" seus amigos, com alguns truques que lhe darão o cartaz de matemático e de mágico.

Aqui está um dêles: como descobrir quais as parcelas de uma determinada soma.

Mande que o amigo escreva um número de três algarismos consecutivos, como, por exemplo, 123, 456 ou 789.

Êle o fará, é bem de ver, sem lhe dizer quais são os algarismos e o número formado.

Mande, então, que inverta a ordem dos mesmos algarismos (no caso, 321, 654 ou 987) e que some os dois números, o primeiro e o que achou fazendo a inversão.

Aí, então, êle lhe dirá qual a soma encontrada e você, com a maior facilidade, adivinhará quais os números somados.

Como ? Muito simplesmente: somando 2 à soma indicada por êle, subtraindo 200 e dividindo o resultado por 2. O número obtido será aquele que êle escolheu.

Vamos fazer a prova ? Suponhamos que êle escolheu 567. Invertendo, temos 765. Somando um com outro, dá 1332. Some, então, 2, e dá 1334. Tire 200 e dá 1134. Divida por 2 e dá 567, justamente o número escolhido.

*

ADIVINHAR A DATA DO NASCIMENTO DE UMA PESSOA

Nem todos gostam que se saiba a data de seu nascimento. Mas a gente póde descobrir... Quer vêr ?

Peça que a pessoa escreva, ocultamente, o número correspondente ao dia e mês de seu nascimento. Suponhamos que a data seja primeiro de março: o número será 13 (1 do 3.º mês).

Mande, agora, que ela dobre êsse número (que você não conhece) e some 5. Feito o que, mande multiplicar por 50 o resultado obtido. A êsse resultado, mande somar os dois últimos algarismos do ano em que a pessoa nasceu.

Pergunte qual o número obtido.

Subtraia, então, você, do número enunciado 250 e o resto representará: o primeiro ou os dois primeiros algarismos, o dia do nascimento, o seguinte ou seguintes, o mês, e os dois últimos, os dois últimos do ano do nascimento.

CONFERÊNCIA: A pessoa nasceu a 1.º março de 1927. Escreverá, então, 13. Multiplicado por dois dá 26. Somando 5 dá 31. Multiplicando por 50, temos 1550. Somando 27 (dois últimos algarismos do ano de nascimento) dá 1557.

Esse será o número que ela dirá a você.

Você, agora, subtrai 250 e tem 1327 — isto é: 1-3-27 — que corresponde à data do nascimento do amigo.

COMO ADIVINHAR UM NÚMERO DE CINCO ALGARISMOS

Peça à pessoa que escreva, sem lhe mostrar, um número de cinco algarismos, e que depois some a êsse número 142857. Mande multiplicar o total por 7, riscar no produto o primeiro algarismo da esquerda e multiplicar novamente o resultado por 143.

Pergunte, então, quanto ela achou.

Ao resultado que lhe der, junte, você, 143. Os dois primeiros e os três últimos algarismos da soma que você obtiver, serão os mesmos do número escolhido.

VERIFICAÇÃO: seja 45.617 o número escolhido pelo amigo.

Somando-lhe 142857, êle terá 188474. Multiplicado por 7, dá 1319.318. Risca-se o primeiro algarismo da esquerda e fica 319.318, a que êle somará 143, conseguindo o total 45.662.474.

Será essa a soma que êle lhe comunicará. Junte, você, 153, e obterá 45.662.617. Os dois primeiros algarismos (45) e os três últimos (617) formam o número que fôra escolhido de início.

*

ADIVINHAR UM ALGARISMO RISCADO

Peça à pessoa que escreva um número qualquer e que escreva outro número composto dos mesmos algarismos, colocados, é bem de ver, em outra disposição e subtraia o menor do maior.

Peça, então, que a pessoa risque um dos algarismos, à vontade, do número obtido com a subtração. Só não poderá riscar 0 ou 9.

Mande, então, que faça a soma dos valôres dos algarismos que ficaram e lhe diga qual é.

O algarismo que foi riscado, você descobrirá assim: êle será igual ao número necessário para, somado ao número que a pessoa disser, formar o mais próximo múltiplo de 9.

VERIFICANDO: Seja o número 52634 que a pessoa escolheu.

Ela escreverá outro número, com os mesmos algarismos, que poderá ser 25.364. Tirando o segundo do primeiro, fica o resto 27.288.

Suponhamos que a pessoa risque o 7. Somando os valores dos algarismos restantes, 2, 2, 8 e 8, terá o número 20.

Ora, o múltiplo de 9 que vem depois de 20 é 27; logo, o algarismo riscado foi 7.

*

ADIVINHAR A SOMA PRÈVIAMENTE

Escreva num papel o número 1.089, dobre o papel e entregue-o a uma pessoa da sala.

Mande, então, que um amigo escreva, à vontade, um número de três algarismos, mas sempre convindo que o primeiro e o último algarismos sejam diferentes.

Mande-o inverter o número e subtrair o menor do maior.

Mande inverter o número encontrado para o resto da subtração, somando o número invertido com o anterior.

O resultado será aquele que você escreveu no papel que está na mão da pessoa escolhida.

EXEMPLIFICANDO: Seja o número 236.

Invertendo-o, obterá o seu amigo 632.

A diferença entre o maior e o menor dos dois, será 396.

Invertendo essa diferença, tem-se 693. Somando 693 com 396, o resultado será 1.089.

O GÊNIO DA DANÇA

TIRILIM chegou a Preguiçolândia, uma das cidades mais importantes de um vasto império, em formosa manhã de Abril. Essa cidade era famosa, naqueles recuados tempos, pela inércia e pela vadiagem em que viviam seus habitantes, a gente mais preguiçosa que se possa imaginar.

Tinha sido, pois, com verdadeiro espírito trocista que Tirilim, o geniozinho da dança, dirigira seus passos para aquela parte do império, penetrando pela grande porta da cidade naquela manhã luminosa e cheia de sol, em que tôdas as rosas dos jardins pareciam ter feito um acôrdo para desabrochar ao mesmo tempo.

A primeira pessoa que encontrou foi uma vendedora de laranjas que estava sentada sob um portal, tirando uma sonéca, e que, como que movida por uma mola, saltou do banquinho e se pôs a dançar a mais desenfreada das danças. Quase no mesmo instante Mestre Gaspar, o sapateiro, saiu do interior de sua casa, com um tamanco na mão, e começou a rodar e rodar prodigiosamente em meio de fantásticas piruetas.

O espetáculo era extraordinário, mas ninguém teve tempo de reparar nêle, porque dentro de poucos instantes tôda a rua se encheu de dançarinos improvisados, cada qual pulando e rodando mais.

Enquanto isto, Tirilim prosseguia em seu caminho, passando inadvertido, graças ao seu diminuto tamanho. De quando em quando se detinha para gozar do espetáculo de tôda aquela gente obesa que dançava frenética, porque é bom esclarecer, os preguiçolandianos, pelo seu hábito de não fazer nada, eram indivíduos tão gordos e pesados como elefantes.

Quando Tirilim se afastava, seu poder deixava de se fazer sentir: os homens e as mulheres caiam por terra extenuados de fadiga, enxugando o suor e perguntando uns aos outros:

— Afinal, que foi que houve conosco?

A princípio ninguém compreendeu a nova situação. Todos continuavam dançando sem saber porque. Os doutores, de longas barbas e chapéus de copa alta, disseram que se tratava de um novo bacilo e se puseram a procurá-lo com todo o afinco que sua preguiça lhes permitia. Os astrólogos afirmavam que se tratava da conjunção de duas estrêlas que faziam sentir sua influência, sôbre a Terra, daquela estranha forma.

Acabaram brigando doutores e astrólogos, e como na Preguiçolandia ninguém gostava de discutir muito tempo, terminaram por deixar o assunto para um lado, mesmo porque tinham que dançar por causa da presença de Tirilim.

As coisas corriam assim e ninguém teria podido explicar o fato se o próprio Tirilim não se tivesse deixado ver.

Um dia o geniozinho estava descansando sentado dentro de uma rosa branca que o vento balançava, e travou conversa com uma formiguinha que subia pela haste, à qual explicou que, quando êle passava, tôda gente se via obrigada a dançar. A formiga contou o segredo a um passarinho, o passarinho o contou a um gato, para que êste lhe poupasse a vida, e o gato o contou à patrôa, uma velhota faladeira como não havia outra na cidade. Em menos de uma hora todos os habitantes conheciam a existência de Tirilim, até que o fato chegou aos ouvidos do rei.

Preguição III convocou com urgência o Consêlho de Ministros. Isto não era coisa fácil, pois exigia pelo menos uma semana e,

TRADUÇÃO DE ZAMARA

enquanto o Conselho não se reunia, tôda a gente continuava dançando.

O mais grave do caso era que Tirilim não respeitava ninguém. Um dia, na sala do Tribunal onde, havia mais de cinquenta anos, se julgava o processo do único ladrão existente no país, de repente os juizes começaram a dançar, sacudindo as cabeleiras brancas; os guardas, que dormiam encostados nas paredes com suas armas ao lado, começaram também a saltar e dar voltas e voltas como que enlouquecidos. O próprio acusado, que era um ancião, pois tinha envelhecido no Tribunal, sendo julgado, abriu os olhos de repente, bocejou e se pôs a dançar também.

Esta estranha situação, porém, não podia durar. Preguição III afirmou isso mesmo em um discurso, durante o qual cochilou doze ou quinze vezes. Os ministros concordaram: Era preciso encontrar um remédio, um homem capaz de resistir ao poder diabólico de Tirilim, e a pátria seria salva... Quem melhor do que Barba Dura, o herói nacional?

Barba Dura era um homem que pesava quase uma tonelada. Todavia, o gigante estava ausente, cumprindo uma missão nos confins do reino. Um dos escudeiros do rei foi encarregado de ir buscá-lo, com ordem de não perder muito tempo. Os habitantes da Preguiçolândia esperavam vêr de um momento para outro chegar o seu salvador e, enquanto isto, continuavam a dançar furiosamente. A vida não era possível daquele jeito. Não se podia nem sequer começar uma conversa séria, porque se corria o risco de ver o interlocutor invadido pelo impulso da dança e, então, estava tudo acabado!

O herói Barba Dura afinal chegou. O consêlho de Ministros o pôs ao corrente do que sucedia e o gigante se apressou a passear pelas ruas da cidade, esperando encontrar o geniozinho travêsso.

E em todos nasceu a esperança.

Tirilim, porém, aquêle dia permaneceu invisível e nenhuma dança se registrou entre os muros de Preguiçolândia. Seus habitantes respiraram.

No dia seguinte, entretanto, teve-se um leve indício da presença do geniozinho. Na praça do mercado, tôda gente havia dançado durante um quarto de hora. Afinal de contas, não tinha sido nada do outro mundo; uma pequena dança cadenciada, até que era divertido... Talvez porque já se começavam a acostumar...

Certa manhã, porém uma notícia fulminante se espalhou pela cidade: Barba Dura tinha sido vencido em sua própria casa. Tirilim, enfrentando-o, obrigara-o saltar da cama em que dormia tranquilamente e o fizera dançar de uma forma tão brusca e frenética que, sob o pêso do gigante, o assoalho da casa cedera, precipitando Barba Dura numa q u e d a fenomenal! Naquêle momento, tôda a cidade se sentiu sacudida por um ímpeto de dança, tão irresistível que não havia meios de parar. Homens, mulheres, crianças, velhos e até os próprios animais domésticos se sentiam arrastados numa dança indescritível!

Ninguém pode dizer quanto tempo durou aquêle baile fantástico.

Quando os habitantes se detiveram, Tirilim já se encontrava longe. Partira montado numa libélula e ria a bandeiras despregadas, da própria travessura.

Travessura, aliás, que teve excelentes consequências naquele extraordinário país, porque os preguiçolandianos, depois de uma temporada submetidos à dança vertiginosa, acostumaram-se a mover-se ràpidamente.

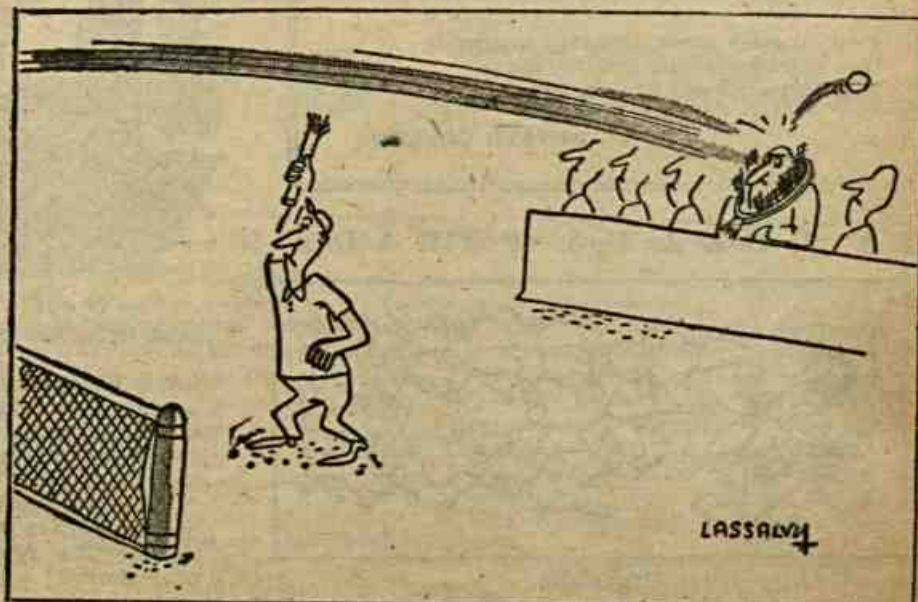
Se não continuaram dançando, pelo menos, continuaram tão ativos que todos, inclusive o rei e seus ministros, começaram uma nova era de trabalho. E, a partir daquele inusitado acontecimento, Preguiçolândia se tornou uma das cidades mais ativas e progressistas do reino, o que deu motivo a que lhe mudassem o nome... Infelizmente não sabemos com que nome é agora conhecida essa cidade.

ROMANCE

O romance mais longo do mundo parece ser o que se escreveu na China, no século XIII, intitulado "Todos os homens são irmãos", livro composto com a finalidade de pregar a harmonia e a paz entre os homens. Em 1796, o imperador proibiu a divulgação dêsse romance, mas, com a revolução republicana, êle voltou novamente a circular.

Uma inglesa, Edith Buch, encarregou-se da tradução da obra, consumindo quatro anos nesse trabalho. Em inglês, o romance deu dezesseis volumes normais, formato "in-oitavo"

TENIS

LASSALVY

SHAKESPEARE

Sidney Lee, biográfo de Shakespeare, chegou à conclusão de que um dramaturgo, no tempo do autor de "Hamlet", ganhava de 6 a 11 libras, por uma peça original e 4 libras pela adaptação de uma obra antiga. Admitindo-se a exatidão dêsse cálculo, Shakespeare, como autor, teria ganho, no ano de 1599, para mais de vinte libras, enquanto que como atôr tinha um ordenado anual de 110 libras. Mas, como era também co-proprietário do Teatro do Globo e tinha interêsse no Teatro Blackfriar, o biógrafo calcula que os vencimentos totais de Shakespeare chegassem a 200 ou 400 libras.

BOCAGE

José Maria du Bocage, o famoso poeta português, esteve no Rio de Janeiro. Para aqui veio em 1786, como guarda-marinha da náu "Nossa Senhora da Ajuda" e tinha, então, vinte anos de idade, já sendo conhecido como improvizador inimitável.

O CÃO FUGIU...

UM grande pintor de animais, do século XVII, gostava de andar pelo campo sòzinho, saco ao ombro, à procura de seus modelos.

Entrando um dia num albergue, pediu almôço.

À vista do seu modesto trajar, o alberguista, tomando-o por um estreante sem sorte, disse-lhe:

— Dar-lhe-ei almôço, jantar e ceia, se você desenhar um cão na minha taboleta.

O artista aceitou. Quando acabou seu trabalho, disse, sorrindo, ao alberguista:

— Dê-me ainda o almôço de amanhã e acrescentarei ao totó uma coleira e uma corrente...

— De forma alguma! — respondeu grosseiramente o alberguista. Assim os seus borrões me sairão muito caros!

O pintor nada disse, mas, à noite, quando todos dormiam, levantou-se e apagou o cão da taboleta.

Grande surpresa teve o estalajadeiro ao acordar!

— Que quer? — disse o artista, rindo à socapa — Você não quis a corrente, o cão fugiu...

E afastou-se deixando uma moeda na mão do hoteleiro.

A avareza dêste fê-lo perder um quadro que lhe poderia valer uma fortuna.

BRASIL

País mui belo, valoroso, rico,
Ao recordar que sou teu filho, penso
No teu azul, dêste infinito imenso,
Que contemplando extasiado fico.

Recordo, então, tua divisa amada
(Emblema desta terra brasileira),
Representada por tua bandeira,
Da brisa, aos sopros leves, desfraldada.

Lembro teus campos, lindos, verdejantes,
Que embelezam tantos visitantes,
Lembro atrativos que tens mais de mil;

Lembro estes caros, cidadãos honrados
Que defender-te-ão, glorificados,
Que morrerão por ti, caro Brasil!

RENATO COELHO

QUEM COM FERRO FERE...

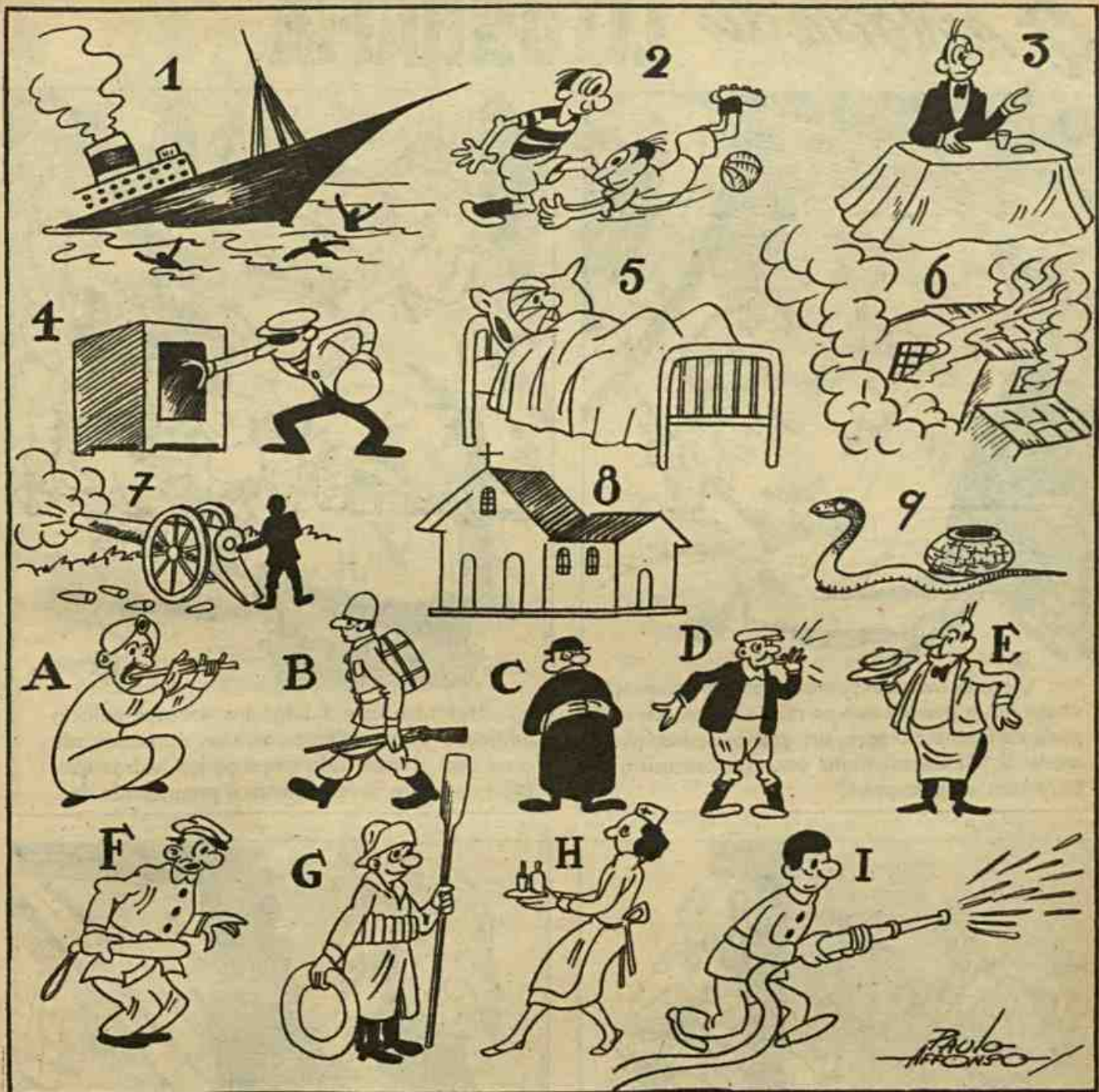
— *O que? ! Um ladrão aí em casa ! Vou já dar uma lição nêsse miserável !*

NA HORA DA PARADA!!

— *Dá o fóra, enjoado !*

✣ A pequena ilha de Cuba produz mais açúcar que a Alemanha, França, Russia e Estados Unidos juntos.

✣ Foi a 6 de Abril de 1852 que o periódico norte-americano "The Albany Evening Jornal" introduziu a palavra "telegrama" em lugar de "comunicação telegráfica".

✣ O cameleão da América do Norte é tão sensivel que uma nuvem que passe no céu faz variar a sua tonalidade esmeralda.

Para passar o tempo...

AQUI estão, numeradas de 1 a 9, algumas cenas. Em baixo, figuras com letras, de A a I.

Faça a sua lista, na qual cada letra deve ficar ao lado do número que lhe corresponde, pela lógica, para que as coisas dêem certo . . .

(Solução no fim do Almanaque)

*

O CASO MAIS EXTRAORDINARIO

AMUNDSEN, o famoso explorador do Polo, viu-se assaltado em certa ocasião por uma senhora sumamente curiosa. Êle respondia lacônicamente. Mas ela não desistia, e, por fim, pediu-lhe que contasse a todos que estavam reunidos o acontecimento mais extraordinário que lhe tinha sucedido nas suas viagens. Amundsen refletiu um momento e de repente exclamou:

— Oh, conta-se em duas palavras! Numa só noite, duma vez, a barba cresceu-me 15 centímetros!

Todos se entreolharam, desconcertados, e no rosto da curiosa dama pintava-se o maior assombro.

— Mas que está você a dizer? — tornou ela. — Isso é impossível! Numa noite só?

— Pois foi tal e qual — respondeu o explorador, sorrindo. — Mas olhe que foi no Polo Norte, e alí a noite dura seis mêses.

A história da LITOGRAFIA

Quando, nos tempos antigos, os nobres tinham tanto poder como os reis, vivia, no principado da Floresta Negra, um grande senhor chamado D. Amadeu, muito severo e autoritário para com seus vassalos.

Habitava êsse fidalgo um soberbo palácio edificado pelos melhores artistas do principado e no qual tinham sido empregadas pedras que, além de muito duras, tinham a propriedade de...

... ficar polidas como espelhos, quando fortemente friccionadas.

Essas pedras, muito lindas e decorativas, eram de uma pedreira recentemente...

... descoberta nos domínios de D. Amadeu. Não havendo no principado um artista que fizesse as pinturas decorativas do castelo, D. Amadeu resolveu mandar vir da cidade próxima, mas...

... que não estava sob seu domínio, o célebre pintor e decorador Van-Moss.

Este respondeu ao mordomo de D. Amadeu, que foi portador do convite para que fosse ao castelo, que dissesse ao seu amo que, sendo...

... êle cidadão livre, e andando Amadeu em guerra com seus compatriotas, não faria as pinturas, fosse por que preço fosse.

Quando recebeu tal resposta, D. Amadeu, que não admitia ser desobedecido, resolveu...

... obrigar o pintor a ir trabalhar no castelo, mesmo à fôrça. Assim, mandou raptá-lo, à noite, e o fez transportar, numa carroça fechada, para que ninguém o visse, para seu castelo.

E quando Van-Moss lhe repetiu, com tôda altivez, a resposta dada ao mordomo,...

... D. Amadeu, furioso, retrucou: — Pois bem: vais para a prisão, e incomunicável, até que te resolvas a obedecer-me.

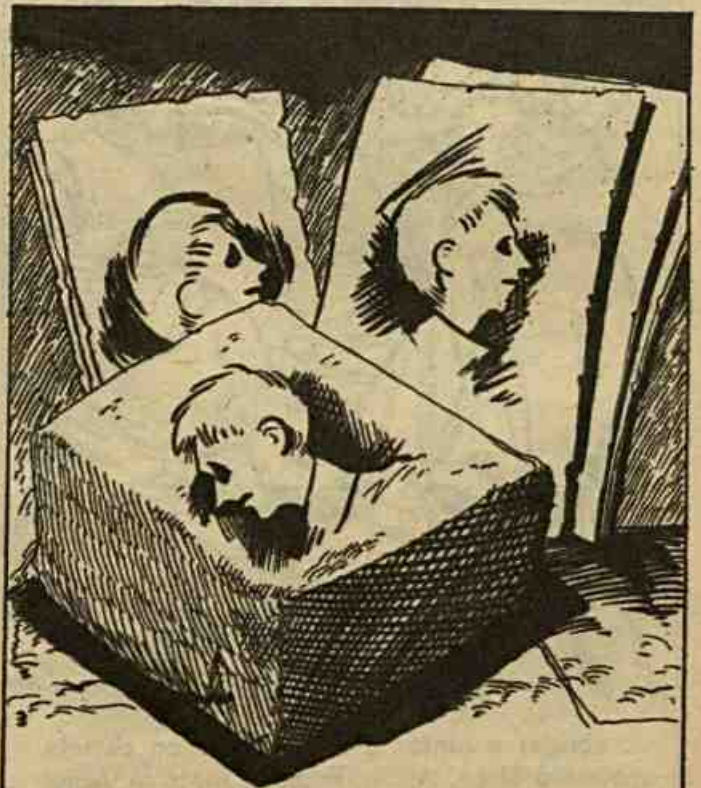
E fez o que prometia, mandando encerrar o artista numa masmorra, onde, aliás, estavam guardados, provisòriamente, os caros e...

... preciosos estôfos com que se armavam, nos dias de festa, e de pompa, os docéis do palacio.

Van-Moss, quando lhe vinham perguntar se estava resolvido a obedecer às ordens de D. Amadeu, respondia negativamente. E como tinha consigo, na prisão, lápis e carvão,...

... passava o tempo a se vingar a seu modo do seu verdugo, fazendo-lhe a caricatura nas pedras do pavimento e cobrindo-as, à medida que as traçava, com os estôfos guardados na sala em que estava prêso.

Ora, sendo os rôlos dos estôfos muito pesados, e sendo o...

... pavimento de pedras litográficas (ainda não conhecidas como tal), acontecia que nos estôfos ficavam...

... reproduzidas as caricaturas, o que o próprio pintor descobriu com espanto.

Tendo D. Amadeu de receber um embaixador, mandou...

... levantar um pavilhão em seus jardins, com os estôfos guardados na prisão.

À pomposa festa concorreram também pessoas da cidade, que ficaram espantadas vendo as caricaturas.

Reconhecendo nelas um trabalho do pintor amigo, alegraram-se por êle não ter morrido e todos riram muito das caricaturas.

D. Amadeu é que ficou furioso...

Sabendo o pintor vivo, promoveram seus amigos um movimento para libertá-lo, assaltando o castelo, e Van-Moss foi pôsto em liberdade.

Narrou êle, então, a descoberta que fizera, da propriedade daquelas pedras e consta, segundo a tradição, que foi essa a história da litografia, até hoje usada na arte gráfica.

A barra de ouro

JULIÃO era um pobre trabalhador que vivia nos arredores de uma grande cidade. Era moço ainda, mas, tendo se casado muito cedo, tinha quatro filhos, e lutava com muitas dificuldades para sustentá-los.

Um dia, não encontrando trabalho, estava na maior miséria. Desesperado, e depois de muito andar, sentou-se à beira de uma estrada. Estava, assim, muito triste, quando passou o velho médico do lugar, que lhe perguntou a causa de sua aflição.

Julião contou-lhe o que lhe aconteceu e explicou que a luta incessante pela vida começava a desanimá-lo, tirando-lhe as fôrças e a coragem.

— A tua situação é triste, não há dúvida — disse o médico — mas não se deve desanimar nunca. Vem comigo. Eu creio que posso minorar os teus sofrimentos.

Julião subiu para o carro do doutor, e em pouco chegaram à cidade. Saltaram diante de uma casa de bela aparência e aí o doutor fez com que o trabalhador entrasse para o seu gabinete.

Havia nessa sala um objeto amarelo colocado sôbre um móvel, debaixo de uma redoma de vidro.

— Olha bem para isto, — disse-lhe o doutor — É uma barra de ouro que vale muito milhões. Eu a herdei de meu pai, que, quando começou a vida, era tão pobre como tu. Mas a coragem nunca lhe faltou. Economisando vintem por vintem levou muitos anos para juntar o dinheiro com que comprou esta barra de ouro. Quando êle morreu, deixou-me apenas isto e eu fiquei em situação difícil; mas, seguindo o exemplo de meu pai, lutei corajosamente e consegui angariar fortuna sem tocar nesta barra de ouro, que era, para mim, uma recordação preciosa.

Tu nada tens. Vou te dar esta barra de ouro. Si tiveres juizo e ânimo, lutarás para conservá-la e dá-la, um dia, a um mais pobre do que tu.

O doutor disse isto e entregou a preciosa barra a Julião, que se retirou agradecendo-lhe muito.

Chegando a casa, Julião contou o ocorrido à sua mulher, que o aconselhou que fizesse um buraco no quintal para guardar tão rico tesouro.

No dia seguinte, Julião saiu tranquilo. Não tinha na algibeira nem um vintem; mas a idéia de que possuia em casa uma barra de ouro dava-lhe coragem.

E assim continuou. Quando lhe acontecia ficar desempregado, a idéia da barra de ouro, que tinha em casa, reconfortava-o.

E trabalhava de bom humor. Como já não andava preocupado com a miseria, trabalhava melhor e em pouco foi feito contra-mestre de uma importante oficina. Já então o que ganhava era suficiente para todas as suas despezas e ainda sobrava alguma cousa, que êle guardava prudentemente.

Passaram-se muitos anos. O velho médico já havia morrido quando, uma noite, um pobre homem, de aspecto miserável e faminto, veio bater à porta da casa de Julião que era agora farta e confortável.

Acolheram o pobre homem e deram-lhe jantar. O infeliz, emocionado por se ver assim tratado, contou a sua história que era igual à de todos os infelizes: moléstias, falta de trabalho...

Julião, por sua vez, contou como começára a existência e quanto lutára antes de alcançar a tranquilidade. E contou o caso da barra de ouro.

Então, o pobre, explicando que fôra caixeiro de um ourives e por isso entendia de metais, pediu licença para examinar a preciosa barra.

Trouxeram-lha e o homem apenas nela pegou teve uma exclamação de espanto:

— Oh ! — disse êle — mais isto não é ouro !

— Que é, então? — perguntou Julião.

— É apenas uma barra de cobre ! — disse o outro. E examinando-a, acrescentou:

— Tem mesmo aqui várias coisas escritas.

Julião aproximou-se e, do lado de baixo da barra, leu o seguinte: "A ilusão é muitas vezes o bastante para fazer a felicidade humana". Do outro lado lia-se: "Mais vale um bom conselho do que uma barra de ouro".

— É verdade — murmurou Julião. — Afinal, esta barra nunca me serviu para cousa alguma. Eu consegui a felicidade e a fortuna por ter seguido os bons conselhos do doutor.

O BABAÇÚ

O babaçú é planta genuinamente brasileira. Encontra-se por tôda parte, principalmente nos Estados do Maranhão e Piauí, onde forma denso bosque de mais de treze milhões de hectares de extensão.

Do babaçú se aproveita tudo. O caule, que serve de poste, de moirão ou de simples suporte. As fôlhas também, que são utilizadas na fabricação de chapéus, bôlsas, artefatos de pesca etc. O côco verde para defumar o látex. As fibras da parte externa do côco para fazer tapêtes, passadeiras, capachos. A polpa amarelada que envolve a amêndoa, para mingáus, e sopas, que as crianças muito apreciam. A casca interna do côco, o marfim vegetal, para fazer botões, estatuetas, pequenos objêtos úteis e até mesmo isoladores. A amêndoa interna para ser usada como lubrificante finíssimo, como combustível, como matéria-prima para fabricação de sabonetes e como alimento, substituindo a banha, o azeite e a manteiga na cozinha sertaneja.

Os Estados Unidos são os nossos maiores importadores de côco babaçú. Segundo experiências, ali realizadas, a substância absorvente, que existe no interior do côco, pode ser utilizada na fabricação do dinamite! Não há dúvida, que é uma revolucionária aplicação da nossa famosa, porém, inocente palmeirinha.

As cascas sêcas do côco são combustíveis com grande aceitação e uso na navegação fluvial do Amazonas e Pará.

O aproveitamento do babaçu continúa na ordem do dia e é, para nós, brasileiros, problema de grande relevância, possuidores que somos de trilhões de pés dessa preciosa palmeira, que além dos predicados expostos, ainda fornece, para a terra, fertilizante, para o gado, forragens e, para a indústria em geral, uma série infinda de sub-produtos.

A palmeira babaçu se faz acompanhar, quase sempre, e por tôda a parte, de sua prima-irmã, a macaúba ou macaíba, que deu a origem ao têrmo Macaé, que em língua geral, tupi-guaraní, quer dizer: terra onde vive a macaúba. Em Macaé, florescente município fluminense, encontram-se, realmente, milhares dessas plantas.

Vejam que cuidado!

— Maricota, vai chover! Tira o peixinho da sacada!

ESTA ERA OUTRA...

— Quero que êle veja, com os proprios olhinhos, que há outros mais infelizes do que êle...

VEJA SE DESCOBRE OS CULPADOS

AQUI estão, à direita, três flagrantes de rua: um furto, em que o objeto roubado foi uma gravata; um assalto a mão armada e uma travessura, de que resultou sair quebrado um foco de iluminação.

Os autores não são vistos. Mas se você prestar atenção a certos detalhes, poderá identificá-los na cena de rua, em baixo, no meio da multidão. Você será capaz disso?

(Solução no fim do Almanaque).

MIKIMOTO

O HOMEM DAS PÉROLAS

Aos 11 anos, como bom japonezinho estudioso, Mikimoto Kichimatsu começou a trabalhar e ia vender, na cidade, o pequeno porto de Toba, as hortaliças cultivadas por seus pais.

Não podia voltar para casa antes de ter vendido tudo. Por isto, no decorrer das horas vazias, exercitava-se em fazer malabarismo com os grandes nabos e os belos tomates.

SEUS pais olhavam para a pequena figura amarela no fundo do berço de madeira. A vida era difícil. Mas não era ela sempre penosa, para a classe humilde do Japão super-povoado ? Então, como que para conjurar a sorte, êles lhe deram um nome cheio de bons presságios: Kichimatsu.

Com efeito, Kichi significa "sorte" Matsu é o nome do pinheiro, que personifica bons negócios. Era o dia 25 Janeiro de 1858, e o bébé que choramingava sôbre o colchão de sargaços e ervas marinhas, iria um dia produzir para o Japão uma das maiores riquezas. Iria dar às belas damas do mundo inteiro o mais precioso presente que jamais receberam: as pérolas cultivadas.

Tornou-se malabarista e depois pescador de pérolas.

Isto consistia em mergulhar no fundo da baía de Ago, com uma grande pedra entre os joelhos, e arrancar das águas uma vintena de ostras. Em seguida, Mikimoto voltava à tona, depositava a sua colheita e tornava a mergulhar. A noite as ostras eram abertas e recolhiam-se algumas pérolas.

A pesca de pérolas tonou-se a própria vida de Mikmoto. Queria sempre as mais belas pérolaa e rejeitava todas que eram tortas, cinzentas, imperfeitas. Chegou ao ponto de examinar as ostras e deixá-las sôbre o rochedo até que as suas pérolas ficassem suficientemente belas. Este modo de agir lhe valeu, aliás, o premio da Imperatriz na Exposição de pérolas de Toquio, em 1887. Mikomoto estava com 19 anos e estava apaixonado.

A quantia ganha com o prêmio permitiu-lhe reivindicar a mão da bela Umé e instalar o seu lar diante da baía de Ago.

Algum tempo mais tarde tiveram dois filhos.

Entretanto, em Mikimoto, havia mais que a mentalidade de um pescador de pérolas. Todos os outros pescadores apanhavam as ostras esperando apenas que elas contivessem pérolas. Mikimoto indagava de si mesmo: por que algumas ostras tinham pérolas e outras não ? Por fim resolveu procurar um sábio de fama. Esperou que o homem saisse ao terraço de sua casa. E, então, saudou-o reverentemente e apresentou-lhe duas pérolas envolvidas em papel de seda. Em seguida fez suas perguntas e aprendeu que a ostra expelia certas matériaas mas que as vezes, ao invés de expulsá-las, ela as envolvia com nacar, originando a pérola.

Mikomoto refletiu dois minutos: "O homem não poderia incumbir-se de introduzir nas ostras um corpo estranho para provocar a formação das pérolas ?" "Já experimentaram, — foi a resposta. Ou as ostras rejeitam o engodo, ou morrem". "Bastaria, então, encontrar uma matéria que elas aceitassem e guarnecessem de nácar ?" O sabio fez um gesto de dúvida e de incerteza. Aquele problema não o interessava.

Porém Mkiimoto queria pérolas, muitas pérolas. Queria também que pescadores deixassem de passar fome, de temer a miséria e de expelir os pulmões depois de alguns anos de mergulho.

Começou por convencer sua mulher, e, juntos, começaram a trabalhar. E quando se convenceram de que tinham encontrado a solução, compraram mil ostras e mergulharam-nas no mar, num local determinado, próximo de Shinmei-Mura.

Agora teriam de esperar. Mikomoto voltou ao seu mister de pescador, não obstante a fraqeza do seu coração que começava a se ressentir dos grandes mergulhos.

Tinha de usar a corda ao menor sinal de alarme. Umé, sua esposa, içava-o para bordo do barco.

Lentamente, no fundo dágua, as pérolas amadureciam. Mikimoto esperava a sua hora mergulhando como qualquer dos outros miseráveis pescadores da baía, vivendo numa pobre cabana com a mulher e dois filhos.

"A onda vermelha! A onda vermelha!" O grito correu ao longo da baía como um alarme terrível.

Tratava-se do planeto do mar, que avermelha as ondas e principalmente devora todas as conchas de madrepérola. As ostras de Mikimoto morreram, tanto as da baía quanto as instaladas nas correntezas. Os credores apresentaram-se à sua porta e o povo da aldeia zombou dele. Era o sonhador que se havia arruinado por uma quimera.

Sua saúde, agora, não lhe permitia mais atirar-se ao mar. Umé fazia aletria e vendia-a na aldeia. Êle a ajudava humildemente, sentindo-se inútil e responsável pela infelicidade dos seus. Umé, que compreendia muito bem seu estranho marido, levou-o para dar um passeio no mar no dia 11 de Julho de 1893. Era um triste aniversário: cinco anos antes êle hava começando a cuidar das ostras.

Numa lagôa afastada encontraram quatro cestos que as ondas vermelhas haviam poupado e Rui, a filha mais velha, os apanhou, a fim de que tivessem algo para jantar. Ora, das dez ostras daquele cesto, cinco possuiam pérolas. Mikimoto tinha triunfado!

Seria o sucesso?

Ainda não. As pérolas que êles recolheram eram apenas semi-esféricas e era preciso executar uma operação muito comcomplicada para destacá-las das ostras e completá-las. A descoberta, entretanto, bastou para que Mikimoto obtivesse novo crédito e saísse da sua miserável casa, e se instalasse numa pequena ilha, Tatoku (Várias Virtudes), e com a mulher e os cinco filhos: Rui, Mine, Yo, Ai e Ryuzo. Recomeçaram então a semear as ostras em maior escala.

Esgotada, porém, pela miséria, Umé morreu aos trinta anos, um ano, e seis mêses depois de ser recebida, com Mikomoto,, pelo Imperador que encorajou vivamente as pesquisas do pequeno mergulhador de outrora.

As pérolas cultivadas eram bem vendidas... porém não eram ainda "verdadeiras" pérolas. Ora, em Janeiro de 1905, uma mergulhadora apanhou vinte ostras nas quais descobriram seis grandes pérolas perfeitas. Depois da indagação, Mikomoto averiguou que uma jovem sua empregada havia se enganado. Ao envés de introduzir o corpo estranho entre a concha e o envoltório, como lhe havia sido recomendado, ela o colocara no próprio tecido da ostra.

Irritada, a ostra cobriu de nácar a semente por todos os lados. O êrro da pequena operária acabou por produzir o último aperfeiçoamento da obra de Mikimoto.

A partir de então não se podia mais notar qual a diferença que existia entre uma pérola espontânea e uma pérola cultivada.

Desta vez, Mikimoto tinha um milhão de ostras semeadas dentro dágua quando ressoou de novo o grande grito:

"A onde vermelha! A onda vermelha!"

Ele havia previsto o elemento devastador.

Com um sinal convocou tôdas as suas mergulhadoras (só se utilizava de mulheres, porque elas possuem capacidade pulmonar bem mais forte do que a dos homens).

Distribuiram-lhes cestos de reserva e elas puseram-se a apanhar as ostras e tirá-las da água para colocá-las ao abrigo.

Depois que a onda vermelha passou, as ostras tornaram a ser mergulhadas na água.

Foi a partir de então que as mergulhadoras de Mikimoto passaram a ter o salário dobrado, o tempo reduzido e uma quantidade de outras vantagens.

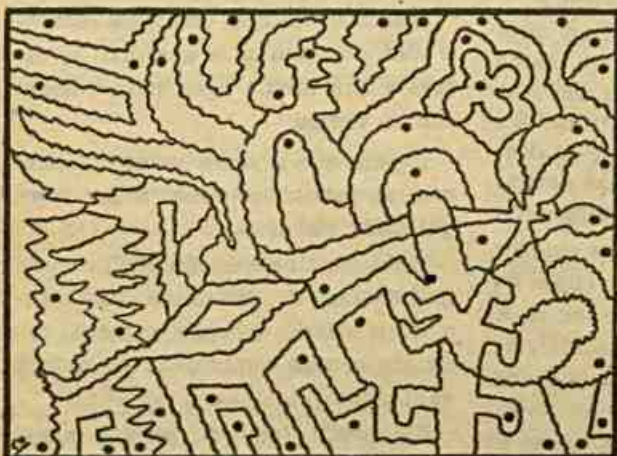
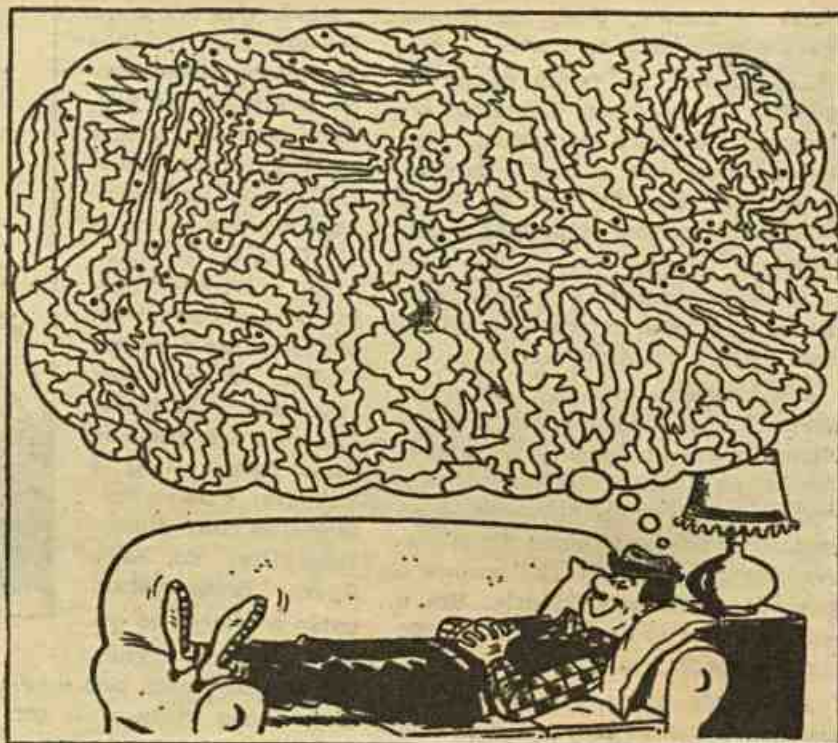
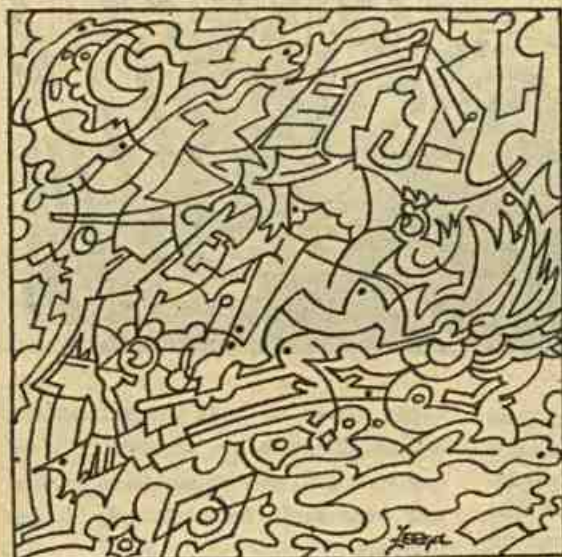
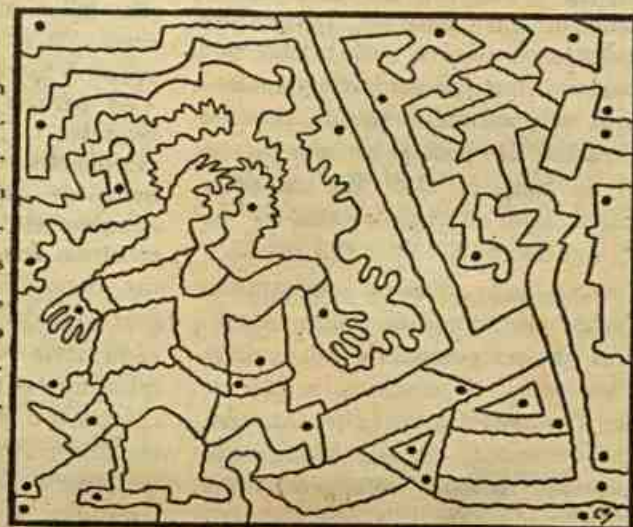
Ele queria, também, pérolas maiores. Ora, a ostra só passa a fabricar o nácar a partir dos três anos e morre aos oito. Cinco anos era um espaço de tempo muito curto.

Pintou-as, então, com uma tinta inventada por êle e prolongou-lhes a vida até os onze anos.

Lutou contra uma invasão de polvos. Conseguiu introduzir cinco pérolas em cada ostra. Enquanto viveu, recusou-se a tomar parte na guerra do Japão, por odiar a guerra.

O velho pescador de pérolas morreu no dia 21 de Setembro de 1954.

Em torno da sua ilha as ostras fabricavam vinte milhões de pérolas e sua fortuna era impossível de ser avaliada, mas cada ano uma pérola, a mais bonita, era depositada no túmulo de Umé, a saudosa companheira dos dias maus.

Quatro Bons Passatempos

ENCHA com lapis os espaços assinalados com um ponto, acompanhando seus prolongamentos, e obterá quatro silhuetas bastante curiosas.

BALANÇA DE AGUA

Se alguém se puser de pé sôbre um saco de borracha cheio de água, ao qual foi ligado um tubo de borracha, ao alto, com dois metrós de comprimento, poderá o pêso da pessoa elevar a água até à extremidade do tubo?

Se o saco for de tamanho ordinário e a pessoa pesar 60 quilos, a resposta é *não* — porque a quantidade de água no tubo equilibrará o peso de todo o corpo!

Para operar com essa balança de água, colocar primeiro a pessoa a ser pesada sôbre o saco, enquanto enchemos mais ou menos o tubo, até que a altura da água seja visivel.

Só os muito pesados podem fazer a água transbordar. Mas, em geral, um pouco mais de água levantará a pessoa do solo.

Êsse paradoxo foi explicado por Pascal em 1633. Segundo a sua "lei", a pressão exercida sôbre o liquido assim contido, é transmitida *em todas as direções e com fôrça igual em todas as superfícies de área igual.* Na balança, a pressão da água na parte baixa do tubo é transmitida para iguais áreas em toda a superfície interior do saco. Se a área do tubo é de um centímetro quadrado e a do saco 500 vezes maior, a fôrça exercida no tubo é aumentada no saco até uma fôrça mil vezes maior!

Mensagem aos CURUMINS

NESTA data, em que nasceu
O Menino mais gentil,
Venho trazer meus conselhos
Aos garôtos do Brasil.

Meu presado curumim,
Que homem de bem queres ser,
Presta a maior atenção
Ao que te venho dizer.

Respeita teus Pais, teus Mestres,
Estuda, aprende as lições,
Busca as boas amizades,
Foge às más reuniões.

Cultiva até com excessos
A flor da delicadeza,
E tem na mais alta conta
A probidade e a pureza.

Enche bem cheia a tua alma
De uma ambição justa e nobre,
E entre a constância e otimismo
O teu labor se desdobre.

Ante a humildade e a soberba,
Prefere sempre a humildade;
Pratica o mais que puderes
O bem, a boa-vontade.

E não agasalhes nunca,
Dentro do teu coração,
Coisa alguma que mereça
A pecha de ingratidão.

Jamais adotes tão pouco
Qualquer ideologia
Que se oponha à Liberdade,
Que negue a Democracia.

Entre a Justiça, o Direito
E o arbítrio, a fôrça, a opressão,
Não vaciles: cumpre, firme,
O teu dever de cristão.

Se um dia sorrir-te a glória,
Ou o poder, que o instinto [assanha,
Medita o nada do mundo,
Reza o Sermão da Montanha.

Sê modesto, caridoso,
Manso, discreto, viril;
Ama a Deus e a tua Pátria,
Trabalha pelo Brasil.

E não te esqueças — vê bem !
Que do teu valor moral
Depende, e muito, hoje e sempre,
A grandeza nacional.

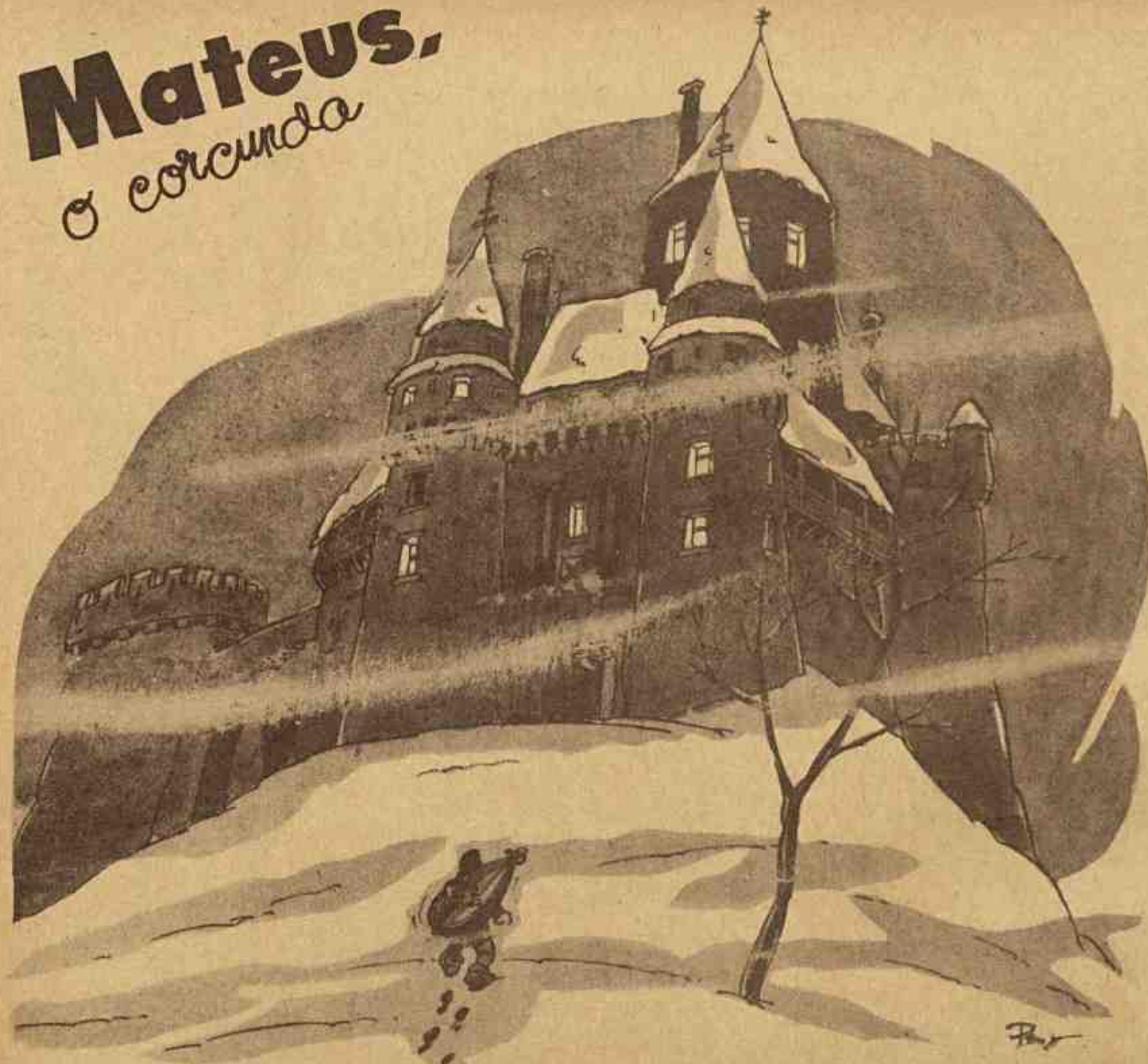
Segue à risca êstes conselhos
E toma bem nota disto:
Não pode o mundo salvar-se
Sem cumprir as leis de Cristo.

Meu filho, se assim fizeres,
Serás um bom cidadão,
Honrarás os teus maiores
E farás grande a Nação.

E quando, muito velhinho,
Deixares pra sempre os teus,
Terás as bênçãos dos homens
E a recompensa de Deus.

Garôtos do meu Brasil,
A alegria, a paz, a luz,
Sôbre vós todos derrame
O manso e meigo JESUS.

EZECHIAS DA ROCHA

Mateus, o corcunda

CAIA a noite. O castelo estava bem à frente, enorme, monstruoso, eriçado de ameias e seteiras. Tôdas as janelas estavam iluminadas, e as portas escancaradas convidavam as pessoas dos ardores a irem até lá, festejar o Natal no grande salão senhorial.

Mateus, o pequeno corcunda, apressou-se. A neve rangia sob seus pequenos passos apressados e nas suas costas abauladas uma bandurra do seu tamanho oscilava quando êle andava.

Mateus era menestrel. Sua profissão era tocar para os outros em troca de um pedaço de pão. E como naquela noite havia festa no castelo, êle devia lá comparecer para cantar canções celebrando o nascimento do Menino Jesús, fazendo-lhe, tal qual como os outros, uma oferenda naquele dia maravilhoso.

Os soldados do portão de entrada ganharam, para festejar o Natal, garrafas de vinho que esvaziavam alegremente. Vendo Mateus penetrar no castelo, êles o alvejaram com graçolas:

— Aonde vais, carregando esta enorme trouxa ?

— Queres que te ajudemos a carregá-la ?

— Esta montanha, nas tuas costas, deve te aquecer bastante !

Mateus nada retrucou. Caminhou bem depressa para deixar de ouvir as risadas dos soldados avinhados.

Ao penetrar no grande salão do castelo, ficou momentaneamente imovel e estarrecido, sem proferir uma palavra nem ousar dar um passo à frente. Como as damas eram belas e os cavaleiros imponentes ! Todos estavam vestidos com os trajes mais ricos e adereços mais suntuosos. Numa gigantesca mesa viam-se expostos montes de vitualhas, frutos dourados, carnes suculentas e aves de odor apetitoso...

O castelão pavoneava-se entre os hóspedes, jovial e barbudo. A seu lado sua esposa, majestosa e orgulhosa, olhando com frieza para os vassalos reunidos em tôrno.

Mateus adiantou-se em direção ao casal, intimidado, um tanto envergonhado das suas vestes pobres e suas mãos gretadas. Preparou a bandurra e dispunha-se a cantar sua mais bonita canção de Natal, como homenagem, quando o castelão deu com os olhos nele.

— Que veio você fazer aqui ?

— Sou menestrel, senhor, respondeu-lhe docemente Mateus, e vim oferecer algumas canções em honra do nascimento de Jesús !

— Que belos cantos serão êstes, cantados por um tipo como tu ?... De quem roubaste esta corcunda ?

E o castelão soltou uma gargalhada estrepidosa, imitado incontinenti pelos que o cercavam.

Um dos vassalos, para não destoar, acrescentou:

— Êle ainda é mais bojudo que a sua bandurra...

— O dorso, curvado, parece apropriado para receber bastonadas ! comentou um outro.

— Êle não precisa se vergar para amarrar os sapatos ! — escarneceu um terceiro.

— Senhor, eu... balbuciou Mateus, procurando suavizar os sarcasmos.

Porém a esposa do castelão cortou-lhe a palavra, imperativa e glacial:

— Retira-te, labrego! Retira-te dêste salão reservado a pessoas honoráveis e não nos conspurques com a tua presença.

Mateus saiu, de cabeça baixa, sob risadas e vaias. Entretanto não tinha outra intenção senão alegrar os convidados cantando...

Nas cozinhas também festejavam o Natal. O vinho corria e os servidores, já embriagados, entoavam estribilhos marcando-os com batidas sôbre as mesas.

Mateus nela penetrou fazendo-se ainda menor. O cozinheiro, rubicundo e gordo, pôs-se a rir ao vê-lo:

— Olá, belo cavaleiro! Vieste encantar nossos ouvidos com os acordes desafinados e rangedores deste instrumento pançudo?

— Vinha cantar o Natal, senhores, e alegrá-los com as minhas baladas...

— Alegrar-nos, valha-nos Deus! Pensas alegrar-nos com a tua cara de quaresma? E pretendes sem dúvida em recompensa receber alguns restos do festim?

— Se acharem que mereço esta bondade, senhores.

Um dos criados, mais bêbedo que os outros, zombou:

— Os restos? Não os ganharás! Não queremos que tua corcunda aumente mais.

— Ganharás, sim, berrou outro. Toma, pigmeu!

E atirou um osso engordurado no rosto de Mateus, que não se pôde esquivar.

Outros imitaram-no. Mateus, então, fugiu sob uma saraivada de restos de cozinha e uma tempestade de escárnios.

Lágrimas amargas corriam-lhe pelo rosto, sem que êle tentasse sequer enxugá-las. Por tôda parte era repelido, caçoavam dele, e o expulsavam... Entretanto, não era dia de Natal, dia em que reina a paz sôbre a terra, sôbre todos os homens de boa-vontade? Êle não pretendia senão exercer o seu mister, fazer com que o mundo ouvisse as suaves melodias da agradável noite de Natal... Mas ninguém permitia.

E foi caminhando, temeroso e infeliz, ao longo dos corredores lajeados, compridos e escuros, que êle se perdeu.

Os vidros encaixados em chumbo mal permitiam que a lua diminuísse as trevas. Tudo era sombrio, melancólico, silencioso. Mateus começou a sentir mêdo na escuridão.

Um rastro de luz extravazando sob uma porta, fê-lo parar de andar sem objetivo. Por trás daquela porta havia alguém, que poderia orientá-lo como sair do castelo. Alguém que por certo zombaria como fizeram todos os outros...

Mateus hesitou um instante.

Tantos sarcasmos já lhe haviam feito sofrer naquele dia... Iria expôr-se de novo a mais injúrias?... Por outro lado, como encontraria o caminho, naquele dédalo de corredores tão parecidos?...

Reunindo tôda a sua coragem, bateu na porta. Esperou um pouquinho... mas ninguém respondeu. Bateu com mais fôrça... No aposento o silêncio era completo.

Então arriscou-se a empurrar a porta.

Um monge estava inclinado sôbre uma mesa, e seus cabelos brancos brilhavam suavemente à luz de uma vela. Sua mão enrugada segurava um pincel embebido em carmim, e seguia com carinho os contornos delicados de uma iluminura. Potes de tintas e penas de ganso, sôbre a mesa, esperavam, fiéis utensílios de um artista anônimo...

Absorto no trabalho, não ouviu a porta abrir-se nem viu Mateus entrar.

— Meu pai... começou Mateus.

Então ergueu a cabeça e fitou com olhos sorridentes e bondosos os olhos temerosos do menino.

— Que desejas, meu filho? perguntou-lhe suavemente.

E Mateus, que tinha sofrido tanto naquela noite sendo repelido por todos, rompeu em soluços diante daquele olhar.

Soluçando, contou-lhe tudo que se havia passado: os soldados e suas gargalhadas, os senhores e suas zombarias, os cozinheiros e seus escárneos... Sua fuga ao longo dos corredores sombrios, seu mêdo ao ver-se perdido...

— ... E o senhor, meu pai, que sabe tantas coisas, poderá ensinar-me não só o que devo fazer para sair do castelo, como também onde ir para deixar de ouvir maldades?... Poderá dizer-me onde conseguirei afinal cantar o Natal com fervor e devoção, sem que as injúrias e as crueldades impeçam o meu canto de chegar até o céu?

E o monge, que era um homem muito sábio e muito bondoso, aquiesceu. Sem uma palavra para Mateus, juntou as mãos e mergulhou em profunda oração...

Quando baixou os olhos, Mateus tinha desaparecido.

Entretanto a porta não tinha sido aberta e nenhum passo ressoava afastando-se pelo corredor. O pequeno corcunda desaparecera...

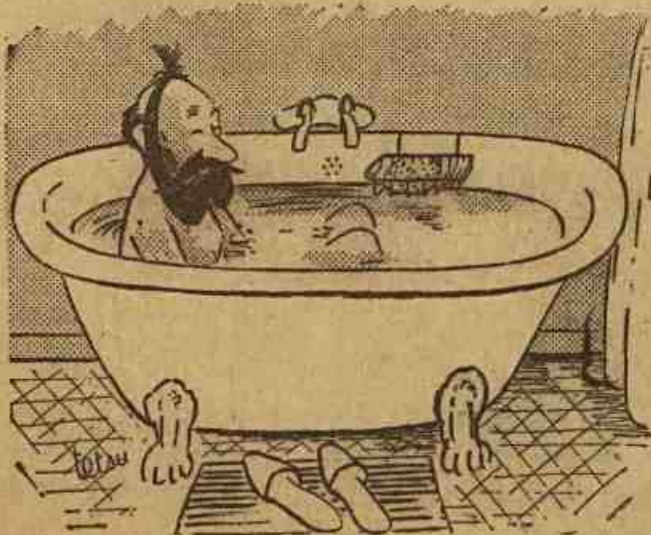
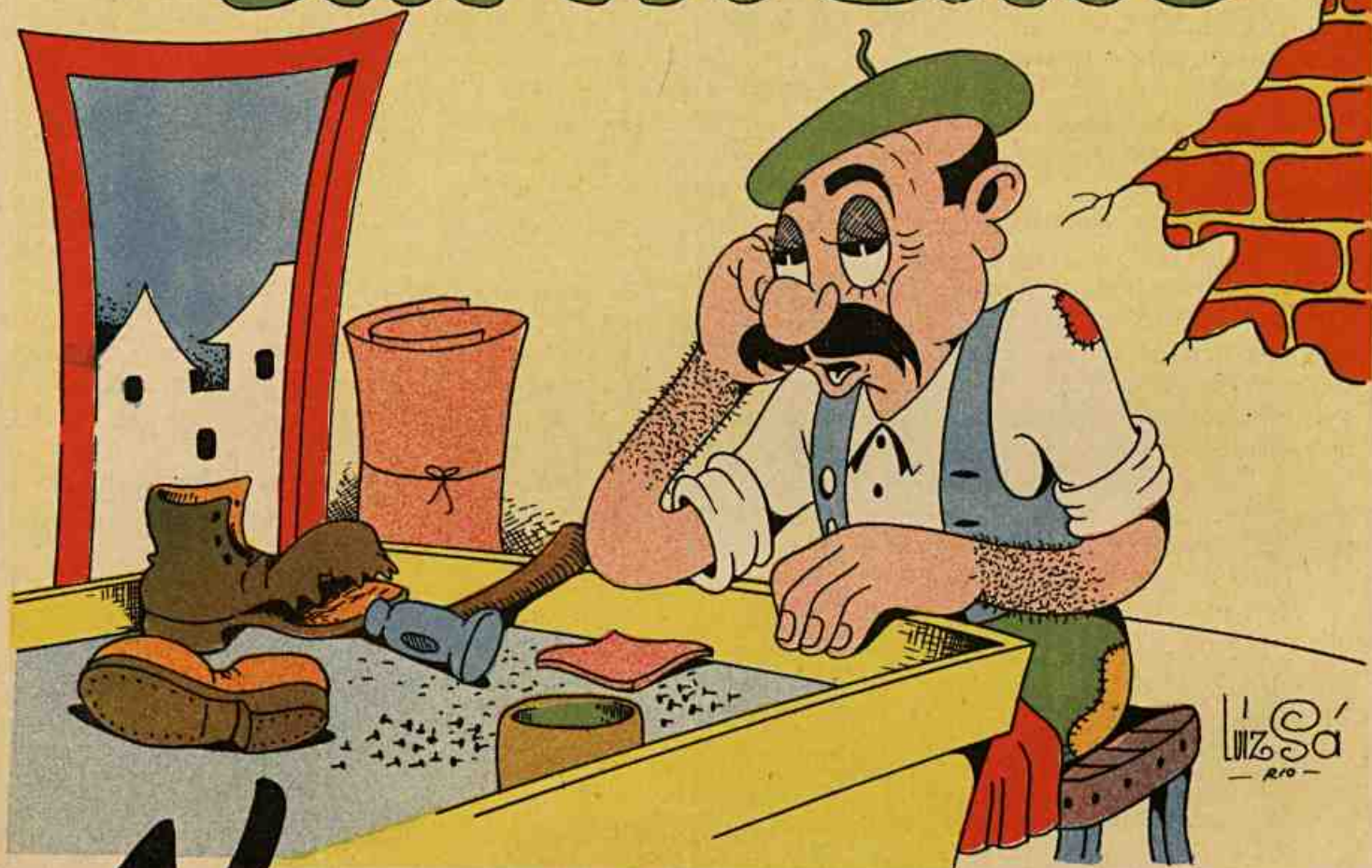
Quando, porém, o bondoso monge tornou a olhar para a sua iluminura, sobressaltou-se: um detalhe a mais nela figurava, detalhe que êle não se lembrava de ter desenhado...

✝

E ainda hoje, se vocês forem, à Biblioteca Nacional, em Paris, na seção onde um arquivista cuida, com amor, preciosos manuscritos da Idade Média, observarão, numa ilustração sôbre pergaminho, uma ingênua e delicada "Natividade" na qual um pequeno corcunda toca a sua bandurra, entre os pastores que circundam o Menino Jesús.

E o pequeno corcunda tem um aspecto feliz, feliz...

CASA DE FERREIRO...

— Sente-se, por favor... Já o ponho bom...

O SAPATEIRO

NAQUELE mês de dezembro Nicola não tinha sido muito feliz nos negócios.

Por mais que pregasse solas e saltos nos sapatos, não tinha ganho o suficiente para festejar a véspera do Ano Novo. Estava, pois, sem uma moeda para comprar ainda que fosse o menor, o mais modesto dos "panetones", com passas e mel.

O bom homem, entretanto, se resignava, dizendo:

— Mais sofreu Jesús por nossa causa. Que se há de fazer? Contentar-me-ei em comer batatas e um pedaço de pão prêto, como todos os dias... Realmente, festejar com guloseimas o ano que vai começar, não me parece coisa muito cristã, pois satisfazemos o estômago, ou seja, alimentamos o pecado da gula, um dos pecados capitais... Mais vale festejar o Ano Novo com boas intenções, melhores propósitos, corrigir-nos dos defeitos, ser bons e caridosos para com os outros e fazer um pequeno sacrifício...

E o bom Nicola tornou às suas meias-solas, suspirando um pouquinho, mas conformado com o que Deus determinava.

Tão entretido se achava na sua tarefa, que não notou que pela rua passava um cortejo. Era o rei, com sua filha, a linda princesa Rosinha. Esta, para satisfazer um dos seus inúmeros caprichos, quís percorrer as ruas, a pé, na véspera do Ano Novo, para ver os preparativos que se faziam: feiras de dôces e brinquedos, cachos de uvas amontoados sôbre as mesas, para se comer uma uva a cada badalada do relógio, anunciando a meia noite, as guirlandas de murta e azevinho, as armações de iluminação festiva e os fogos de artifício que se acenderiam também naquela hora, em homenagem a São Silvestre, o último santo do ano.

TUDO a princesinha olhava com interêsse. Como só conhecia as grandes festas do palácio real, para ela era uma novidade tudo aquilo, e ria e conversava alto com o pai e os cortesãos que compunham o pequeno séquito.

De repente, Rosinha tropeçou... Mas, claro! Seus pesinhos não estavam habituados a andar em ruas mal calçadas e sim a caminhar e pisar sôbre tapetes macios! Também nunca ia a pé, só de carruagem, entre almofadas de plumas, onde descansava os sapatinhos bordados a ouro e encrustados de pedras preciosas...

Ao tropeçar, um dos sapatos, voou longe, desprendendo-se-lhe o salto, que foi cair no meio da rua.

Que aborrecimento!... Os cortesãos apressaram-se a apanhá-lo e tentavam em vão colocá-lo no lugar, sem o conseguir Foi inútil. O salto deslocava-se, desprendia-se... Não havia jeito! O dano era irremediável. E Rosinha teria sido obrigada a voltar capengando ao palácio se o velho Nicola não tivesse presenciado a cena e não corresse em seu auxílio, dizendo:

— Majestade, se m'o permitis, eu me ofereço para consertar o sapatinho de Sua Alteza...

— Tu? Um simples sapateiro remendeiro? Olha que se trata de um material riquíssimo, de sapatos feitos por um dos melhores sapateiros do Oriente.

— Eu o consertarei e procurarei fazê-lo o melhor que fôr possível.

Concordou o monarca e logo lhe trouxeram uma cadeira onde Rosinha se sentou, enquanto Nicola se pôs a trabalhar.

Seus dedos, acostumados a trabalhar com couro duro, com sóla, madeira, etc., tremiam um pouco. Pediu, porém, êle, a Jesús e à Virgem Maria e seu santo esposo, São José, que o ajudassem a fazer um bom serviço. E então, seus dedos se tornaram mais ágeis e menos ásperos. Com tôda dedicação e carinho trabalhou o pobre sapateiro e, finalmente, o salto se adaptou firme no seu lugar. E tão perfeito ficou o serviço que nem se notava. O sapatinho parecia novo. Quando o apresentou ao monarca, êste ficou maravilhado, assim como a princesa e os cortesãos.

— És, realmente, um artista! — exclamou o rei, muito satisfeito. — Graças a ti minha filha poderá continuar o seu passeio. De hoje em diante nomeio-te Sapateiro Mór do Reino e terás tua oficina no palácio. Agora, para que possas festejar o Ano Novo, toma: isto é para pagar o teu trabalho.

E entregou a Nicola uma bolsinha cheia de moedas de ouro.

E, assim,, naquela véspera de Ano Novo, Nicola pôde comer o que desejava: pão dôce com recheio de passas e mel, torrão de amendoas, castanhas... E quando o sino da igreja bateu meia noite, êle, como todos os moradores da cidade comeu suas doze uvas. Deus o recompensara por ser um homem bom, que se conformava com a sua sorte, sem revoltas nem lamúrias.

DONA TERRA NÃO ANDA GIRANDO BEM...

TODOS sabemos que o céu gira lentamente cada noite em tôrno de nós: a Lua, que se ergue no horizonte, surge cada dia um pouco mais tarde na abóbada celeste. Todos sabemos também que isto é uma simples aparência, visto que é a Terra que gira realmente diante do céu imóvel.

Os astrônomos sabem a que hora cada estrêla passa por um certo "meridiano", isto é, na direção exata do sul; sabem, por exemplo, que Sirius passa às 6 h. 42 min. e 51 s. No momento preciso em que êles vêem esta estrêla transpôr a imaginária linha meridiana, não lhes resta senão verificar se seus relógios marcam precisamente 6 h. 42 min. e 51 s., e em seguida transmitirem a hora exata pelo mundo. O tempo, calculado assim pelos astrônomos, e do qual nos utilizamos a cada instante consultando o nosso relógio, pode ser chamado o **tempo terrestre** por ser baseado na duração da rotação cotidiana da Terra.

Ora, um belo dia, o grande astrônomo Laplace observou que algo não estava certo. A Lua, cujo movimento estava previsto com a máxima precisão, passava pelo meridiano cada vez com maior antecedência sôbre a hora prevista.

— "Que é isto? — murmurou Laplace. — A lua estará desarranjada?" — E teve uma suspeita... Se você fôr, todos os dias, à estação vêr passar o trem das 16 h. e 36, e constatar no seu relógio que êle passa um dia às 16 h. e 35 e no dia seguinte às 16 h. e 34, e no outro dia às 16 h. e 33, e assim por diante, talvez acabe dizendo: — Não é o trem que cada dia passa um minuto mais cedo; é o meu relógio que se atraza um minuto por dia.

Foi também o que pensou Laplace; não era a Lua que se antecipava, era o relógio que atrazava. E como êsse relógio era, como todos os relógios do mundo, regulado pela rotação da Terra, era positivamente esta última que girava cada vez menos depressa.

Nos nossos dias êste fenômeno está completamente elucidado. Está perfeitamente admitido que a Terra gira cada vez menos depressa o que leva forçosamente a duração do dia a prolongar-se cada vez mais. Naturalmente o dia continua a ter 24 horas, porém as horas são cada vez mais longas. Um dos nossos dias de 24 horas equivale mais ou menos a 25 horas do tempo de Jesús Cristo.

Por que a Terra se retarda? Porque ela está "freiada", comprimida duas vezes por dia entre dois êmbolos de freio, que são formados pelas marés. O atrito produzido por estas massas é tão poderoso, que transformado em calor bastaria para fazer ferver 250 toneladas de água por segundo.

Mais tarde um astrônomo americano chamado Newcomb reparou que não só a Lua manifestava um adiantamento como revelava, além disto, de tempos em tempos, outros pequenos desvios súbitos e imprevistos.

— Diabo! espantou-se Newcomb. Seria ainda a Terra que, não satisfeita de acumular um atrazo crescente apresentava, além disto, irregularidade de marchas periódicas?

Mediante observações, descobriu-se que em cada 260 anos o dia diminuia de 30 segundos, para aumentar em seguida igualmente. Neste momento, pois, nosso globo está em adiantamento de segundos sôbre o o tempo dos relógios.

Os movimentos celestes sempre passaram como sendo os mais perfeitos. Que mecânnismo poderia ser melhor lubrificado do que a nossa máquina redonda atravessada pelo seu eixo?

Depois de Laplace, depois de Newcomb, chegou-se à conclusão de que o motor celeste não era tão perfeito assim... As descobertas puseram os sábios alerta. "Além dêstes períodos de 260 anos, refletiram êles, quem sabe se a nossa rotação não sofre desigualdades periódicas mais frequentes, o menos espaçadas?

Em 1940 outro astrônomo, tal como Newcomb, prosseguia os seus trabalhos no observatório.

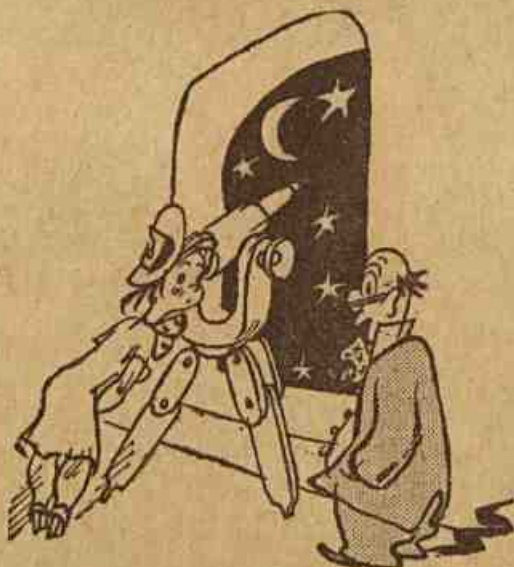
Chamava-se Stoyko.

— O relógio-Lua não é bastante perfeito para registrar os mínimos desvios do relógio-Terra, disse êle. Pois bem! Substituamos simplesmente a Lua pelos nossos próprios relógios, nossos pêndulos do observatório, tão precisos que não variam de 1/1.000 de segundo por dia.

Para maior segurança êle seguiu durante vários anos a marcha dos relógios de vários observatórios e notou que em certos momentos êstes relógios, simultaneamente, apresentavam o mesmo pequeno avanço ou o mesmo pequeno retardamento.

Era a história da estrada de ferro e do trem que se repetia.

— Não há mais dúvida, declarou o Sr. Stoyko em 1950: a Terra manifesta positivamente pequenos desvios de breves períodos conforme suspeitamos. Cada ano ela se adianta, no verão, o máximo 14/10.000 de segundo, e se retarda, no inverno, o máximo de 12/10.000 de segundo.

Milésimos de segundo... Ninharias. Mas, como se vê, dona Terra não está girando bem...

— Não vejo não, professor. Está muito escuro! Quem sabe amanhã, de dia, com a claridade...

CURIOSOS RECURSOS

Os crustáceos, assim como certos insetos e reptís, têm a singular faculdade de poderem separar-se voluntàriamente de um membro que os incomoda ou pelo qual são acidentalmente presos.

Se agarrarmos um caranguejo por um pé, não será raro vêr o animal, para se nos escapar e reconquistar a sua liberdade, sacudir-se de repelão e deixar nos nossos dedos essa parte do seu corpo para em troca dela salvar o resto.

Conseguem isto graças a uma violenta contração muscular e o sacrifício é na realidade menos custoso do que parece, visto como o pé não tarda em ser regenerado.

As aranhas e os gafanhotos deixam mais de uma vez uma perna nas mãos daqueles que querem capturá-los; porém, para estes animais, êsse abandono é mais sensível que o dos caranguejos, porque nêles os membros perdidos não se tornam a recuperar.

Também as lagartixas se mutilam voluntàriamente para conservarem a sua liberdade atacada, mas têm a boa sorte de lhes não tardar a crescer de novo o pedaço de cauda que abandonam, a qual às vêzes até renasce dupla, o que faz com que se encontrem exemplares desta espécie que têm a cauda bifurcada.

A SEMANA DO PREGUIÇOSO

(MONÓLOGO)

Em cada dia da semana
Deve um trabalho se fazer
Afim de que haja disciplina
E também ordem possa haver

Naturalmente no domingo,
Por dia ser santificado,
Eu nada faço, fico quieto,
Passo o meu dia descansado,

Porém já na segunda-feira
Começo o dia a me lembrar
De que é preciso agir, devéras,
E é necessário trabalhar.

Na terça-feira o meu trabalho
É procurar a ocupação
A que me entregue com bravura
De corpo e alma... e coração.

Chegando a quarta eu continuo
Nêsse trabalho a meditar,
Pois uma ocupação rendosa
Não é tão fácil de encontrar...

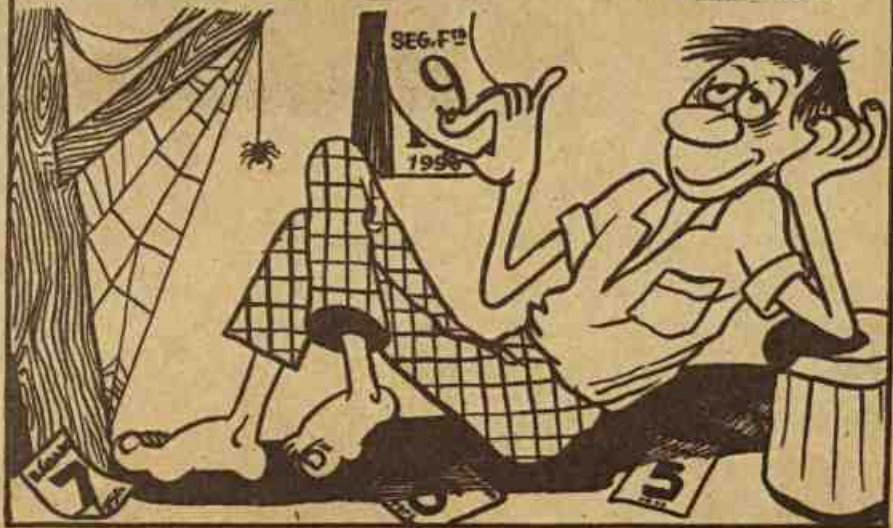
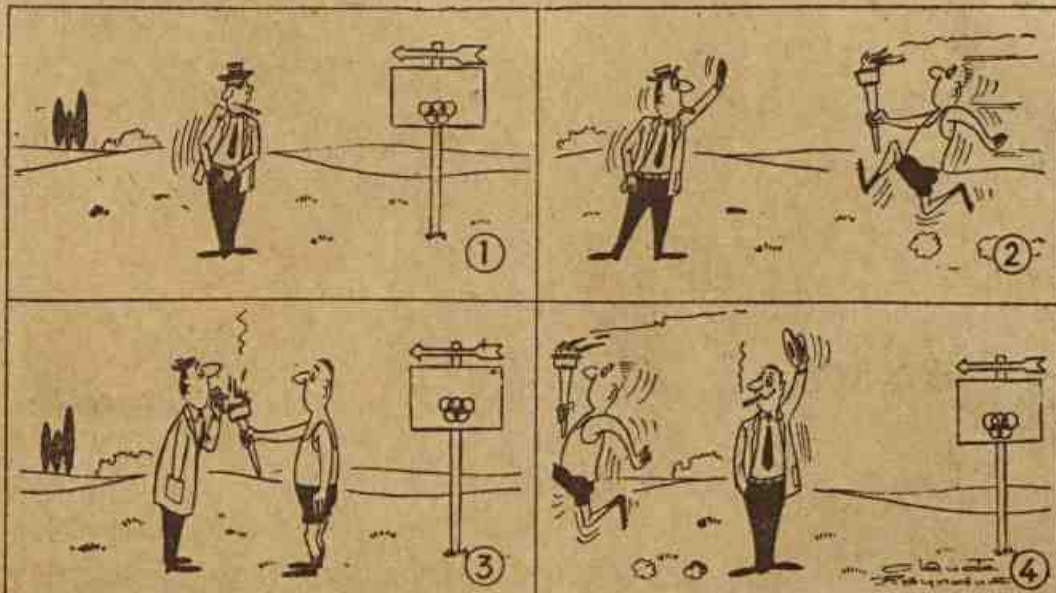
Na quinta-feira eu fico alegre
Porque suponho ter achado
Êsse trabalho pra passar
A sexta e o sábado ocupado,

Mas no outro dia é que reparo
Ser sexta-feira, um dia aziago...
Começar nele algum trabalho
É certo haver qualquer estrago...

Manhã de sábado, radiosa!...
A natureza, assim jocunda,
Só nos convida a passear...
Fica o trabalho pra a segunda...

Pois antes dela vem domingo
Um dia feito pra o descanso.
Trabalhar nêle é proibido.
Eu, no domingo, canto e danço.

Assim, me sinto bem disposto
Para a semana começar
E, logo na segunda-feira,
Um bom trabalho procurar...

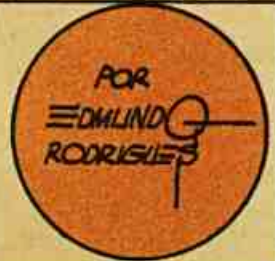
E. WANDERLEY

NÃO TINHÁ FOGO, MAS NÃO SE APERTOU...

AVAREZA

Estando muito doente um avarento, disse ao filho, que tambem já era tão avarento como o pai, que fosse chamar um médico.

— Meu pai, então não sabe que isso é caro?

— Sei, sei — respondeu o pai, — e bem me custa fazer essa despesa; mas os enterros não estão ainda mais caros?

A História de SÃO SEPÉ

POR EDMUNDO RODRIGUES

No ano de 1754 o forte que deu origem à cidade de Rio Pardo foi atacado por um índio chamado Sepé, com 1.000 soldados espanhóis e indígenas sendo batido pelo chefe branco Rafael Pinto Bandeira que tinha às ordens apenas 60 homens.

Convertido pelos padres missionários, Sepé tornou-se fanático na defesa das "missões", verdadeiro herói, campeão da liberdade dos indígenas.

Entendendo que ninguém tinha o direito de usurpar suas terras, de invadir tabas selvagens, Sepé foi o terror de portuguêses e espanhóis. Bom cavaleiro, exímio batalhador, combatia os que ousavam invadir os campos que margeiam o rio Vacacaí.

Combatia os europeus colonizadores e os índios charruas, que não queriam trocar Tupã pelo Deus dos jesuítas. Um dia, Sepé, que fora batizado com o nome de José, viu-se cercado pelos soldados de Gomes Freire de

Andrade e de Adonegui, que caíram sôbre os índios desapiedadamente. Sepé bateu-se com êles até cair morto. Os indígenas, que fugiram ao perder seu bravo chefe, chegaram às Missões contando que, enquanto o corpo de Sepé rolava

junto de seu cavalo, se erguia transparente a visão de um cavaleiro feito de luz. Esse cavaleiro fantástico alcançou o espaço e, galopando sem rumo sôbre as coxilhas, desapareceu no horizonte. Nasceu, assim, a lenda de S. Sepé, o índio santo, que, segundo a crença, ainda hoje aparece galopando no céu azul, sôbre os pampas.

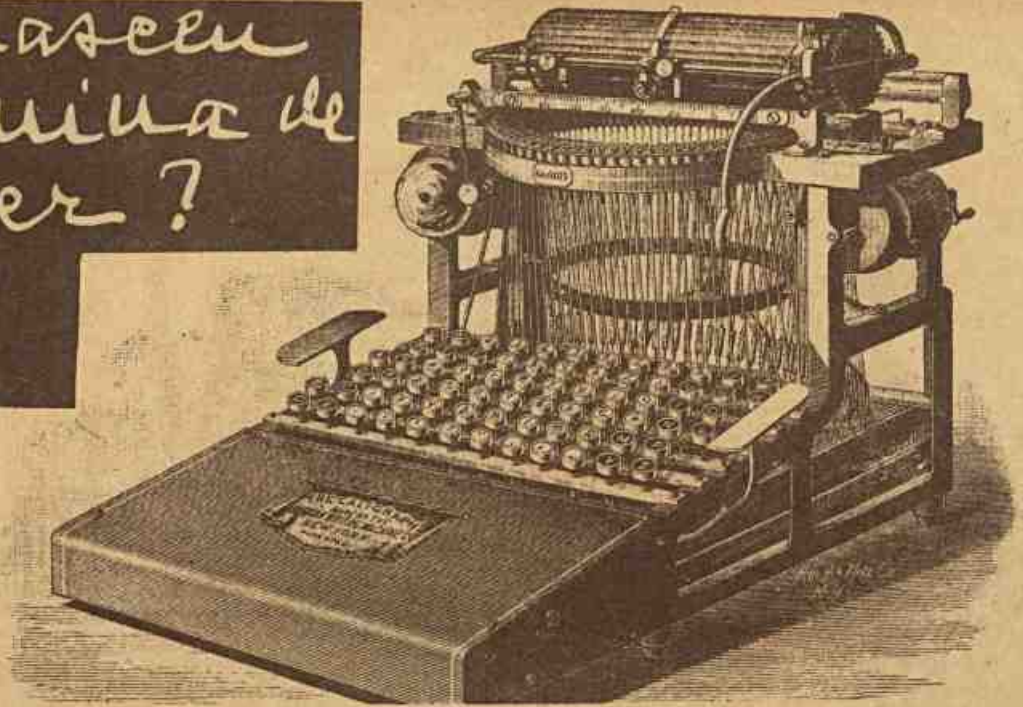
Onde nasceu a Máquina de escrever?

Raymundo Galvão

OS grandes inventos, como a marcha da própria ciência, não constituem obra de um só homem, mas a conjugação dos esforços de muitos, numa luta constante e ininterrupta.

Por isso mesmo as conquistas humanas assemelham-se à construção de um monumento onde cada qual, a seu tempo, coloca uma pedra a mais na obra eterna e duradoura.

Essa é a razão porque os inventos e descobertas famosos, como a imprensa, como "o mais pesado que o ar", a máquina de escrever, têm, em cada país um nome a lhe reclamar a paternidade.

De fato, uma infinidade de homens, cientistas uns, leigos outros, pertencentes todos às mais diferentes raças, cooperaram para o aperfeiçoamento da máquina de escrever, maravilha da indústria moderna, utilíssima hoje às mais variadas profissões.

Na realidade, coube a Henri Mill, notável engenheiro inglês, a invenção do "dactilografo" ou "mecanographo", nomes primitivamente dados à máquina de escrever, quando do seu aparecimento aí por volta de 1714.

Observa-se, com frequência, entre os verdadeiros inventos uma certa falta de espírito comercial, de visão, de resguardo aos seus direitos, como se êles próprios não acreditassem nas perspectivas que se abrem, para o futuro, às suas descobertas. Não fugiu à regra, pois, o boníssimo Mill, deixando que seu invento bem cedo fosse ter às mãos de outros povos.

E vemos, então, crescer desmedidamente o número dos que compreendem as imensas possibilidades da máquina, dedicando - lhe, em consequência, o melhor dos seus esforços. São franceses, ingleses, italianos, americanos do Norte e, até um brasileiro.

A máquina de escrever, é claro, não nasceu com os requisitos que hoje possue: era rústica, de aspecto um tanto feio e, por estranho que pareça, não possuia teclado, só o vindo a ter muito mais tarde, graças a Pellegrino Turri, um italiano amante da mecânica.

Até 1871, a impressão das letras se fazia por baixo, quando Spiro resolveu o problema da escrita visível. Não possuia senão os caractéres maiúsculos, cabendo ao norte americano Brecks a glória de conseguir a impressão de letras maiúsculas e minúsculas.

Notável, sem dúvida, foi a participação de um brasileiro, o Padre Francisco João de Azevedo, filho da Paraíba, na história da máquina de escrever, razão pela qual é ele, hoje, considerado o Patrono dos datilógrafos do Brasil. Com efeito, não lhe coube apenas aperfeiçoar os tipos de máquinas existentes, mas construir um tipo inteiramente seu, ao qual imprimiu conhecimentos científicos de alta geometria.

A "Caligraph", modêlo lançado em 1880

Pe. Francisco João de Azevedo, patrono dos datilógrafos do Brasil.

Com um modêlo, rústico embora, do seu invento, concorreu à Exposição Provincial Agrícola e Industrial de Pernambuco e à "Primeira Exposição Nacional" de 1861, com o que conquistou Medalha de Ouro e Menção Honrosa.

Estava vencida a primeira etapa; a segunda, porém, ser-lhe-ia impossível conquistar: foi o auxílio, o incentivo e o estímulo financeiro para a consecução de sua obra, o que, a exemplo do ocorrido com outros inventores brasileiros, lhe faltou por parte do Govêrno. Mas, se por um lado tudo isso lhe faltou, sobrou ao pobre e desiludido Padre Azevedo o desprendimento e, sobretudo, a plena certeza de quando poderia ser útil à humanidade, abrindo mão de seus direitos. Fez, pois, cessão de seu invento, sem auferir com isso a mínima vantagem pecuniária, em favor de um americano do Norte.

Vê-se, pois, que sem o trabalho constante de muitos, não seriam possíveis os numerosos modelos hoje existentes, inclusive elétricos, em cujos reluzentes teclados mãos hábeis e agilíssimas deslizam, emprestando o seu concurso à eficiência e rapidez necessárias à vida moderna.

A FÉ

A fé é uma claridade que desfaz as sombras interiores. O que não crê é como o cego que anda tateando, sempre arriscado a perigos, bastando resvalar num talude para precipitar-se no abismo. — *Coelho Neto.*

TRÊS MAUS E TRÊS BONS

No quadro acima — uma cena de rua na véspera de Natal — entre tantas pessoas, existem 3 que praticam más ações e outras 3 que, ao contrário, estão fazendo o bem.

Você será capaz de localizar essas 6 pessoas?

Confira a sua resposta com o quadrinho que aparece, como solução, no fim do Almanaque.

A maior jazida de cristal de rocha do mundo está localizada em Sete Lagoas, no Estado de Minas Gerais.

Dela se extraem mensalmente, cêrca de trinta toneladas daquele precioso minério.

O ouro pode ser laminado até formar uma fôlha 1.200 vezes mais delgada que o papel de imprimir. Uma onça, apenas, de ouro, pode estender-se até formar uma lâmina de 45 metros quadrados de superfície.

A lenda do TRIGO

ROMPIA a aurora. Um resplendor grisáceo estendia-se pela campina silenciosa e brilhante de rocio, e um vento fresco de início de Outono fazia balançar as fôlhas das árvores. O estancieiro Pedro, cuja casa se levantava em meio da planície imensa, corre de um lado para outro chamando os peões.

— Levantem, rapazes; a jornada será longa e não há tempo a perder !

Luiza, sua esposa, prepara na cozinha o café para a peonada.

Momentos depois, ao longo da grande mesa, viam-se bôlos quentinhos, pães, café e leite gordo. E os peões, precedidos pelo patrão, davam início à tarefa de prover de combustível as máquinas humanas, prontas para iniciar o rude labor diário. Naquele instante a porta se abriu, aparecendo no umbral um novo personagem, que foi recebido com grande alarido por todos os presentes.

— Salve, velho! — gritou alegremente o estancieiro. — Parece que madrugaste. Queres trabalhar hoje conosco? Tens sempre um lugar aqui, já o sabes.

O recem-chegado entrou. Era um velho muito vivo, robusto, embora um pouco curvado sob o pêso dos anos e seu rosto quase desaparecesse sob a alvíssima barba. Sempre de um lado para outro, trabalhava aqui e ali, nas estâncias, curava os enfermos, fossem pessoas ou animais, dava bons conselhos e contava velhas histórias, sempre contente e satisfeito da vida.

— Sente-se e ajude-nos a tomar o café — disse-lhe o dono da casa, fazendo um lugar a seu lado.

E o ancião sentou-se sem se fazer rogado, acompanhando os presentes no desjejum. Em seguida, partiram os peões para a planície imensa. Uma vez chegados ao lugar onde tinham que trabalhar, cada um tomou uma direção e, com passos lentos, puseram-se em marcha através dos sulcos. Suas silhuetas desenhavam-se sob o céu azul e, com os braços estendidos, atiravam os grãos de onde haviam de surgir mais tarde as douradas espigas.

Estiveram semeando até tarde. Com a entrada do sol, tornaram à casa, silenciosos, fatigados, e se puseram a comer calmamente. A satisfação do dever cumprido iluminava seus rostos rudes. Sentiam-se cansados, porém o trabalho eleva o coração. Ao terminar a refeição, as crianças do estancieiro rodearam o velho peão.

— Conte-nos uma história! Uma história dos tempos antigos! — pediram.

E o ancião não se fêz rogado, pois gostava de contar velhas lendas. Alizando a longa barba branca, meditou um pouco e começou:

— "Os anos que se passaram desde que isso aconteceu nem eu mesmo sei, eu que sou tão velho, meus filhos. Entretanto, os grãos de trigo que hoje confiamos ao seio da terra são menos numerosos certamente. Pois bem; naqueles tempos remotos, vivia em um povoado, cujo nome tão pouco poderia dizê-lo, uma raça de homens ímpios e duros de coração. Em uma colina próxima levantava-se a cabana de um ermitão, tão idoso que sua barba branca lhe chegava até aos pés e que incessantemente rogava a Deus perdão para as crueldades praticadas pelos habitantes daquela terra.

Naqueles tempos, meus filhos, o bom trigo de pesadas espigas, o trigo de que se fazem hoje o saboroso pão branco e as bolachas douradas, crescia na planura sem que ninguém tivesse necessidade de preparar a terra, nem de semear, reduzindo-se o único trabalho a recolhê-lo. Por conseguinte, no outono, quando chega para nós a época das duras tarefas da semeadura, os homens daquela época não tinham nada que fazer.

Quando êles colhiam suas espigas, o ermitão fazia o mesmo com as suas, no seu pequeno campo da colina. E, — coisa curiosa! — a colheita daquele santo homem suplantava em qualidade à dos habitantes da planície e nos anos difíceis, quando a escassês assolava o país, seu trigo se erguia abundante.

Um dia, pela manhã, quando o eremita saíu da cabana, ficou pasmado. Em lugar das douradas espigas, montões de cinzas cobriam a terra enegrecida. Os olhos do ancião marejaram-se e, como os camponeses o olhassem com ar trocista, insultando-o na sua infelicidade, com voz enérgica, sentenciou:

— Que vossos campos sejam estéreis de hoje em diante! Quando buscardes vosso alimento nos lugares onde antes o encontráveis, só colhereis espinhos ou vagens com sabôr de cinzas!

A voz estentórea do anacoreta chegou até os ouvidos dos habitantes da aldeia. Forte, enérgica, parecia que descia do céu, como se Deus mesmo fôra quem houvesse falado.

E o solitário tornou a entrar na cabana, enquanto os camponeses, aterrorizados por aquelas palavras, se afastavam.

— Eu não comerei o trigo que me resta — disse ainda o ermitão. — Que seria dos pássaros que Deus envia para alegrar-me? Dar-lhes-ei dêste trigo e durante um ano só me alimentarei de ervas e de raizes silvestres.

Apanhou os sacos de trigo, abriu um dêles e tirou o primeiro punhado de grãos para oferecê-lo às suas queridas avesinhas.

E durante um ano inteiro o ermitão só se alimentou de ervas e de raizes, atirando aos pássaros, dia a dia, o trigo que lhe restava.

Ao cabo dêsse tempo, uma messe mais abundante e florescente que nunca rodeava sua miserável choupana. Os grãos ao cair na terra, tinham germinado. Douradas e vermelhas, as espigas pesadas se inclinavam até o chão ao sôpro do vento que as acariciava. Entretanto, a vasta planura sôbre a qual tinha lançado a sua maldição, permanecia na esterilidade mais triste e desoladora. Os campos estavam devastados; nada, nem a mais insignificante plantinha brotara daquelas terras.

Chuvas fortes inundavam a terra convertendo-a em imenso lamaçal, sem vegetação alguma.

E, — caso raro! — no espaço reduzido, onde vivia o ermitão, brilhava perene o sol e a chuva espaçada caia suave e fresca, molhando carinhosamente a terra porosa. Na aldeia, entre os homens crueis, a fome reinava com todo seu séquito de dôr e amarguras. E o temor, a tristeza e o arrependimento roíam os corações daqueles que haviam queimado o campo do anacoreta.

Um dia subiram até a choça dêle em longo cortejo, fazendo súplicas e gemendo. Chegaram mesmo até a pobre cabana. Silenciosamente detiveram-se em volta dela e ajoelharam-se. Os mais velhos se adiantaram e, enquanto as crianças e as mulheres choravam, aqueles falaram:

— Perdão! Temos sido duros de coração, invejosos, malvados e merecemos bem o que estamos sofrendo. Agora, colocamos tôdas as nossas esperanças em ti. Sê bom, tu para quem temos sido tão crúeis. Tem piedade de nossas lágrimas!

E o idoso ermitão ouviu as súplicas. Sua longa barba branca como a neve, e que lhe chegava até aos pés, pareceu umedecer-se com as lágrimas que brotaram de seus olhos quase apagados. Andou até os arrependidos, levantou a mão direita até a altura do rosto enrugado e com vóz suave, carinhosa, terna, cheia de cativante emoção, respondeu:

— Não está em mim poder dissipar por completo vossos sofrimentos — respondeu o solitário. — Só vosso trabalho é que poderá fazê-lo. Só com o trabalho encontrareis a paz que desejais. Até o presente, as espigas cresciam espontâneamente em vossos campos. Já que a preguiça vos conduziu ao vício e ao pecado, em consequência tereis que trabalhar para viver e não tereis mais trigo se não trabalhardes duramente a terra. E a tarefa será árdua. Não tereis trigo se não o semeardes nos sulcos, em quantidade tão grande que as aves do céu dêles possam tirar a sua parte...

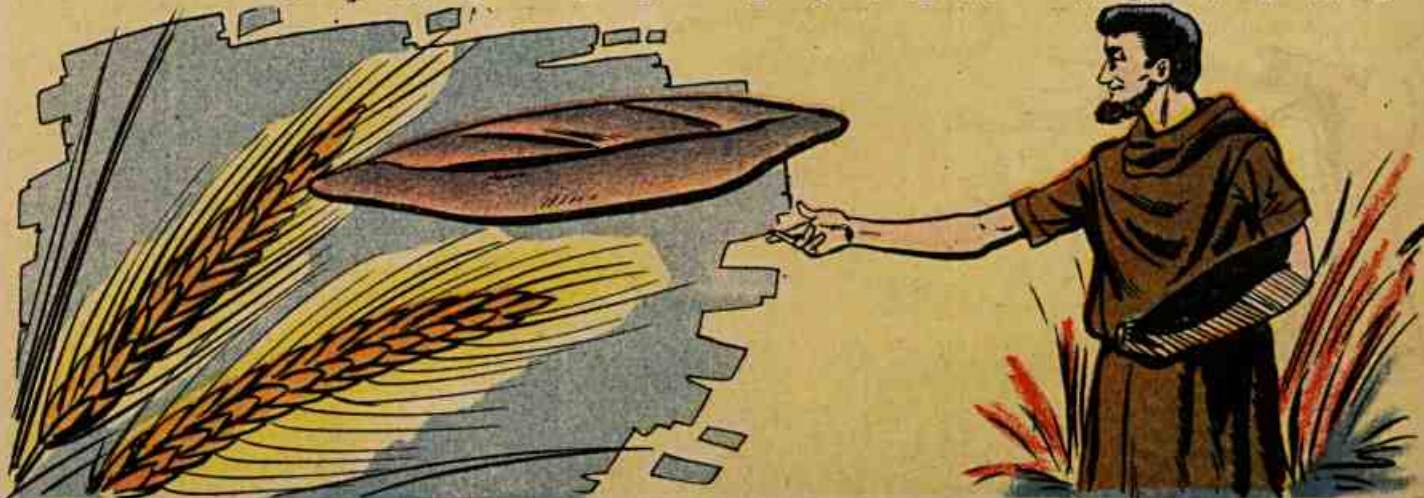
Trabalhai a terra, que é vossa fonte de alimento. Ide e nunca vos deixeis tentar pela preguiça e a inveja, que ambas são as piores conselheiras das criaturas humanas. Não esqueçais isso, para vosso bem.

DEPOIS de dizer estas palavras o ermitão deu àquelas pessoas que o foram procurar alguns sacos de trigo e elas se afastaram cumulando-o de bênçãos.

Entregaram-se ao trabalho com tôda a dedicação. Com instrumentos grosseiros e pesados viraram a terra. Durante várias horas estiveram a semear os grãos de trigo, grão por grão, e seus braços ficaram entumecidos pelo exercício a que não estavam acostumados. O arrependimento, porém, havia abrandado seus corações e êles agora queriam imitar as virtudes do bom eremita. Puseram tôda a boa vontade na tarefa que tinham a executar e sentiram uma alegria interior que nunca tinham conhecido.

No ano seguinte, uma colheita magnífica, tão abundante como não recordavam ter visto outra os mais velhos da aldeia, veio recompensar seus esforços e sua perseverança.

(Continua no fim do Almanaque)

TRADUÇÃO DE ZUÍLA AMARAL

É SÓ SABER INTERPRETAR

AQUI à direita estão 9 desenhos, cada qual mais esquisito. Olhando para êles, à primeira vista, o leitor fica intrigado: que será que cada um representa?

Bem... O caso é justamente êste: saber como interpretá-los. Nisso consiste o nosso passatempo: em saber interpretar.

Olhe para cada um dêles e pense bem... A interpretação do autor é um pouco estapafúrdia, mas... convence.

Se de todo você não conseguir uma solução, vire a página ao contrário e encontrará as devidas explicações.

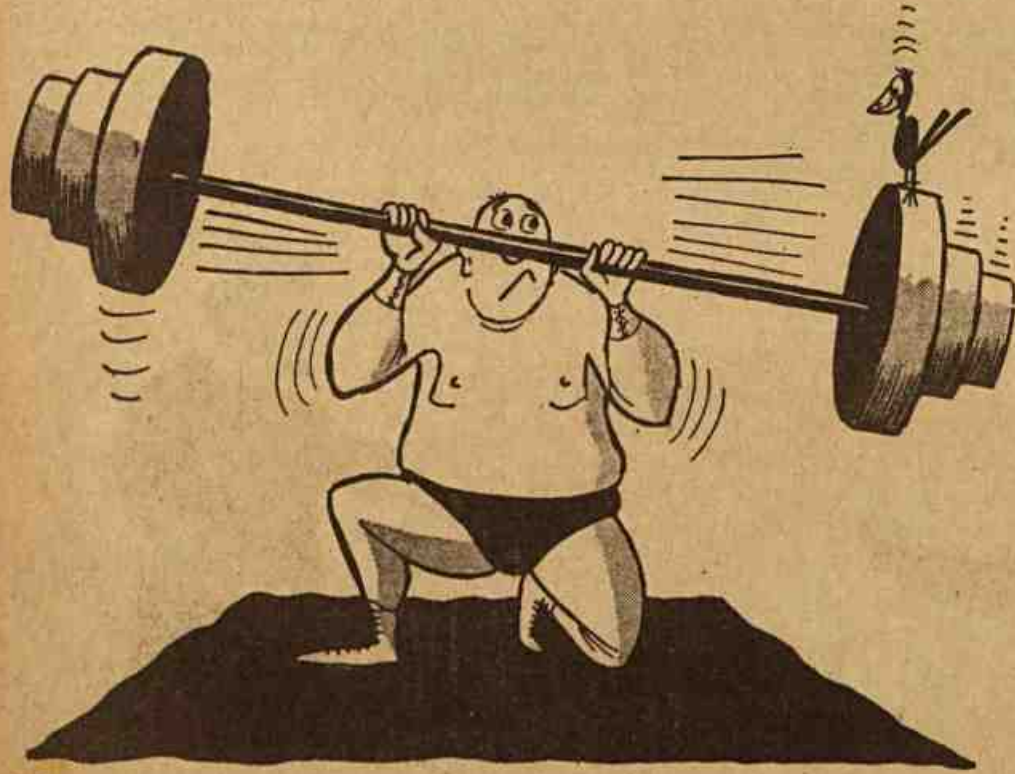
1 2 3 4 5 6 7 8 9

RESPOSTAS

1) Um Q que fez ondulação permanente. 2) Um granfino que saiu do Municipal com chapéu trocado. 3) Guarda-chuva para casal: marido alto e mulher baixa. 4) Pé de galinha casada. 5) Quatro mexicanos numa porta giratória, vistos do alto. 6) Relógio para marcar a hora "que era" em vez da hora "que é". 7) Bico de um pinto visto por uma formiga, de dentro do formigueiro. 8) Dentadura postiça de um coelho. 9) Árvore de Natal de uma família de anões.

Na preparação do papel carbono emprega-se cera de carnaúba. Em nenhuma outra parte do mundo existe a carnaúba, sòmente no Brasil.

PASSARINHO... AMIGO DA ONÇA

O SEGUNDO TAMBOR

O grande compositor francês Berlioz havia já organizado um concerto na cidade de Mosca, e, poucas horas antes do espetáculo, o governador advertiu-lhe que só poderia realizá-lo se, dias depois, se apresentasse novamente num espetáculo gratuito, tocando êle também qualquer instrumento.

— Mas eu não toco instrumento algum! — balbuciou o compositor, atónito.

— Então, segundo o costume da cidade, não tem direito de dar concertos.

As coisas estavam mal paradas, quando um homem idoso se aproximou de Berlioz e murmurou-lhe ao ouvido que aceitasse que êle daria uma solução para o caso.

No dia seguinte, Berlioz dava o concerto gratuito, no qual figurava como parte da orquestra tocando modestamente um obscuro segundo tambor...

UM MARTIR DA CIÊNCIA

ALVARO Alvim, o introdutor da eletroterapia no Brasil, gloriosa vítima da dedicação à ciência e do amor pela humanidade, é uma das expressões mais legítimas da medicina em nosso país. O jornal "O Paiz", ao registrar a sua morte, teve estas palavras: "Para êsse nome, todo o vocabulário seria escasso e pálido. Mutilado, aleijado embora, realizando milagres de destresa para suprir a deficiência das mãos enfermas, nunca desertou do seu pôsto nas trincheiras da campanha permanente contra a morte. E esta vingou-se dele, reservando-lhe, ante a hora de conquistar o eterno repouso, angústias que nenhuma pena conseguirá descrever. Martir e herói, ficará eternamente na memória dos seus compatriotas. Heroismo bom, heroismo sagrado, que se traduzia em atos de bondade, que, ao invés de agredir e molestar, amparava e protegia, que, longe de servir aos interêsses da morte, só se agitava a favor da vida. E o martírio que, por bem consciente, por voluntário, por intencional, é uma fonte de meditações edificantes e purificadoras, para quantos habitam o país onde êle floresceu."

NASCEU Álvaro Alvim a 16 de abril de 1863, na cidade de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro. Formando-se em medicina, em 1888, estabeleceu-se com clínica no Rio de Janeiro e montou o primeiro gabinete eletroterápico do Brasil. Realizou várias viagens à Europa, trazendo sempre novos aparelhos. Foi quem primeiro instalou em nosso país um aparelho de Raios X. Devotado ao extremo apostolado, Alvaro Alvim desprezou os perigos a que se arriscava. E conhecendo-os não recuou nos seus propositos humanitários. Uma das mais expressivas vitórias do mestre foi a radiografia das irmãs xifópagas, operadas pelo famoso dr. Chapot-Prevost, fato que teve repercussão internacional. O trabalho de Álvaro Alvim foi, nada mais, nada menos que uma surpresa geral, pois era a primeira vez que, em todo o mundo, se conseguia êsse resultado.

NO meio da intensidade de sua luta científica, o ilustre brasileiro recebeu o primeiro golpe do destino. A prática constante da radiologia lhe trouxe uma grave lesão. Em 1918 sofreu uma operação na perna. Três anos depois, submeteu-se a nova operação, em Hamburgo, desarticulando dois dedos da mão direita.

Várias outras vezes Álvaro voltou à Europa, a fim de tentar salvar a vida que o ia abandonando, através de sofrimentos horrorosos. Em 1924, foi forçado a amputar a mão de um lado e o antebraço do outro. O sábio eminente, o homem de coração e de tão alto espírito de solidariedade coletiva, era um mutilado. E o seu martírio havia de continuar ainda.

EM 1923, o Congresso Nacional concedeu-lhe a medalha humanitária de 1.ª classe. Ainda o Congresso aprovou um projeto de lei do deputado Antonio Austregésilo, adquirindo por duzentos contos o gabinete de Alvaro Alvim.

A 21 de maio de 1928, o martir glorioso deixava de existir. Até o momento derradeiro, suportou dôres crueis, sofrimentos inexoráveis.

A vida de Álvaro Alvim continua clara diante de nós, como um dos raríssimos exemplos de dedicação suprema pelo bem do próximo. Não conheceu o grande cidadão do Brasil um momento de vacilação. Seu apostolado veio do idealismo até à tortura física. O epílogo dessa vida pode se assemelhar a um verdadeiro Calvário. Carregou a sua Cruz pela salvação dos seus semelhantes. Não pela cura da alma, mas pela cura do corpo. Com a tragédia da sua carreira científica, deu uma prova de que o mundo, com os seus choques de ambições e de egoismo humanos, ainda pode possuir consciências limpas e superiores, capazes de lutar pela felicidade alheia.

A. P.

PARA O Carnaval QUE VEM AÍ...

COM bastante antecedência, aqui está uma "careta" para o seu próximo Carnaval. Recorte-a colada em morim ou em papel forte (de embrulho), recorte o nariz (linhas interrompidas) e retire a parte branca dos olhos. Nos pontos pretos de cada orelha, enfie um barbante, com um nó, para amarrar na cabeça.

O ano BISSEXTO

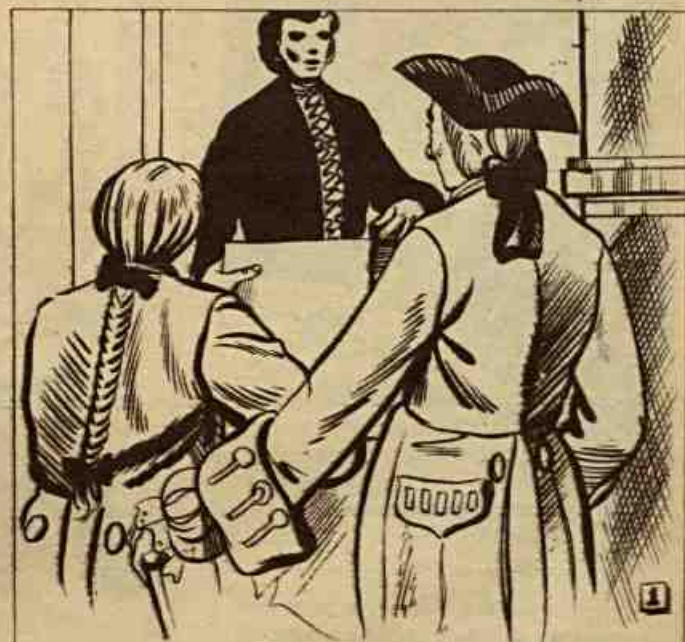
ILUST. POR: ANTONIO PACOT

TRADUÇÃO DE MARIA MATILDE

SUA Majestade Felipe II, rei da Espanha e Portugal, meditava em voz alta: "Esta noite será a mais longa que o homem já conheceu". Seu secretário respondeu sorrindo:

— Talvêz seja conveniente aprovisionarmo-nos com o necessário para dez dias . . .

Transcorria o ano de 1582. Felipe e seus súditos de Espanha e Portugal, assim como quase todos os habitantes . . .

. . . da França e da Itália, se deitaram para dormir numa quinta-feira, dia 4 de Outubro, e despertaram no dia seguinte, sexta-feira, 15 de Outubro. De fato, naquela data, a noite para a manhã, se suprimiram dez dias do calendário, em virtude das ordens de S. S. o Papa Gregório XIII, com o objetivo de solucionar o problema do ano bissexto. Esta reforma do calendário é um dos grandes feitos que honram o . . .

. . . pontificado dêsse Papa. As nações católicas adotaram em seguida o calendário gregoriano. Outros países, onde predominavam os protestantes, se opuseram durante muitos anos a abandonar o calendário velho, com seu errôneo cálculo do bissexto. Alemanha e Dinamarca adotaram o calendário gregoriano em 1700. A Grã Bretanha adotou-o mediante um ato do Parlamento, em 1752.

1

Existe em certos países a tradição popular de que o ano bissexto confere o direito de inverter os papéis nos assuntos amorosos, isto é, que a mulher goza do privilégio de propor matrimônio ao homem de seu gôsto. Que relação póde haver entre semelhante frivolidade e as solenes e importantes decisões de Conselhos e Parlamentos, de soberanos e Pontífices?

Ainda que pareça incrível, existe a relação. Com efeito, o ano bissexto é o menino travesso e irresponsável do calendário. À sua "palhaçada" se deve que os russos festejam o Natal em 7 de Janeiro.

Por outro lado, o homem conseguiu descobrir que a terra gira ao redor do Sol, graças aos estudos levados a efeito para resolver os problemas . . .

. . . suscitados pelo ano bissexto. Se os corpos celestes cooperassem com o homem, não necessitaríamos de anos bissextos. Mas tanto o nosso planeta como os demais astros parecem depreciar por completo os sistemas de numeração idealizados pelos homens. O princípio da dificuldade está em que o ano não é multiplo exato de um dia. Uma revolução completa da Terra em redor do seu eixo . . .

. . . marca um dia, o qual, por pura conveniência, dividimos em 24 períodos arbitrários, que chamamos horas; por outro lado, o ano é o período de tempo que leva a Terra para completar sua órbita ao redor do sol. Si os céus obedecessem às regras de matemático ditadas pelo homem, um certo número completo de dias constituiria um ano.

Assim não ocorre. Segundo calculam os astrônomos, o ano equivale . . .

. . . a 365, 242.216 dias ou seja, 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 45,7 segundos. Pretender dividir o ano em dias é o mesmo que tentar a quadratura do círculo: sempre encontraremos um resto. E' êste resto o que malogra o calendário, pois não podemos pôr nêle fração de dia; a única maneira de ajustar a fração excedente consiste em recorrer ao ano bissesto.

O método atual de calcular o ano se deve aos eclesiásticos do século XVI; calculamos 365 dias para o ano normal, e acrescentamos um dia ao quarto ano, com uma importante salvaguarda, que é o ponto principal da reforma gregoriana: os anos que terminam em 00 não têm mais que 365 dias, exceto quando são divisíveis por 400. Daí não ter havido ano bissexto entre os . . .

... anos 1896 e 1904. Por que nos preocupamos tanto com a exatidão no que se refere ao cálculo do ano bissexto? Simplesmente porque se não equilibrarmos continuamente o calendário, a fração excedente de dia, acumulada ano após ano, terminaria por deslocar o ritmo das datas e das estações.

Sem a compensação metódica do ano bissexto, a data do Natal se iria adiantando, e ao cabo de 20 séculos o dia 25 de Dezembro...

... cairia em pleno verão no hemisfério setentrional e no inverno no meridional. Na Rússia, onde a igreja Ortodoxa nunca aceitou a reforma gregoriana do calendário, dia 25 de Dezembro corresponde ao nosso 7 de Janeiro.

Os calendários antecedem o relógio em muitos séculos. Nas sociedades primitivas dedicadas ao pastoreio e à agricultura, não havia necessidade de medir o tempo em horas e minutos, e sim era preciso levar em boa conta os dias e as estações para o bom cuidado e aproveitamento de rebanhos e cultivos.

Quase todos os calendários da antiguidade se baseavam nas evoluções da Lua, a qual percorre sua órbita ao redor da Terra em 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 2,8 segundos. Os astrólogos daquele tempo não calculavam minutos nem segundos, porém sabiam que o ciclo da Lua durava vinte e nove dias e meio. Em consequência, o mês lunar dos antigos alternava entre os 29 e os 30 dias. Doze dêsses meses lunares constituiam o ano típico das primeiras civilizações de que temos notícia, contando dito ano 354 dias, ou 360 se calculavam em 30 dias completos o mês lunar.

3 Os egípcios seguiam êste último sistema, e cabe aqui assinalar que precisavam verdadeiramente de um calendário exato, para poder determinar a época das inundações periódicas do Nilo, das quais dependia o bem-estar do país. Os astrônomos egípcios lograram realizar observações de surpreendente exatidão. Quatro mil anos antes da era cristã abandonaram o calendário lunar e o substituiram por outro baseado inteiramente no Sol.

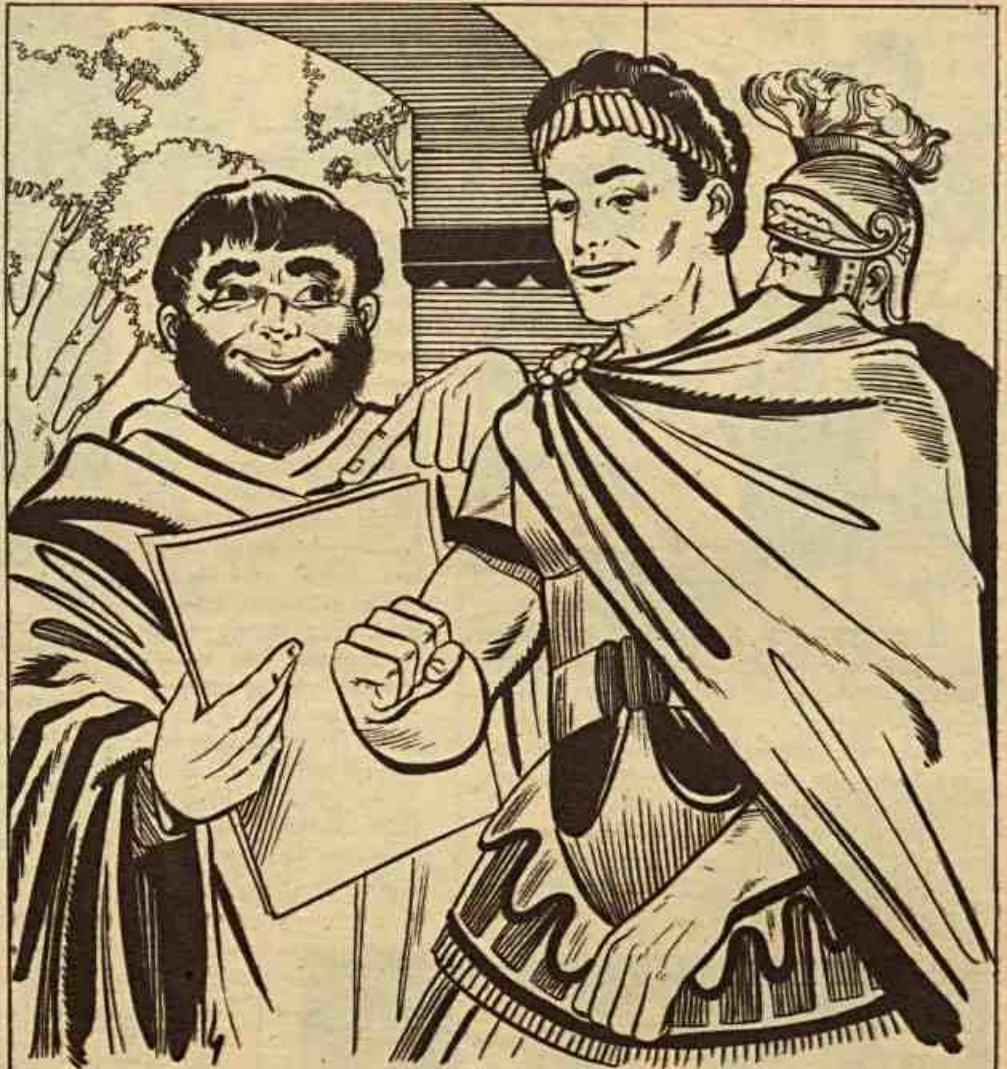
O calendário solar dos egípcios se compunha de 365 dias, o mesmo que o nosso atual ano normal, porém os astrônomos das côrtes faraônicas notaram que êsse sistema era imperfeito. Em cada quatro anos, a saída da brilhante estrêla...

... Sirio parecia atrazar um dia. Sabiam que os movimentos da estrêla eram constantes; se existia uma discrepância, o êrro forçosamente devia ser do calendário. Para corrigi-lo se lhes ocorreu (em o ano 238 a. C.) acrescentar um dia cada quatro anos, ou seja, que o quarto ano tivesse 366 dias. Esta foi a primeira vez que se propôs a introdução do ano bissexto; porém os egípcios não chegaram a pôr em prática a reforma. A fôrça do hábito se opôs e venceu a inovação.

Quando Júlio Cesar chegou com as legiões romanas ao Egito, soube apreciar que o calendário solar era muito mais exato do que o romano. Era êste tão deficiente que de tantos em tantos anos tinha-se que acrescentar um mês em continuação da data que hoje conhecemos como o 23 de Fevereiro. Quando Júlio Cesar ascendeu ao poder supremo em Roma, começou a se ocupar da reforma do calendário, e com êste fim empregou o famoso astrônomo alexandrino Sosígenes, que abandonou o calendário dos meses lunares em favor do método egípcio, baseado em cálculos solares.

Assim teve sua origem o Calendário Juliano, chamado assim em honra de Júlio Cesar, e que consiste de 12 meses, ou 365 dias. De quatro em quatro anos se adiciona mais um dia, precisamente na data em que antes se acrescentava o 13.º mês.

Os romanos dividiam o mês em três períodos, e os dias não se designavam por nomes e sim números. Para êle, o nosso 23 de Fevereiro era "o sexto dia antes das calendas (primeiro de Março)". O dia extra introduzido pela reforma do calendário Juliano se intercalou a seguir a dêste sexto dia, ou "sextilis" e daí vem o nome de bisextilis (duas vezes sexto), ou bissexto.

Ainda hoje em dia não é raro ver em documentos oficiais a expressão latina "bisextilis", tratando-se de bissexto, e possivelmente, se devem a esta expressão algumas das curiosas tradições que se observam em certos países. Quem não conhece o latim acredita que bisextilis significa "dois sexos", em vez de "dois sextos" do antigo calendário romano, e assim surgiu a lenda de que o ano bissexto concede privilégios especiais às pessoas do sexo feminino, como foi dito.

A Constantino o Grande se deve a adoção geral da semana cristã, dando nomes aos dias e reservando o primeiro da semana como dia de festa ou sagrado. Modificou, assim, o calendário Juliano e a semana substituiu os antigos períodos de dez dias. Seu povo achou fácil contar os dias em grupos de sete, cada dia com seu nome. Tal prática introduziu outra complicação no calendário.

O ano normal de 365 dias abarca 52 semanas mais um dia. Com êste sistema, o dia da semana em que cái determinada data se adianta em cada ano que passa.

Por exemplo, se o 29 de Julho cái em segunda-feira, no ano seguinte cairá em terça-feira, e assim sucessivamente.

Nos anos bissextos, ao terminar o mês de Fevereiro, o dia da semana avança dois dias, em vez de um.

Assim temos: o 25 de Dezembro caiu em sexta-feira em 1953; em sábado em 1954; em domingo em 1955; e em 1956 em terça-feira, quer dizer, "saltou" a segunda-feira. Por isso, em inglês, o ano bissexto se chama "leap yar", que quer dizer ano de salto.

Tornemos a considerar o calendário gregoriano. Com o fim de retificar os erros que se haviam acumulado desde os tempos de César, suprimiram-se 10 dias do calendário de 1582; e para evitar a futura acumulação de erros desta natureza, a reforma gregoriana estipula que de cada quatro centenários (terminados em 00) três deverão ter 365 dias, em vez dos 366 do calendário juliano.

Aó se inaugurar o calendário gregoriano, os credores foram obrigados a conceder mais dez dias de prazo em favor dos devedores atingidos pela modificação.

Para evitar que houvesse erros só os impressores oficiais tiveram licença para imprimir um novo calendário, e quando ficou pronto, foi publicado e afixado nas portas dos templos, e inseridos nos anuários eclesiásticos.

PAPA GREGÓRIO

FILIPE II

OS EGÍPCIOS

JÚLIO CÉSAR

Os prejuizos religiosos e intelectuais prevalecentes em certos países, travaram e retardaram a adoção do calendário; porém, gradualmente, quase todo o mundo civilizado terminou por adotá-lo. Na Rússia, o calendário gregoriano rege a vida civil, embora a Igreja Ortodoxa Oriental russa mantenha o calendário juliano.

O adiantamento científico dos últimos séculos tem resolvido certos aspectos do problema do calendário.

Sabemos agora, por exemplo, que o gregoriano não é absolutamente exato, e que perde 26 segundos cada ano.

Mais tarde ou mais cêdo essa diferençça terá que ser compensada, intercalando mais um dia em cada 3.323 anos . . .

Do ponto de vista prático, a imperfeição é insignificante.

A ousada refórma do Pontífice Gregorio XIII deu solução ao problema criado pelo ano bissexto.

5

OS SAPATINHOS ENCANTADOS

ERA uma vez um pobre rapaz que não tinha pai nem mãe nem parentes e vivia na maior miséria. Chamava-se Ali. Um belo dia, êsse pobre rapaz andava pela rua procurando trabalho, não achava, e só tinha no bolso cinco piastras; era tôda a sua fortuna.

E andava êle pelas ruas, quando passou por um leiloeiro que estava vendendo uma porção de cousas disparatadas. Ali ouviu-o gritar assim:

— Um par de sapatinhos! Quem quer comprar uns sapatinhos de veludo? São lindos e vendo-os apenas por cinco piastras.

Ali parou. Os sapatinhos eram já um pouco velhos, mas muito bonitos, de veludo negro, com uma bola encarnada... O rapaz não se conteve.

Entregou as cinco piastras ao leiloeiro e levou os sapatinhos. Mas, chegando em casa, se arrependeu.

— Ora, para que fui comprar isso? — disse êle suspirando. Sem sapatos de veludo eu podia viver, perfeitamente. Sem comer é que não posso. E fiquei sem dinheiro!...

Enfim, já a tolice não tinha remédio; o melhor era resignar-se. E já meio consolado Ali calçou os sapatinhos e estava a admirá-los quando ouviu bater à porta e uma voz furiosa gritar:

— Espera aí, malandro! Quero te dar uma lição! Ou pagas tudo quanto me deves ou dou-te uma sova.

Ali recuou com medo. A voz era a de alfaiate a quem êle devia 30 piastras. Procurou esconder-se, mas não teve tempo. O alfaiate já tinha arrombado a porta e entrou. Ali ficou tão assustado, que nem teve coragem de se mexer: deixou-se ficar no meio do quarto.

O alfaiate entrou e pôs-se a olhar para todos os lados como se o estivesse procurando e disse furioso:

— Ali, malvado. Não estás aqui. Mas deixa estar; vou ficar lá em baixo esperando-te e quando chegares levas uma surra!...

Disse isso e saiu.

Ali ficou admirado, sem compreender como é que, estando êle em pé, no meio do quarto, o alfaiate não o vira... Nisto olhou para o espêlho e ficou ainda mais espantado por não ver a própria imagem refletida. Imaginou que o espêlho estivesse estragado, mas notou que tôdas as outras cousas do quarto se refletiam. Só êle não aparecia.

O pobre rapaz compreendeu então que se tornara invisível.

— Que bom! — exclamou êle — Que bom! Por isso é que aquêle malvado não me bateu! Mas como é que eu fiquei assim?

Nisto, de tanto êle pular, os sapatinhos fugiram-lhe dos pés e imediatamente a sua imagem apareceu nítida e perfeita no espêlho...

Viu então que os sapatos é que tinham o dom de o tornar invisível.

— Bravo! — murmurou —Com êles nunca mais passarei fome. Hei de jantar onde quiser sem ser visto por pessoa alguma. Para começar vou jantar hoje no palácio do rei.

Invisível como estava, saiu de casa, passou mesmo diante da loja do alfaiate, atravessou tôda a cidade e entrou pelo palácio sem que as sentinelas fizessem um gesto para detê-lo.

Lá dentro, os salões estavam brilhantemente iluminados e cheios de fidalgos com vestuários esplêndidos. Ouvindo as conversas, Ali soube que, nesse dia, o rei oferecia um banquete aos soberanos de dois países vizinhos que o tinham vindo visitar.

Quando o rapaz penetrou no salão de honra já todos estavam à mesa e um lacaio se aproximava levando uma sopeira de ouro.

— Vejam! — exclamou o rei mostrando a sopeira — isto é a mais preciosa sopa do universo. Feita únicamente de ninhos de andorinha, por uma receita que mandei buscar na **China**.

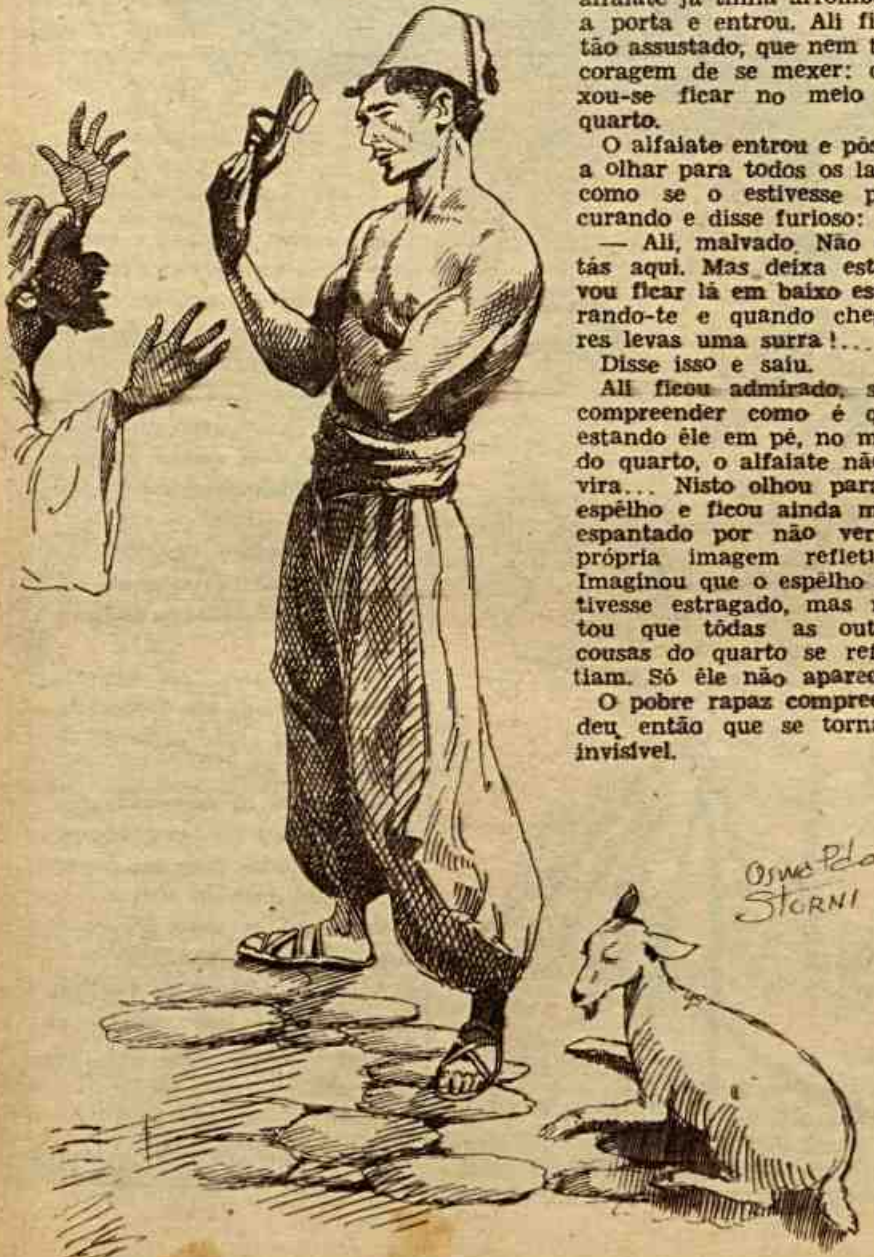
Ali, que estava com muita fome, não resistiu mais; arrancou a sopeira das mãos do lacaio, e levando-a à boca engulíu tôda a sopa em menos de um minuto.

O lacaio ficou espantadíssimo. Não vira ninguém, notara apenas a sopeira saltar das suas mãos. Apanhou-a e levou à mesa, mas, imaginem o espanto dos três reis quando viram que ela estava vasia.

— Quem ousou fazer-me tamanha afronta? — gritou o primeiro rei furioso.

— Isto até parece feitiçaria — disse o segundo.

Depois acalmaram-se e, não podendo descobrir a causa daquele pro-

Oswaldo Storni

NOMES QUE NOS DIZEM ALGUMA COISA:

SANDOW

Tradução da Prof. IEDDA LUIZA

FILHO de um dinamarquês e de uma sueca, Eugene Sandow nasceu em Koenigsberg em 1888. Afirmou êle, em suas memórias, ter tido uma infância adoentada, declarando, ainda, que começou a se interessar pelos exercícios físicos ao admirar a musculatura das estátuas antigas, no curso de uma viagem à Itália.

Criou, então, para o seu uso, um sistema de educação física, mais tarde, chamado Método Sandow. Sabe-se que Sandow era, aos vinte anos, magnífico atleta, bem proporcionado, com boa estatura (1 m. 75 cm.)

Um dia, quando se banhava na praia do Lido, em Veneza, sua beleza chamou a atenção do pintor inglês Aubry Hunt, membro da Academia Real, que lhe pediu para posar.

Os dois homens tornaram-se amigos e, durante uma conversa, o artista comunicou a seu modêlo que um campeão de fôrça, chamado Ciclops, então atuando em Londres, no Real Aquarium, oferecia cem libras esterlinas a quem o igualasse em suas façanhas e mil a quem o superasse.

Alguns dias, mais tarde, Sandow estava em Londres com um professor de educação física, o belga Louis Atilla que lhe servia de intérprete, pois, nessa época, ainda não falava inglês.

O encontro com o campeão teve lugar no Real Aquarium, a 2 de novembro de 1889, em meio a uma sala cheia. Sandow triunfou em todos os exercícios. Mas não se saiu bem quanto ao pagamento do prêmio oferecido e que lhe era devido.

Em compensação, grangeou enorme publicidade e, incontinenti, foi contratado para trabalhar no Alhambra.

Sua carreira no teatro devia se prolongar por mais de um quarto de século. Seu número, aperfeiçoado anos e anos, conportava poses plásticas verdadeiramente espetaculares: Sandow percorria o palco sustentando um cavalo acima da cabeça ou levando sôbre o peito um piano e oito músicos, numa carga de cêrca de 800 a 850 quilos. Entretanto nunca se proclamou o homem mais forte do mundo.

Os reis da fôrça, nesse tempo, eram os francêses; nenhum dêles tinha no palco a estatura imponente de Sandow, que era um modêlo de beleza plástica.

Sandow tornou-se o ídolo de Londres. De rara beleza, as mulheres admiravam não só seus músculos mas também sua fisionomia, finamente talhada, os cabelos louros, ondulados naturalmente, os olhos azuis, a pele fina. Os negocistas compreenderam logo que poderiam tirar bom partido da fama do jovem atleta.

O método Sandow foi lançado com grande alvorôço e oito escolas foram abertas, quase ao mesmo tempo, para aperfeiçoar o físico, em diferentes bairros da capital inglêsa, enquanto diversas sociedades foram fundadas com o fim de glorificar Sandow. Apareceram, então, os "álteres" Sandow o chá Sandow, as correias Sandow, os cremes de beleza Sandow e, por fim, o "Sandow's Develloper" famoso ginásio sob o patrocínio de uma grande firma manufatureira de borracha.

Êle chegou mesmo a aparecer em pedaços e partituras de músicas a "Marcha dos Atletas" e "Sandowia." Sandow que era um educador de primeira ordem, formara monitores que ensinavam nas várias escolas e entre dois contratos, inspecionava, pessoalmente, os estabelecimentos que levavam seu nome.

Naturalizado inglês, transpôs o canal da Mancha para se fazer aplaudir no "Casino de Paris", depois atravessou o Atlântico, para ir aos Estados Unidos da América do Norte numa grande "tournée" organizada por Ziegfeld. Todos os reis queriam vê-lo e em São Petersburgo, Rússia, conseguiu surpreender Alexandre III: o tzar rasgou diante dêle um baralho, em quatro partes, contendo cinquenta e duas cartas; Sandow repetiu o gesto com cento e cinquenta e seis cartas. Morreu em 1926, arrebatado por uma enfermidade que durou algumas semanas. Os inglêses, que o tinham idolatrado em vida, mandaram esculpir sua efígie no "Museu Rensington", de Londres, e seu nome figura duas vezes no dicionário, com maiúscula, primeiro, depois, com minúscula, e seguido da definição seguinte: cabo elástico, utilizado como extensor para exercícios de ginástica.

E' curioso observar que Sandow foi vítima de sua própria fôrça. Seu automóvel estava atolado numa vala e êle quis safá-lo de lá, erguendo-o por trás, sòzinho. Mas o esfôrço despendido lhe provocou uma lesão na espinha, da qual não mais se recobrou.

Quantas lâmpadas serão?

OS melhores jogadores daquele Clube de Tênis resolveram formar um grupo, para uma fotografia que deveria perpetuar as vitórias da agremiação.

O fotógrafo, querendo tirar uma boa pose, acendeu na sala tôdas as lâmpadas que tinha em casa. Quantas foram... você é que irá descobrir. Quantas lâmpadas são visíveis no desenho?

(SOLUÇAO NO FIM DO ALMANAQUE).

Triângulos e estrêlas considerados amuletos

AS pessoas superticiosas usam correntes com balangandãs e objetos simbólicos, entre os quais figura, quase sempre, um triângulo ou uma estrêla de cinco ou seis pontas.

Não se trata, como muita gente pensa e repete, de emblemas tomados à maçonaria ou às religiões orientais, mas das "chaves de Santo Huberto" que, do século XIX até a época de Pasteur, constituira a única proteção das populações contra a raiva.

Durante êsse período, e, mais particularmente, até o fim da idade média, as pessoas mordidas por um cão que se supunha raivoso eram levadas à cidade de Santo Huberto, pequena localidade do Luxemburgo, onde estão depositadas as relíquias do Santo.

Alí eram submetidas a uma operação que constava duma incisão angular na fronte; dava-se um talho na pele, que era levantada, e se colocava sôbre a carne viva minúsculo pedaço do hábito de Santo Huberto.

Em seguida o paciente devia observar certas prescrições higiênicas.

Fechada a ferida, a cicatriz apresentava a fórma de um triângulo e os doentes não apenas estavam preservados para sempre da raiva, como podiam, ainda, pela virtude daquele triângulo, e em determinadas condições, curar todos os da família.

Quanto à estrela, era aplicade pelo cura da paróquia com o auxílio de um ferro em brasa na testa dos animais mordidos pelo cão suspeito.

É muito difícil saber se o valor dessa terapêutica era real: a maior parte das pessoas que recorriam a êsses processos não estava, provàvelmente, ameaçada de raiva, mas parece certo que algumas curas miraculosas foram obtidas.

De qualquer maneira, as chaves de Santo Huberto se tornaram em breve tempo simbólicas e foram representadas, a título de prevenção, em todas as casas de residências e nas moradias destinadas aos animais. Pouco a pouco, com o correr do tempo, foram perdendo o caráter de preservativo contra a raiva e se tornaram talismãs capazes de afastar as desgraças de um modo geral.

O JUCA QUERIA GANHAR TEMPO...

digio, continuaram a jantar. Veio o segundo prato, que era um salmão das Indias. Mas Ali estava alerta, quando o rei ia se servir êle estendeu o braço e agarrando no salmão, devorou-o com grande apetite.

A raiva do soberano desta vez foi terrível. Ordenou que o terceiro prato viesse, trazido com as maiores precauções.

fantástico e tôda a gente dizia que o rei havia chamado os sábios mais sábios de todo o reino para descobrirem aquêle mistério. Os sábios levaram um mês estudando o caso, mas não conseguiram explicá-lo.

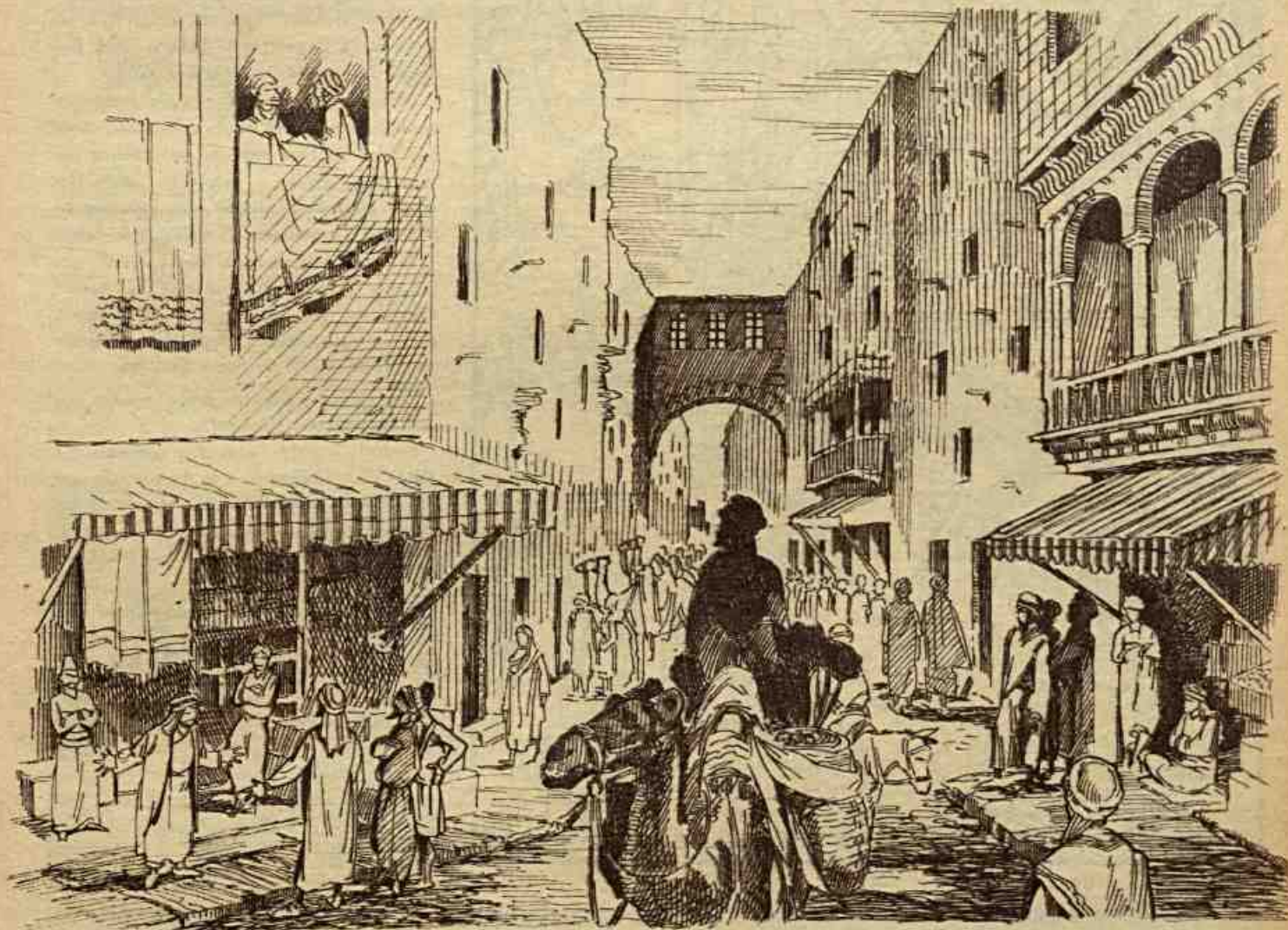
Então, o rei mandou anunciar que daria a mão da princesa Apolônia, sua linda filha, a quem lhe desse a explicação do desaparecimento do seu jantar.

teu a quem lhe explicasse como é que o jantar desapareceu !

— Mas tu é que eras o ladrão, o miserável ! Eu vou é mandar-te enforcar...

— Não creio.

— Como, maroto, pois tu te atreves a duvidar do que eu digo ?

— Não, real Senhor, — respondeu Ali, muito sério — bem sei que palavra de rei não volta atrás. Por isso

O lacaio trouxe o prato, escoltado por dez archeiros armados até os dentes. Desta vez era um pastel de faisão cercado de rôlinhas assadas.

Apesar dos guardas, Ali, caminhando de costas diante do lacaio, comeu tudo em poucos instantes.

Todos viam o prato ir ficando vasio pouco a pouco, sem que se soubesse como se esvasiava. O rei ficou tão indignado que se levantou da mesa e não quis mais comer.

À vista disso, Ali saiu do palácio e fugiu para casa correndo a bom correr.

No dia seguinte, em tôda a cidade não se falava senão naquele caso

Ali, quando soube disso, correu ao palácio e disse que queria falar ao rei. Levaram-no à sala do trono, onde estavam o rei, a rainha, a princesa e tôda a côrte. Ali disse ao rei que mandasse vir um prato de doce. O rei, intrigado com o pedido, mandou vir. Então Ali, calçando rapidamente os sapatinhos encantados, tornou-se invisível e assim fez desaparecer os doces, comendo-os.

Feito isso, descalçou os sapatos e explicou tudo ao rei, acabando por pedir o prêmio.

— Que prêmio ? — perguntou o rei, furioso.

— O que Vossa Majestade prome-

é que peço o prêmio. Vossa Majestade declarou que daria a mão da princesa a quem explicasse o mistério. Eu espliquei...

O rei refletiu um instante, murmurando: — "Estes sapatos são admiráveis Com êles eu poderia saber o que fazem os meus ministros e o que diz o povo..." E acrescentou em voz alta:

— "Está dito. A minha palavra vale ouro. Cumprirei a promessa, mas com uma condição: tu me darás os sapatos"

Ali aceitou, e aí está como um pobre rapaz casou com uma linda princesa.

OS ESQUIMAUS

EXISTE entre os esquimaus, apesar de sua aparente falta de civilização, um código de bôa educação que é preciso respeitar se se quiser viver com êles em boa paz. É melhor e mais útil conhecer de antemão a essência de tal código, que não está escrito, mas que tem que ser aprendido paulatinamente e à custa de sacrifícios... caso você pretenda ir algum dia às frias regiões da Groelândia distante...

Primeira precaução: adote, ao chegar, um nome, simples e fácil de pronunciar. Não espere que escolham um para você. Os sobrenomes são baseados, geralmente, sôbre particularidades biológicas, e seu amor próprio poderá ressentir-se. Anteriormente, quando êles se saudavam, batiam os narizes uns nos outros, êste costume está desaparecendo e está sendo substituído por um aperto de mão, mas não um apêrto de mão como se faz entre nós, e sim em elevar as mãos até a altura do rosto, sorrindo e depois deixá-las cair lentamente.

Você será apreciado como "homem fino" se puder comer carne crúa (askimai quer dizer carne crua); quanto mais repetido e mais cheio o prato, mais impressionará a assistência. Essa refeição consiste de carne de foca, baleia ou rena.

À hora do chá (que é fervido durante duas horas) não estire o braço para tomar o seu, sob pretexto de que sente frio ou cansaço. Espere até que lhe ofereçam, embora já esteja completamente gelado, pois esperam que todos estejam juntos para bebê-lo. Uma vez servido o chá, comem-se as folhas que ficarem no fundo da chávena. São muito alimentícias, segundo êles afirmam...

Os esquimaus são pessoas cheias de gentilezas asiáticas, ante as quais o branco se sente um pouco confuso. Descendem de tribus asiáticas, mais antigas que a raça mongólica. Vivem na Groelândia, a leste da Sibéria, Lavrador, Alaska e norte do Canadá.

Não é considerado civilizado, entre êles, aquele que não sabe demonstrar suas emoções pela expressão fisionômica; não dê mostras de mau humor por causa da tormenta nem se inquiete por não saber se chegará bem ao final da travessia; não faça perguntas, nem se queixe por nada; não pergunte o que se fará ou não amanhã; diga apenas sim ou não sem outras palavras intermediárias.

Aprenda a ter paciência e filosofia. Não possuindo estas qualidades é considerado sem cultura; assim, quanto mais mau humorado se estiver mais se deve sorrir. Senão, passará como sendo lunático ou perigoso.

Se em viagem alguém tem a má idéia de impacientar-se, mais voltas lhe farão dar, pretextando haver-se perdido. Na realidade lhe querem ensinar a arte da paciência. Se há grande tormenta, cuidado para não se queixar. No máximo se poderá dizer: "Não faz muito bom tempo".

Tudo deve ser repartido entre todos; assim se corre o risco de nada possuir decorrido três dias. Armazenar provisões é revelar-se egoista. Se o fizer, você correrá o risco de o deixarem sòzinho, sôbre a neve, para ensiná-lo a ser generoso.

É inutil querer explicar-lhes que tem um método mais prático de fazer as coisas. Não conhecem outro modo de trabalhar e acreditam ser o seu o melhor.

São prudentes com os brancos; prudentes e reservados, com o que desejam testemunhar respeito à liberdade individual.

Se um esquimau o visitar com um fim definido, sorria-lhe, indague se quer chá e ofereça-lhe cigarros. Fale-lhe depois do tempo que fará; da doença do seu cão de estimação, porém evite o assunto principal. Ele acabará por expô-lo se você aparentar ser bastante distraido para não percebê-lo, e ainda assim o fará indiretamente.

Se se lhe pede uma coisa e se lhe dá algo em troca o esquimau fica satisfeito. Se se lhe dá algo e não se lhe pede nada em troca, começa logo a suspeitar de você, e pode ser que lhe furte, por julgar que você tem demais.

Têm muita habilidade para fazer vestidos de pele. Na roupa estrangeira sempre encontrarão defeitos. Por outro lado, evite falar de sua roupa nova. Se o marido de uma esquimau lhe mostra uma calça feita por sua mulher e diz que não está muito boa, espera uma afirmação contrária de sua parte.

O esquimau tem sentido agudo para as galhofas e é mestre na arte da pantomima. Por isso, se algum o estiver imitando, não se aborreça. Ria e trate de imitá-lo também.

O valor da mulher esquimau está na capacidade de saber enfrentar as necessidades. É ela que tem que correr diante do trenó de cães para guiá-los, que se ocupa dos cachorros e dos filhos, que ajuda a construir o igloo (cacasa de neve), preparar o leito de algas sêcas e penas de ganso do norte, cuidar da lâmpada de azeite, trazer água, às vezes blocos de gêlo que serão derretidos, morder couro para amaciá-lo, na confecção dos calçados, costurar as roupas e consertar as estragadas. É a ajudante indispensável do homem.

Se um velho esquimau vai caminhando e diz: "Não quero ir mais longe", não se póde dizer nem fazer nada. Espera-se que mude de idéia. Espera-se o tempo que fôr preciso, sem reclamar. Ou volta-se.

Se um esquimau tem-lhe ojeriza por qualquer motivo, não demonstre inquietação; ao contrário, redobre seus sorrisos e atenções, porém como tem por hábito apunhalar pelas costas, fará bem em caminhar atrás dêle.

Como vemos, temos muito que aprender com os esquimaus e também muito, ainda, que ensinar-lhes.

O VELHO ERA CASQUINHA

ANTIQUÁRIO

ANTIQUÁRIO

ANTIQUÁRIO

A IPECA

Trata-se de uma planta silvestre que medra, principalmente, à sombra das árvores frondosas. Depois do primeiro ano de idade, o caule se inclina para o solo, formando um falso rizoma, cujos nós emitem raizes laterais, das quais algumas se tornam tuberosas, constituindo a famosa raiz de ipeca de tão grande valor medicamentoso.

O caboclo chama-a de poaia, mas o seu nome verdadeiro é *Uragoga Ipecacuanha*, da família das Rubiáceas, sendo, portanto, prima-irmã do café.

O nome *i-pe-cacu-anha* vem do tupi-guarani e quer dizer a *plantinha do caminho que faz vomitar*, o que até certo ponto define uma das principais propriedades terapêuticas dessa planta.

Os nossos indígenas conhecem-na desde a mais longa data e contam lendas pitorescas como esta:

Certo pagé observou que um guará adoentado, triste, arrancou da terra uma raiz que depois comeu, para logo vomitar e com isso ficar bom.

Dêsse dia em diante, a raiz sêca da ipeca entrou para o arsenal terapêutico do dito pagé que se curou e a tôda a sua tribu, não só dos males do estômago como dos males intestinais que os afligiam.

O Brasil é o país que mais produz poaia, sendo ela encontrada, principalmente, em Mato-Grosso e na Rondônia.

Há duas espécies de ipecas: a branca, menor, que cresce nos campos e prados, sob a vegetação rasteira e a preta, maior, que só se encontra nos bosques mais densos, entre árvores frondosas que constituem as florestas incomensuráveis do Brasil Central.

Às crianças, dá-se poaia não só como vomitório, como também para remover o catarro dos brônquios e da traquéia. E' o mais valioso expectorante que se conhece.

O princípio ativo da ipeca é a emetina.

COLOMBO E A AMÉRICA

A data do descobrimento da América tem, por direito, um lugar de destaque no calendário dos povos que habitam esta parte do mundo.

E o vulto de Cristovão Colombo, o descobridor, dia a dia se eleva na admiração do mundo, por ter sido quem, com a sua persistência, coragem e determinação, enfrentou os mais duros e altos obstáculos até vêr, com a descoberta de novas terras, confirmado o seu sonho de conquistador.

Colombo, por uma injustiça dos homens, não teve seu nome ligado ao Continente que descobrira. Coube essa glória a Américo Vespúcio.

Entretanto, vive no coração e na lembrança de todos os filhos da terra americana a recordação do descobridor destas paragens privilegiadas que compõem o Novo Mundo, terra predestinada a ser o berço da liberdade, da fraternidade e da igualdade.

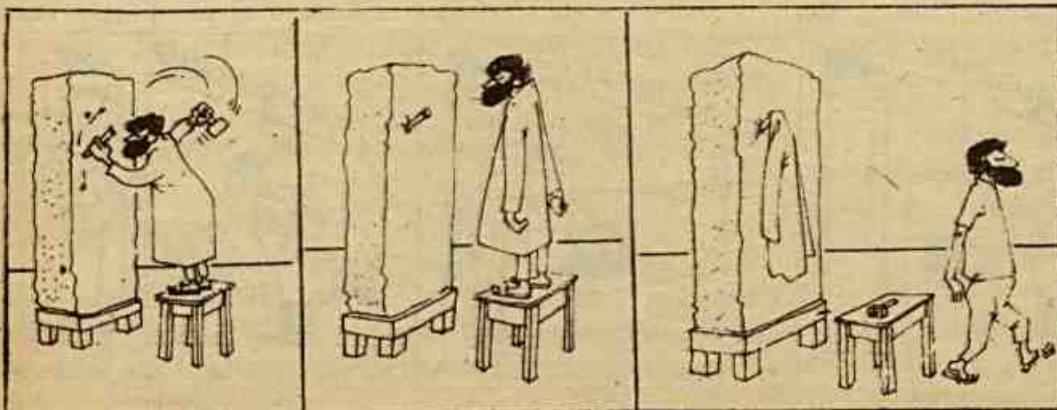
CRISTOVÃO Colombo, nascido em Gênova, ficava horas inteiras, em criança, a ouvir as palestras dos velhos marujos narrando longas viagens que faziam, cada uma das quais marcada com uma descoberta de novas ilhas, de novos abrigos.

Foi tal a influência que as palestras e a leitura dos livros de viagens exerceram, que êle, desde a juventude, começara a estudar e a prever as possibilidades de, aventurando-se pelos oceanos, encontrar um caminho marítimo para Leste seguindo pelo Oéste. Pobre, sem recursos, pensou em obtê-los em Gênova e em Portugal. Mas as pessoas que o ouviam julgavam a sua idéia um sonho de louco. Colombo, no entanto, era perseverante, já se havia tornado hábil marinheiro e um profundo estudioso das viagens.

Bateu, um dia, às portas da côrte da Espanha, cujos reis, principalmente a rainha, Dona Isabel, denominada a Católica, acataram seu sonho, dando-lhe três caravelas para a avêntura tão desejada.

E as caravelas — Santa Maria, Pinta e Niña — de velas enfunadas pelo sôpro de uma esperança grande, — vieram, singrando as águas do lado do oeste, ancorar a terras novas do rico continente americano. E foi assim que o humilde e persistente marinheiro de Gênova descobriu novas terras para o Mundo.

AS APARÊNCIAS ENGANAM...

UM INIMIGO TERRÍVEL

O professor Bogomoletz, o grande sábio russo que descobriu um sôro que prolonga a vida, acusa o fumo de baixar a idade média dos homens do século XX. Os grandes fumantes estão sujeitos a dores de cabeça, vertigens, insônias, perda de memória dos nomes próprios, sobretudo), perturbações oculares (a cegueira, na velhice), surdez, artério-esclerose,

OS TRANSPORTES através dos séculos

E' sabido que nos tempos primitivos, para transportar-se de um lugar a outro, o homem tinha que ir "no calcante", como se costuma dizer.

As florestas gigantescas e impenetráveis, a massa caotica das rochas, a ausência de qualquer via de comunicação, tornavam a marcha temerária e não permitiam ao ser humano recorrer a qualquer espécie de locomoção. Assim foi durante longo periodo, e mesmo depois que o homem adquiriu a arte de domesticar os animais.

Na Idade Média ainda eram conhecidas estas dificuldades inerentes à falta de caminhos mais ou menos utilizáveis e aos obstáculos de todo gênero criados pela natureza.

Os nobres utilizavam-se da liteira carregada por mulas, cuja lentidão tornava os deslocamentos intermináveis. Os plebeus serviam-se do cavalo, sôbre os quais carregavam suas mulheres, na garupa.

A via aquática mostrava-se, então, mais propícia às viagens e é o que explica a criação de várias embarcações, das quais algumas tinham confôrto e até mesmo luxo.

Os próprios monarcas queixavam-se, porem nada tentavam de decisivo para melhorar as condições precárias dos transportes.

E' bem verdade que êles tinham o hábito de deslocarem-se com uma côrte tão numerosa quanto embaraçosa, que os constrangia a frequentes escalas.

E por êste motivo não avançavam mais do que a média de 25 a 30 quilômetros por dia, quando viajavam.

A liteira foi substituida pela carruagem, importada da Itália por Catarina de Médicis.

Não diferia do coche húngaro, em breve introduzido em França, senão pelo sistema de suspensão, aliás bem rudimentar.

A carruagem e o coche, êste último viatura rústica, encimada por uma simples coberta a princípio, provocaram uma associação de idéias.

Nasceu a iniciativa de dar ao segundo as vantagens do primeiro aumentando-o e aperfeiçoando-o para destiná-lo ao transporte em comum.

E, gradativamente, por estas transformações, chegou-se à diligencia.

A princípio os passageiros amontoavam-se confusamente, até o dia em que, visando o bem estar, aliás bem relativo dos que dela se serviam, certos concessionários dividiram aqueles veiculos em compartimentos.

Na parte da frente da diligencia ficavam os lugares de luxo, no centro os comuns e na retaguarda a ... confusão.

O cocheiro sentava-se na frente da coberta sôbre a qual empilhavam-se pequenos animais, bagagens, e também alguns viajantes pouco exigentes quanto ao confôrto.

Estas diligências transportavam quinze e às vezes vinte pessoas. Eram tirados por cinco cavalos numa velocidade média de cinco quilômetros por hora.

Aqueles que tinham pressa deviam se servir da sège-de-posta, desde que suas posses o permitissem.

Berlinda

Paralelamente aos transportes das estradas, funcionavam os "coches" de água.

Porém não gozavam, junto ao público, das boas graças dos primeiros.

O uso da maquina a vapor deveria, em 1820, trazer, com o nascimento dos trilhos e da locomotiva, uma evolução profunda dos meios de transportes.

Para não alterar a verdade, é conveniente precisar que esta criação suscitou a princípio apenas sentimentos de desconfiança.

Não distiguiam todas as vantagens que esta invenção comportava, que recursos, que comodidades ela oferecia, que magnifico futuro, numa palavra, era o seu.

Aqui torna-se cabivel uma pergunta: a quem se deve a honra da utilização inicial do trilho?

Duas versões defrontam-se, uma francesa e outra inglesa.

A versão da França afirma que Milleret, proprietário das minas de Saint-Etienne, foi o precursor do uso do trilho.

A versão de além-Mancha reclama o direito de antecedência para o engenheiro Vivian, o qual, de acôrdo com a crônica do tempo, empregou os trilhos nas minas inglesas desde 1806.

As duas pretensões possuem, aliás, seus méritos respectivos, pois se Vivian idealizou o trilho da madeira, que deixava muito a desejar, Milleret inovou o trilho metálico.

Diligência

Graças aos trabalhos do inglês Stephenson e do francês Seguin, parente próximo dos irmãos Montgolfier, as primeiras locomotivas começaram os seus ensaios entre 1828 e 1829. A colaboração frutuosa destes dois homens resultou na construção da "Fusée", capaz de puxar quinze toneladas com a velacidade horária de 22 quilômetros. Foi a primeira locomotiva. Bem mais tarde surgiram, no domínio da atividade social e econômica, o automóvel, os transatlânticos gigantes e o avião.

O JARRO DO DUQUE

ENCOSTADO à janela do seu modesto quarto, um menino de sete anos, de olhos castanhos e cabelos louros, admirava a paisagem. Férteis vales, suaves colinas, que aos poucos se transformavam em altas montanhas, o azul do longínquo Mar Adriático, rivalizando com a côr do céu da Itália central — eis Urbino, a cidade natal de Rafael Sanzio, o menino louro. Mas Urbino, em 1500, não era conhecida sòmente pela beleza natural: a fama de seus edifícios, seus quadros, suas estátuas e cerâmicas, ultrapassava as fronteiras do pequeno ducado. Grande número de artistas fixára residência na ensolarada cidade.

Entre êles o pai de Rafael, Giovanni Sanzio, pintor e poeta, e seu vizinho Benedetto, o mais procurado ceramista das redondezas. O pequeno Rafael, cortez e tranquilo, era sempre benvindo na grande casa do vizinho, onde todos gostavam dêle. A filha de Benedetto, a bela Pacífica, enchia de frutas do seu pomar os bolsos do menino, e o próprio mestre ceramista ensinou à criança, tão interessada na arte, o modo de pintar o barro virgem. Na grande oficina de Benedetto trabalhavam vários aprendizes.

Rafael, encantado pelos seus trabalhos, passava horas no meio dos rapazes. Um dêles, o moreno Luca, cuja bondade e lealdade eram bem maiores que seus dons artísticos, era o preferido. Mas Luca andava preocupado. Fazia tempo que nem ria nem brincava mais com o jovem amigo . . . Um dia Rafael quís saber o motivo:

— Oh, Rafael ! — suspirou o aprendiz — se Deus me tivesse dado um pouco de talento para a arte de cerâmica, poderia tornar-me o mais feliz dos homens.

— Como assim ? — perguntou, intrigado, o menino.

— O Duque de Urbino encomendou a mestre Benedetto um jarro de barro especial, chamado majólica, finamente trabalhado e decorado. O patrão prometeu ao aprendiz que apresentasse ao Duque, dentro de três mêses, um jarro que o satisfizesse, a mão da filha . . .

E aquí estou eu, com a morte na alma, pois amo Pacífica acima de tudo . . . e nunca serei capaz de decorar nem mesmo uma simples bacia de barbeiro !

Rafael ouviu em silêncio. Êle sabia que Pacífica gostava secretamente do bom Luca . . .

— Se quiseres — disse após alguns momentos, eu te ajudarei.

— Como poderias, com a idade de sete anos, pintar um jarro que agrade ao poderoso Duque ?

Mas Rafael insistiu tanto que o pobre Luca acabou concordando.

Uma tarde, afinal, o jovem artista levou Luca ao seu quarto. O jarro de majólica estava pronto. Lindos desenhos adornavam-no e emolduravam a figura central, a da rainha Ester.

— Rafael, és um anjo e não um ser humano! — exclamou o aprendiz. Só um anjo poderia criar tamanha beleza ! Mas nunca farei passar êste trabalho como sendo meu. Seria uma fraude vergonhosa !

NO fim dos três mêses, inaugurou-se a exposição dos trabalhos dos aprendizes de mestre Benedetto. O Duque e sua comitiva passavam pela longa mesa armada na oficina, sôbre a qual estavam os vasos de majólica. Enquanto o Duque, indeciso, ainda hesitava antes de escolher, um dos nobres exclamou de repente: —

— Olhai, que maravilha, Alteza, lá no fim da mesa !

O Duque dirigiu-se para lá e, àvidamente, pegou o que lhe parecia ser o mais valioso trabalho de todos.

— E' êste que eu quero, — disse. — Êste jarro nem se compara com os demais. Quem é o autor de tão perfeita obra ?

— Sou eu.

A voz fina do menino, rompendo o silêncio, causou estupor e admiração geral.

— Todo o ouro que te possa dar, ainda é pouco, criança milagrosa, disse, comovido, o Duque.

Terás, porém, uma recompensa muito maior do que dinheiro — a imortalidade ! Teu nome continuará vivo quando os de todos nós já estiverem esquecidos !

Agradecendo ao Duque, Rafael beijou-lhe a mão, e depois perguntou a Benedetto: —

— Então ganhei também o prêmio prometido, não é mestre Benedetto ?

— Certamente ! — replicou êste.

— Peço, então, a mão da sua filha Pacífica . . .

E, vendo o espanto de Benedetto, acrescentou imediatamente: — Para meu amigo Luca, que a ama profundamente.

Benedetto, com os olhos rasos de água, deu seu consentimento ao casamento.

Felizes, Luca e Pacífica entreolham-se, enquanto o menino sorria como sorriem ainda hoje, após séculos, os anjos das telas imortais do pintor Rafael.

ÉRICA MAYER

J. BRAGA 57

Como nasceu uma grande Ordem religiosa

HAVIA na Itália, há muitos anos, uma família opulenta, cujo único filho era o encanto dos seus pais pela sua afabilidade, pelas suas maneiras prazenteiras e pela agudeza do seu espírito.

Desejavam os pais que êle fosse juiz, e, nêsse intento, sendo êle ainda muito novo, enviaram-no para a grande cidade de Roma para ali estudar leis.

O moço, porém, achou que Roma era uma cidade temível e perversa, e, não menos desgostoso do luxo que ali reinava, lhe desagradavam as conversações livres que lhe chegavam aos ouvidos.

Sem querer saber de leis, pensou nessas maldades, e no juízo que Deus formaria de Roma. Fugiu, pois, dessa cidade, determinado a servir ao Senhor numa silenciosa soledade, ocultando-se numa brenha pouco distante. A ama que o criara, que ternamente o amava, acompanhou-o e tratava dêle com afetuoso desvêlo.

Por algum tempo assim viveu, até que considerou que não procedia bem continuando a consentir que a velha ama lhe cuidasse da alimentação.

Êste pensamento sugeriu-lhe de novo a idéia, de tornar a fugir.

E assim fez, internando-se mais nas montanhas e ali vivia num covil de feras.

Na sua vida solitária não deixou de experimentar tentações, e tão ardentemente, que teve desejos de voltar a Roma; mas arrojou-se despido a um sarçal, e revolveu-se sôbre os espinhos até que a dor das picadas lhe afugentou todos os maus pensamentos.

Decorreram alguns anos, e, tendo constado que vivia um santo varão numa cova solitária, todo entregue a Deus, muitas pessoas desejaram vê-lo.

Um grupo de monges ficou tão impressionado com as suas prédicas, que todos lhe rogaram que fosse para a sua companhia e que os dirigisse.

Bento anuiu. Foi, porém, observando que êles viviam uma vida regalada e quis introduzir a austeridade nas suas vidas. Os monges, arrependidos, de lhe terem rogado tanto que fosse seu Superior, trataram de o matar envenenando vinho que lhe apresentaram num copo; mas êle, avisado, fez o sinal da cruz sôbre o vinho e o copo caiu no chão feito em migalhas.

S. Bento regressou novamente à sua cova, e como se juntassem muitos servos de Deus para viverem na sua companhia, edificou celas em que todos pudessem viver.

Os monges tinham de fazer voto de pobreza, de castidade e de obediência, além de terem de se dedicar ao trabalho manual por espaço de sete horas em cada dia.

S. Bento foi acometido duma febre maligna e, conhecendo que ia morrer pediu para o levarem à capela, ante cujo altar entregou a alma ao Criador.

Juntar à oração o trabalho manual, não deixar nenhum lugar ao orgulho, e conservar um rigoroso silêncio, tais foram os princípios fundamentais das prescrições universalmente conhecidas sob o nome de **Regra de São Bento**, que se devem a êsse grande vulto da Igreja, e regem a Ordem dos Beneditinos.

PAPELOTES

QUE PERGUNTA

— **Botar fora o que? O rato ou a sopa?**

Cuidado com o Amarelo!

XAN-CARIETA, VULGO "O AMARELO" MISTERIOSO E INFERNAL, COM SUA BROCA E MARTELO FAZ SUPLÍCIO ORIENTAL.

CRAC! TOC TOC TOC

EMBORA VOCÊ O VEJA "O AMARELO" AGE ÀS OCULTAS E ATACA QUEM QUER QUE SEJA: CRIANÇAS... PESSOAS ADULTAS.

CERTA NOITE, CRUELMENTE, XAN-CARIETA, "O AMARELO", FAZ UMA "CÁRIE" NO DENTE DÊSTE MENINO TÃO BELO.

QUANDO O DIA AMANHECIA, ÊLE TEM UMA SURPRESA: ALGUÉM COM MAIS ENERGIA VEM SALVAR A SUA PRÊSA.

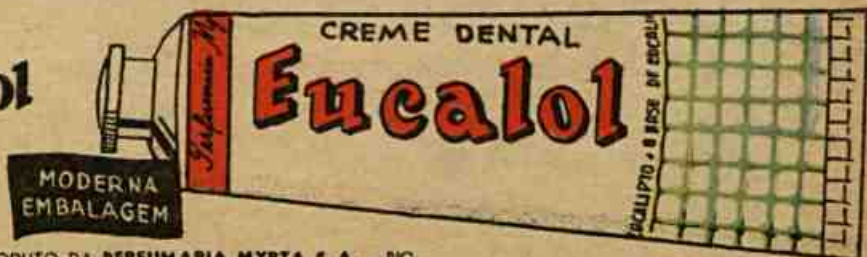
EUCALOL - CREME DENTAL, ESBORDOA XAN-CARIETA, E O MALVADO PASSA MAL, DÁ BERROS E FAZ "CARIETA"!

TÔDA NOITE... TODO DIA DEIXE QUE ÊLE LHE AJUDE! EUCALOL DÁ ALEGRIA E UM SORRISO DE SAÚDE!

O sorriso de saúde é um sorriso Eucalol

À base de Eucalipto

CREME DENTAL Eucalol

MODERNA EMBALAGEM

PRODUTO DA PERFUMARIA MYRTA S. A. - RIO

Escreva à Caixa Postal N.º 1866 - Rio - citando o N.º "TT-10" pedindo grátis o livreto da "História do Menino que virou Tamanduá".

O DIÁRIO DE PAULINHO

5 DE JANEIRO:

IH ! Estou tão contente ! Papai combinou com Mamãe para a gente aproveitar as férias e fazer um grande passeio. Um passeio de muitos dias, muitos dias ! Bem grande e bem bom ! Mamãe queria ir de avião, mas Papai mostrou a todos nós que o melhor é ir de trem, porque a viagem é mais segura e a gente aproveita para ir vendo coisas pelo caminho.

Aqui em casa está uma desarrumação maluca. Todo mundo contente. Tia Lili vai também. Lucinha vai levar até a boneca. Eu ganhei uma roupa nova, para a viagem.

6 DE JANEIRO:

Amanhã é que a gente viaja. Ih ! Está custando a chegar ! Nem sei o que escreva aqui. E' melhor ir ver se a mala está bem arrumada.

8 DE JANEIRO:

Estamos em Belo Horizonte e eu trouxe meu "Diário". Que viagem do barulho ! Viajámos no "Vera Cruz", que a gente toma na Estação D. Pedro II. Sabem quanto tempo levou? Só 14 horas ! Titia me disse que antigamente as viagens para cá levavam dias ! A gente, no "Vera Cruz", nem sente que está viajando ! O trem tem tudo, até ar condicionado. Lucinha, que enjôa quando viaja, nem sentiu ! Acho que nunca fiz uma viagem tão boa! Tudo limpo, bonito, bem arranjado, parecendo hotel que a gente vê em cinema. A cidade, aqui, é tão bonita ! Papai está planejando uma porção de passeios e eu nem sei se vou poder escrever tudo aqui . . .

Papai esteve explicando que êste ano — 1958 — vai ser festejado o primeiro centenário da corrida do primeiro trem da Estrada de Ferro Central do Brasil, que se chamava Estrada de Ferro D. Pedro II. A Central do Brasil é um orgulho para os brasileiros, êle disse. E presta muitos serviços, levando o progresso nos seus trilhos. E' bonito ouvir papai falar assim e eu sinto um orgulho grande !

. . . .

. . . .

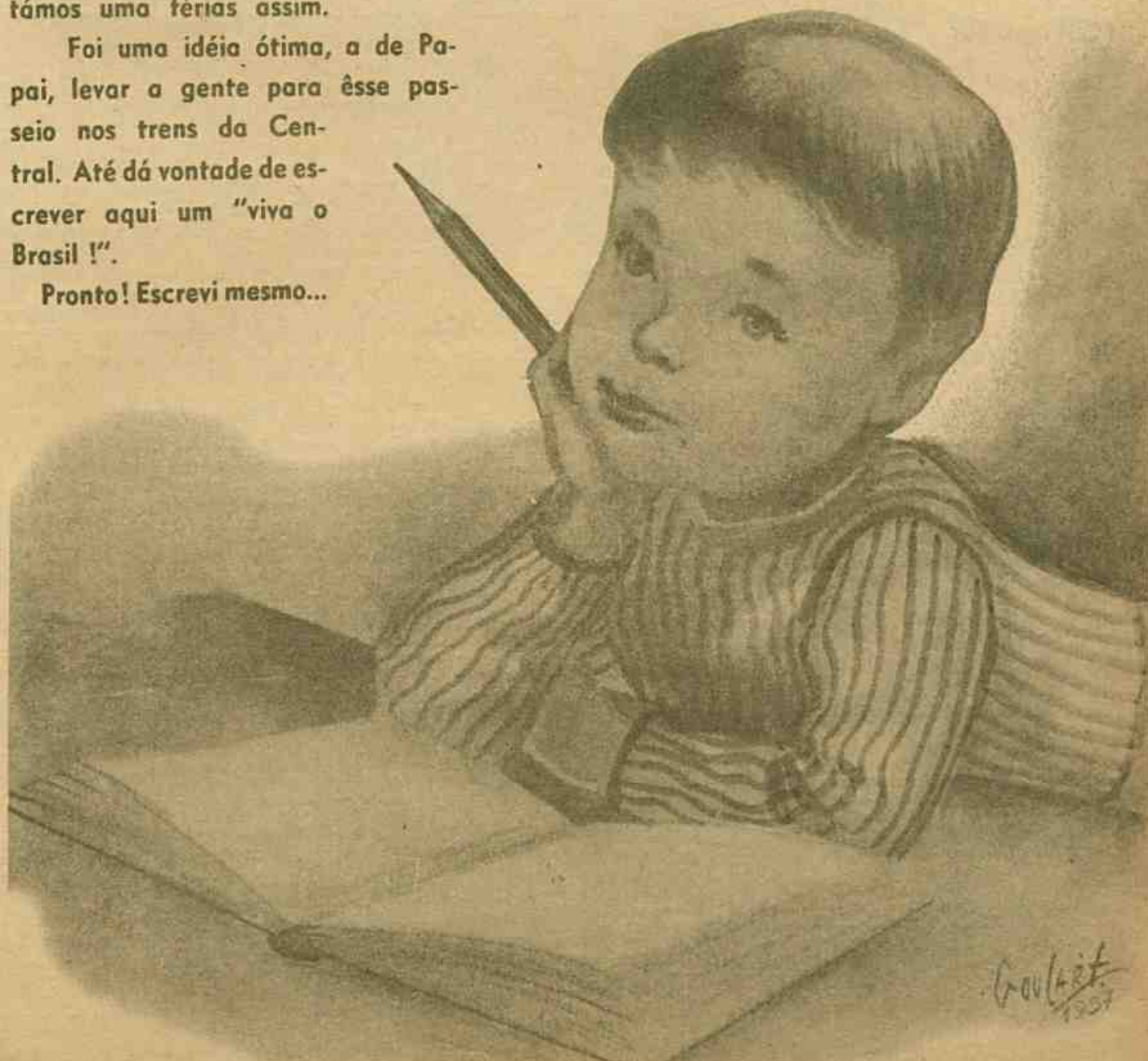
26 DE JANEIRO:

Passei uma porção de dias sem escrever nada. Não tinha tempo . . . Agora, estamos de volta. Passeámos muito em Minas e voltámos ao Rio de Janeiro, mas logo depois tornávamos a viajar, agora para São Paulo. A gente vai a São Paulo em outro trem bonito e muito bom, que é o "Santa Cruz", todo de aço, que corre que é uma beleza ! A Central do Brasil é mesmo um colosso ! Cada trem! A gente sái do Estação D. Pedro II e viaja ainda menos tempo do que para ir a Belo Horizonte: desta vez, só 12 horas. Quando é hora de dormir, a gente se deita em cama de verdade, como se estivesse em casa ou em um hotel. E ferra no sono . . . e nem parece que está correndo tanto, porque não balança mesmo nada !

Tia Lili disse que ficou "fã" das viagens de trem, porque agora se póde viajar com confôrto e comodidade. Tia Lili não sabia, como também uma porção de gente não sabe, como são bons os trens "Vera Cruz" e "Santa Cruz", da Estrada de Ferro Central do Brasil, todos de aço, modernos, bonitos, confortáveis, rápidos e seguros.

Acho que nós nunca aproveitámos uma férias assim.

Foi uma idéia ótima, a de Papai, levar a gente para êsse passeio nos trens da Central. Até dá vontade de escrever aqui um "viva o Brasil !".

Pronto! Escrevi mesmo...

O Casamento do SAPO

por SEBASTIÃO FERNANDES

A notícia correu pelas quatro bandas.

— O sapo vai casar!

— O sapo vai casar!

A lavandeira indagou:

— Mas não era para a estrêla que êle andava fazendo serenata?

— Isso é bobagem, disse a mosca-azul. Êle estava namorando a sapinha do Brejo-Grande.

— Ela também saberá cantar?

— Vai ser um casal bonito, porque vão cantar no rádio.

O cascudinho vermelho contou:

— Já me disseram que êle depois de casado não consentirá que a espôsa cante no rádio.

Esta conversa se passou perto do lago Azul. O bagre chegou à flor-dágua e disse, lambendo os beijos:

— Vou preparar-me, porque vou encher a pança.

O lambari comentou:

— Vê lá se exageras como na festa do grilho e tens de novo uma indigestão de coxinhas de gafanhoto.

O Barrigudo também apareceu e deu uma gargalhada:

— Já estão vocês dizendo bobagem. Se a noiva mora no Brejo-Grande, o casamento vai ser na casa da noiva, e depois, eu não quero mais barulho aqui porque preciso dormir.

A Vitória-Régia entrou na conversa:

— Muito bem, Barrigudinho, muito bem, aqui é que não queremos casamento.

O louva-a-Deus indagou:

— Por que é que a senhora mora há tanto tempo perto do sapo e não gosta dêle?

A flôr-do-lago respondeu:

— Quando êle quer cantar não escolhe nenhuma outra flor; é em cima de mim; nem tão pouco vai para a beira do lago.

Se tem de pular, não pula em cima de outras fôlhas que não sejam as minhas. Faz de minhas pétalas um trampolim para as suas acrobacias. E leva a noite inteira de pulo para lá e pulo pra cá, e faz sempre uma cantoria aborrecida dizendo que é cantor de rádio. Estou farta de tanta serenata.

O Barrigudo nem pode dormir.

O bagre ficou de cara feia e disse:

— Lá vem aquela bicharada feia do Brejo para o nosso lago.

Não podia o Sapo arranjar outra noiva?

A Vitória-Régia suspirou, desolada:

— Cantava e pulava aqui para arranjar noiva tão longe; seria melhor que, depois de casado, lá ficasse.

Mas o sapo estava importante. Falava ao telefone; enviava convites para todo mundo; encomendava os doces, os sorvetes; perguntava pela orquestra dos mosquitos, pelas lâmpadas dos vagalumes; o velho-cascudo-da-montanha seria o juís do casamento, enfim fazia uma barafunda.

Depois mandou chamar a aranha-amarela e disse:

— Você com os seus fios prateados, faça uma cerca em volta de todo o lago porque, quem não tiver convite, não entra.

A aranha-amarela indagou:

— Quem é o porteiro?

— E' o bezouro dourado, que é zangado.

A aranha-amarela fez mais outra pergunta:

— E se alguém quiser pular a cerca?

— Pode pôr a goma de apanhar mosca.

— E se ficar preso?

— Pode levar para sua casa...

O marimbondo, que estava escondido ouvindo a conversa, saiu zunindo de contente e, como bom boateiro, foi dar a notícia à vitória-régia.

— O baile do casamento vai ser aqui no Lago-Azul!

O lambari ficou intrigado:

— Mas o casamento é na beira do lago ou na ilha?

O marimbondo era encrenqueiro e, esfregando as mãos, sorriu:

— O negócio do sapo com a aranha-amarela era para fazer a cerca em tôrno do lago; o resto eu não sei...

E foi voando para espalhar a novidade.

A aranha-amarela começou a fazer a cêrca quando se lembrou do carangueijo. Mas êste, muito esperto, saiu da lama e foi para dentro do lago. Mesmo que o Sapo não mandasse convite, êle já estava dentro da festa...

A Joaninha indagou:

— Mas, carangueijo sabe dançar?

O lambari, que era velho morador das redondezas, afirmou:

— Não perde uma festa; e é grande bailarino. Ninguém como êle sabe dançar o tango-argentino. Dá cada passo difícil!...

O bagre quis saber:

— Mas onde é que vamos dançar?

Nisto chegou o sapo trazendo a sapinha para ver o lugar da festança. Todos ficaram olhando o casal e ouvindo o sapo, peito estufado, falando com importância:

— O casamento vai ser na fôlha da Vitória-régia.

A Vitória-Régia teve um estremecimento.

A sapinha deu um riso, balançou com a cabecinha e disse:

— Lindo salão-verde!

O bagre deu uma cambalhota e disse baixinho:

— Aguenta, dona Vitória!

O carangueijo deu um risinho e fechou os olhos:

— Vai haver barulho...

O marimbondo, que estava espiando os noivos, cochichou:

— Depois dizem que eu é que faço encrenca.

O Barrigudinho deu uma rabanada:

— Só quero ver o barulho perto do meu quarto.

Por tôda a campina onde aparecia alguém do Brejo-Grande, vinha contar os trabalhos da aranha-amarela fazendo a cerca prateada que era um deslumbramento. Outros contavam que Rainha-da-noite gostava muito do sapo e por isso ia abrir tôdas as flôres. Os lírios e copos-de-leite tinham arranjado com a lua não haver chuva e o luar sair como um véu todo de prata: ia ser um encanto.

A roseira-vermelha, que dormia cêdo, indagou:

— Mas o sapo é assim tão querido?

O lírio respondeu:

— E'.

— Por que?

— Porque é um rapaz alegre, brincalhão, conta anedotas. E' gordo mas sabe fazer ginástica. Todo dia de manhã faz ginástica pelo rádio.

— Eu acordo cêdo e nunca vi o sapo fazendo ginástica.

O lírio tossiu e, como gostava do sapo, continuou:

— Demais êle come muito, mas sabe saltar bem. Dá cada pulo! Pergunte à Vitória-Régia. Salta melhor que palhaço de circo.

Olharam para a Vitória-Régia, mas esta estava com uma cara amarrada e ninguém teve coragem de lhe fazer perguntas.

Chegou a noite de luar encantado.

O movimento da Campina mostrava a animação do casamento do sapo.

Do Brejo-Grande para o Lago-Azul era um vai-e-vem de espantar. Os ônibus-lacraia da Companhia de Auto-ônibus-Centopeia passavam apinhados. De vez emquando era o motor dum papafumo ou marimbondo que roncava com mais fôrça.

O lago estava mesmo que parecia um palco.

Bem a lua dissera que não ia chover e que ela punha o manto-prateado-da-lenda-maravilhosa.

Camarada de sorte, o sapo. Também, qualquer coisinha que ia acontecer, êle de esperteza contava mais alto para o marimbondo ouvir e era aquela beleza. O marimbondo-vermelho saía zunindo com pressa de contar a tôda gente.

O fiscal da beira do lago, o Bezouro-dourado, quase que não tinha mais fôrça para perfurar os con[illegible] e exclamou admirado:

— Mas o sapo convidou assim tanta gente.

E de boca aberta:

Êle disse que mandou a aranha-amarela fazer uma cerca, a coitada levou a semana inteira trabalhando e, quando acaba, o vaidoso convida até os inimigos. Eta! camarada prosa!

E ia entrando, entrando tudo quanto era inseto.

Na folha da vitória-régia já não cabia mais ninguém. Esta dizia bufando:

— Êsse sapo pensa que sou de borracha como a barriga dêle, mas eu estouro.

O Barrigudo resmungou:

— O barulho está aumentando...

Perto da porta da entrada o bezourinho-verde, muito trêmulo, perguntou à tia:

— Titia, o sapo não come a gente?

— Só nos outros dias. No dia do casamento êle não come, não canta, não dansa, nem pula. Fica ouvindo o grilo, vendo a mariposa bailarina e os saltos dos peixinhos vermelhos.

— Peixinho vermelho sabe saltar?

— Não salta tão bem como o sapo, mas num dia de festa e como espectáculo para agradar os noivos, vão dar saltos de fantasia.

— Que é salto de fantasia?

— E' chegar na beira dágua dar um salto no espaço e deslisar de barriguinha e mergulhar.

— Deve ser bonito, hein?

— Vai ser muito divertido, se na fôlha da Vitória-Régia couber tanta gente...

No meio do reboliço a lacraia disse:

— Esse negócio de se ter de botar botina nova é uma imolação.

A minhoca disse que nunca usou botina...

O gafanhoto retrucou:

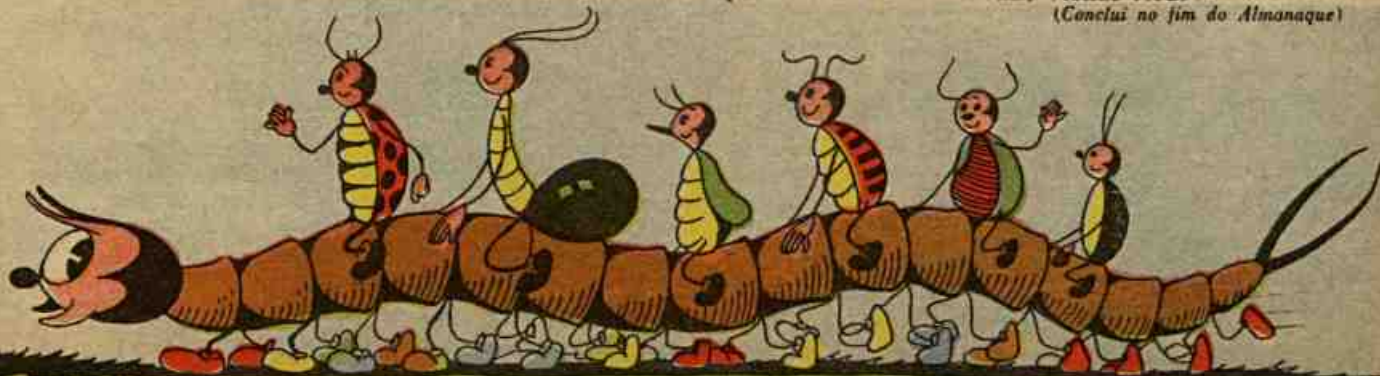
— E colarinho novo incomoda!

A Mariposa-Branca estava tôda aborrecida dizendo que o sapo era vaidoso; arranjou um salão pequeno e o seu vestido já estava amarrotado.

Quando falou em "salão pequeno" o lambarí deu um risinho e perguntou à Vitória-Régia se tinha ouvido o elogio...

As borboletas vinham e todos sabiam que em cada festa mostravam vestidos novos.

Coitadas das pererécas, tão prosas porque são parentas da sapinha e todas com o mesmo vestido-verde!

(Conclui no fim do Almanaque)

CURIOSIDADES

O culto de Esculápio, deus da medicina, foi introduzido em Roma, no ano 290 antes de Cristo, após uma epidemia da peste. Em homenagem a êsse deus foi erigido um templo-hospital, na ilha do Tibre. Esculápio, filho de Apolo, morreu fulminado por Júpiter por ter feito ressuscitar Hipólito, filho de Teseu. E' conhecido, na mitologia grega, como Asclépios.

•

A maior unidade da família solar, depois do Sol, é Júpiter. Seu diâmetro é de .... 139.500 quilômetros, podendo conter aproximadamente 1.400 vêzes a Terra. Encontra-se a quase 700 milhões de quilômetros do Sol. Mais distante ainda está Saturno, a mais de 1.400 quilômetros Pelas suas dimensões, é o planeta que sucede a Júpiter, com o diâmetro de 112.600 quilômetros.

•

O record do consumo de alimentos pertence à família do italiano Marco Pirani, composta de 45 pessoas. A família consome diàriamente 23 quilos de pão, 16 quilos de verduras 3 quilos d açucar, 25 quilos de massas, 70 ovos 45 litros de leite e 25 litros de vinho. Todos os Pirani que trabalham entregam ao chefe da família o dinheiro necessário para a manutenção dos fenomenais gastos diádiários.

•

QUEM CONSTRUIU O TÃO FALADO CANAL DE SUEZ?

O construtor do famoso e hoje tão falado Canal de Suez, engenheiro Fernando de Lesseps, nasceu em Versailles, França, em 19 de Novembro de 1805 e faleceu em 7 de Dezembro de 1894. Muito jovem, ingressou na carreira diplomática, onde, por sua viva inteligência e simpatia, subiu ràpidamente galgando os mais altos cargos.

Quando menino, recebeu esmerada educação, que foi completada no famoso colégio francês Henrique IV. Aos vinte anos ingressou no consulado francês em Lisboa. Atuou em Tunis, no Cairo, Alexandria, Amsterdan e outras cidades, sendo sua carreira uma contínua série de triunfos.

A sua grande inteligência se aliava um nobre coração. Quando grassou uma peste em Alexandria, Egito, enquanto se achava nessa cidade como encarregado do consulado geral, dedicou-se a cuidar das vitimas, sem pensar nos riscos a que se expunha.

Em 1849 retirou-se à vida privada. Pôde então dedicar-se a estudar as possibilidades de realização de uma importante obra que permitisse a comunicação do Mar Mediterrâneo com o mar Vermelho. O vice-rei do Egito, Mohamed Said, entusiasmado pelo projeto, animou Lesseps a pô-lo em prática.

Em 1865 começou os estudos preparatórios, que prosseguiu apesar dos obstáculos de tôda ordem que teve de vencer.

Finalmente, o triunfo coroou seus esforços e em 17 de Novembro de 1869 foi inaugurado o canal, em grande cerimônia. Esta vitória de Lesseps fez dele o homem mais famoso de seu tempo.

O govêrno francês concedeu-lhe a grã cruz da Legião de Honra e a Sociedade de Geografia de Paris outorgou-lhe, em 1870, um prêmio de cem mil francos.

Tempos depois idealizou a realização de um canal no istmo de Panamá, porém não conseguiu levar a bom têrmo essa nova obra.

Os últimos anos do genial construtor, êle os passou na mais profunda amargura pelo fracasso da sonhada emprêsa no Panamá.

A posteridade, entretanto, lhe fêz justiça, reconhecendo seus méritos. A estatua que reproduzimos, foi erigida em Port-Said, cidade que fica em um dos extremos do Canal de Suez.

•

A palavra "corsário", sinonimo de "pirata", deriva do italiano "corso", que significa "pirataria". Há quem afirme que tal palavra vem de Corsega, ilha que era antigamente temivel guarida de maritimos aventureiros.

•

Irritar-se com as injúrias é reconhecer que elas têm algum fundamento; despresá-las, é condená-las a serem esquecidas. — Tácito.

•

O uso das velas acêsas durante os ofícios divinos, derivou das grandes perseguições que Nero moveu contra as práticas religiosas. Por êsse motivo, eram as mesmas celebradas no interior de casas remotas, noite alta, ou no interior de grutas e catacumbas, cercadas de mistério, silêncio e trevas. Daí o uso das velas, que foi sancionado por São Pedro.

•

A antracita, o carvão fossil mais antigo e com mais percentagem de carbono — cêrca de 94% — é o mais valioso combustivel sólido. Arde somente com forte corrente de ar, inflamando-se com mais dificuldade de que os outros tipos de carvão. A antracita, é encontrada nos Estados Unidos e na Inglaterra.

O TERROR do DESERTO

HARRY MILVERTON estava sentado na cama, escrevendo sua carta semanal à família, que residia na Inglaterra, quando Barney entrou na barraca.

Barney, que tinha por missão dirigir a possante locomotiva através do deserto, não tinha horário fixo de trabalho. Tinha trabalhado todo o dia conduzindo o trem de socôrro às povoações famintas.

Harry apressou-se a terminar a carta, a fim de começar o seu serviço noturno nos Telégrafos.

Na carta que escrevia fazia um rápido relato dos acontecimentos da semana anterior. Contava a perda da colheita de trigo, em consequência da qual a população de Jagfir, cidade árabe, situada entre as montanhas do deserto, morria de fome.

Durante os últimos dias corria um trem diàriamente, levando carregamento de trigo, que era recebido na estação final por emissários árabes.

Harry levantou-se e foi à porta. As fortes lâmpadas de acetilene iluminavam as cabanas, galpões e plataformas da "Railway Transport". A grande locomotiva Drumond continuava prêsa aos vagões.

— Os árabes parecem muito ativos, Barney — disse o rapaz. — Nunca os vi trabalhar tão ligeiro.

— Ordem do capitão — respondeu Barney. — As coisas estão ficando feias em Jagfir. Parece que os nômades, sabendo de nossa ajuda, invadirão a cidade. E' necessário levar novos carregamentos de trigo. Eu me ofereci para fazer outra viagem esta mesma noite. E ia esquecendo de dizer-te que tens que me acompanhar, como foguista. Creio que não te desagrada, não é verdade?

— Eu gostaria, mas hoje estou de plantão. Quem me substituirá?

— O próprio capitão Jukes.

— E tu, Barney? Não estás cansado?

— Um pouco. Entretanto, como o capitão Jukes diz, não temos direito de pensar em nós mesmos, quando há tanta gente dependendo do nosso trabalho.

Nesse momento, entrou um rapaz árabe trazendo a refeição.

— Bem. Comamos alguma coisa — disse Barney. — Depois nos deitaremos até à meia noite.

Um quarto de hora antes da meia noite, um rapaz entrou no quarto trazendo café.

Sob a tensão nervosa Harry não conseguira dormir e, ao vê-lo surgir, saltou da cama, despertando também o amigo.

Em poucos minutos desapareciam de vista as lâmpadas de acetilene, e a locomotiva petrava no deserto.

Barney manejava as alavancas com a mesma segurança como se estivesse dirigindo um automóvel.

Três horas depois, já podiam ver no horizonte os primeiros albores do dia.

Defronte a êles aparecia a grande serra Tomari, enorme vale dentado, que se estendia atravessando o deserto como uma parede.

De repente, Barney limpou nervosamente o vidro da janela.

— Que é aquilo? — disse.

Harry se aproximou. A princípio só percebeu a grande muralha de pedras que parecia se elevar sôbre êles. Depois, porém, viu que, na parte mais estreita do caminho, havia um montão de pedras de enorme tamanho.

— Tira a pistola da caixa de ferramentas — gritou Barney.

Faltavam sòmente quinhentos metros, porém tinham ainda tempo, e, fazendo uso dos freios, estacou a máquina.

Surgindo, então, por trás das pedras, três árabes fizeram-se ver; mais adiante, nas dunas, apareceram outros dois a cavalo. Estavam armados de rifles.

Quando os amortecedores bateram nos blocos de pedra e a locomotiva parou, um dos árabes deu uma ordem gutural. Instantaneamente todos os rifles fizeram pontaria para a cabine do maquinista. A mesma voz, dirigindo-se a Barney, ordenou:

— Mãos ao alto, infieis! Vocês estão em presença de Faiz bu Hassid, o "Terror do Deserto".

Barney olhava para os agressores.

Com voz firme e forte perguntou em árabe ao chefe, enquanto não perdia de vista o indivíduo alto que o acompanhava.

— Que queres?

— Bem — respondeu em inglês êste último. — Vejo que trazes uma boa carga, Dick Barney. Nós também estamos morrendo de fome e o govêrno não nos quer ajudar...

— Sei, isto sim, que o homem chamado "Terror do Deserto" é cruel, porém, cavalheiro — replicou Barney friamente. — Mas tu, Jasper Leigh, não és mais que um "pária". A última vez que nos encontrámos foi na feira

de Bagdad, quando estavas planejando o assalto a um banco.

Lembras-te ?

O bandido deu de ombros.

— Se aproximas o cavalo um passo mais — prosseguiu Barney — matar-te-ei como a um cão!

O indivíduo branco lançou-lhe um olhar de ódio e, virando-se para os três árabes, ordenou:

— Desçam-no daí!

— Esperem! — gritou Barney.

E, dirigindo-se ao chefe, disse em árabe:

Sabakk Allah bil-kher, oh Faiz bu Hassid (quisera falar contigo).

— Desçam-no! Não ouvem o que digo? Desçam-no! — gritou o branco.

Os três árabes, entretanto, permaneceram imóveis, olhando para o chefe.

Jasper Leigh soltou um grito selvagem e fez dois disparos para o ar.

Ainda dessa vez a bravata não deu resultado. Ninguém se moveu, nem mesmo os cavalos. Mas um dos árabes com majestoso movimento, dirigiu seu cavalo até perto da locomotiva.

— Desejas falar comigo, estrangeiro? — exclamou. — Êste indivíduo não entende a linguagem do deserto e tenho minhas razões para não confiar nêle.

— Sabes que teus compatriotas estão morrendo de fome em Jagfir e que êste rapaz e eu levamos um carregamento de trigo para minorar sua tragédia? Sabes que êsse homem, e apontava para Leigh, quer roubar o carregamento, porque, assim diz êle, tu e teus homens carecem também de víveres ?

— Não foi isso o que êle me disse, estrangeiro! Êste homem, que me acompanha porque os brancos o odeiam, afirmou que eras meu inimigo. Em sua própria língua disse que o dragão rodande leva armas de fogo. Eu também delas necessito. Por isso bloqueei a passagem.

— Eu não sou teu inimigo. Sou homem de paz, desejoso de ajudar teus compatriotas que sofrem. Examina meu carregamento, Faiz-bu-Hassid, e verás que não sou teu inimigo.

O árabe se dirigiu aos vagões e cravou uma adaga em um saco. Ao ver os grãos soltou um grito de satisfação e, virando-se lentamente, encarou o maquinista.

— Tuas palavras parecem ser verdadeiras — disse. — Não levas mais nada além dos víveres ?

Talvez as armas estejam ocultas entre os grãos...

— Torna a procurar, Terror do Deserto! — disse Barney. — Examina outras sacas!

— Não é preciso. Se é verdade o que dizes, é pena estar a gastar tantos grãos em uma busca. Prefiro partir já para o deserto de Jagfir e confirmar, lá, com meus próprios olhos a verdade do que afirmas.

Faiz-bu-Hassid colocou a adaga na cintura e aproximou-se dos seus homens.

— Prestem atenção ao que lhes digo! — gritou. — Êste homem branco chamou-me de cavalheiro. Quero portanto, portar-me como cavalheiro.

Vou agora ao deserto para informar-me se suas palavras são verdadeiras.

Antes do sol chegar à metade do céu, estarei de volta. Enquanto isto, cuidem dos três infiéis.

Um minuto depois desaparecia num declive.

— Acreditas que êle nos matará? — perguntou Harry.

— Não. Não creio. Por acaso não lhe dissemos a verdade? Não quisera estar é na pele de Jasper Leigh.

— Por que? — indagou êste.

— Porque Hassid foi averiguar quem de nós mentiu e pensa acabar com êle.

Jasper Leigh deu um salto e levantou seu rifle. Antes, porém de que pudesse disparar, os três árabes atiraram-se sôbre êle.

— Fica quieto! — aconselhou Barney. Hão de amarrar-nos os três e eu prefiro conservar minhas pernas em liberdade, não é verdade, Harry?

Quando Faiz-bu-Hassid voltou, o sol já estava muito alto.

— Desamarrem os ingleses! — ordenou em tom imperioso.

Sua ordem foi ràpidamente executada.

— Agora, amarrem o traidor — foi a segunda ordem.

Com as roupas flutuando qual asas de abutre, os três árabes atiraram-sôbre Leigh, ataram seus braços, despojaram-no no chão. Nem uma palavra saíu de sua bôca. Cravaram duas estacas e prenderam a elas seus braços e suas pernas.

Finalmente seus lábios pronunciaram algo, umas palavras.

Barney e Harry inclinaram-se sôbre êle para ouvir melhor.

— Lamento, Dick Barney — dizia. — Eu te odiava e me venceste mais uma vez. Agora não te odeio mais. És um verdadeiro homem. E teu comportamento é o que me ajuda a morrer como verdadeiro homem também.

O Terror do Deserto, porém, pronunciava sua sentença:

— Aí permanecerás para sempre! — dizia. — O sol calcinará teu corpo e os chacais e as aves de rapina se cevarão em tuas carnes.

Depois, estendendo um braço, ordenou a seus homens que tirassem do caminho as pedras.

Quando o trem se pôs em movimento uma salva saudou sua partida.

— Ouve, Barney — disse Harry já mais tranquilo. — Não faremos nada em favor de Jasper Leigh? Apesar de ser um velhaco não posso deixá-lo assim; dá-me dó!

— Agora, seria impossível. Entretanto, na volta nós o tiraremos dali.

Esta última aventura lhe servirá de lição.

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS E CONCLUSÕES DOS CONTOS DÊSTE ALMANAQUE

O CASAMENTO DO SAPO

(Conclusão)

O bagre botou a cabeça fóra dágua e disse:

— Mas vamos comer os doces antes ou depois do casamento?

A abelha lambeu os beiços; gostava muito de caramelo, mas quando aparecia um doce de côco não trocava o doce nem por uma garrafa cheia de mel!

O lambarí sorriu:

— Engraçado que o sapo é quem vai casar, anuncia canto e dansa e todos estão aflitos nos doces.

O Barrigudo veio à tona e disse:

— Façam tudo, contanto que me deixem dormir.

A cigarra estava ranzinza — se o mosquito zumbisse, ela não cantaria.

O gafanhoto contou:

— Dizem qu o marimbondo também foi convidado...

A cigarra continuava zangada:

— Se o marimbondo vier, eu me vou embora e digo ao sapo porque: êle é muito moleque e sem educação.

E a conversa estava muito animada, quando o Lago-Grande ficou todo iluminado. Tinham chegado os vaga-lumes. E festa estava mesmo bonita, porque os faróis dêles eram mais fortes que o luar.

A ponte de gravetos que ligava a terra com a fôlha da Vitória-Régia já estava balançando. A fôlha era muito grande, muito larga mas nunca se viu tanto bichinho reunido numa só fôlha.

A mãe da sapinha resmungou:

— Imaginem que o velho cascudo-da-montanha, que vai servir de juís para o casamento, ainda não veio!

O marimbondo deu um risinho:

— Ele tem uma família enorme!...

O bagre chegou à flôr-dágua e indagou:

— Quando é que se come nesta casa? Já estou ficando com a garganta seca...

A noiva olhava, aflita, para a ponte de gravetos onde estava o bezouro-dourado esperando o juís do casamento.

A cigarra sempre zangada disse:

— Há sempre uma pessoa para atrapalhar a história.

O sapo estava suando muito e, mesmo cansado, dizia:

— Eu acabo tomando outro banho, porque não aguento êste calor.

Para distrair o pessoal a orquestra dos mosquitos tocava sambas.

*

O Barrigudo mais uma vez apareceu protestando contra o barulho.

Quando o caracol chegou, a sapinha foi perguntar se não tinha acontecido algum desastre com o cascudo-da-montanha. O marimbondo deu um risinho:

— Desastre vai ser essa gente tôda comendo e bebendo...

Nisto foi chegando a família do cascudo-da-montanha. Eta família grande! Todo o mundo correu para ver o juiz. Aí se deu a trapalhada. Na confusão e tanto peso dum lado só, a fôlha da Vitória-régia arrebentou e todos os convidados foram para o fundo do lago. Foi um reboliço medonho. Alguns voadores ainda se salvaram.

Os peixes pulavam de contente.

O bagre disse que as coxinhas de gafanhoto eram dêle.

O lambarí gargalhou:

— Bem a Vitória-Régia dizia que não era de borracha.

O sapo apareceu meio tonto na outra margem:

— Bem estava precisando dum banho; mas onde está minha noiva? Por onde anda minha noiva?

O marimbondo deu um risinho:

— A mãe dela disse que sua vaidade causou tudo isso.

QUANTAS LÂMPADAS SÃO?

(Solução da página 74)

As lâmpadas eram, ao todo, 14.

PARA PASSAR O TEMPO

(Solução da página 39)

1-G; 2-D; 3-E; 4-F; 5-H; 6-I; 7-B; 8-C; 9-A.

OS CULPADOS

(Solução da página 47)

O ladrão da gravata, com ela ao pescoço, à esquerda, no alto, levando um murro. O assaltante, com um ponto-falso (esparadrapo) no rosto, à esquerda em baixo, na motocicleta. O garoto que quebrou o lampeão, com êle, no quadro da motocicleta, com a mesma camiseta riscada.

TRÊS MAUS E TRÊS BONS

Solução da página 61)

"Os mais altos índices de pobreza, doenças, desajustamento no trabalho, na família e na vida social se encontram entre os analfabetos. Há uma grande relação entre o analfabetismo e o baixo nível de cultura e de vida, assim entre os indivíduos como entre os grupos, as comunidades, os estados, as nações". — (Ambrose Caliver, sub-diretor da Comissão de Educação dos EE. UU.)

A LENDA DO TRIGO

(Conclusão da página 63)

A partir de então, o homem teve que arar a terra para semear os grão e ver crescer nela os cereais, que são seu principal alimento. E o pão se tornou muito mais saboroso do que era antes dos tempos desta minha história, porque o que tem mais sabor é sempre aquilo que adquirimos co mesfôrço".

O ancião terminou a historia. Os meninos, a quem o relato tinha provocado profundo interêsse, permaneceram calados. Estavam devéras impressionados.

— Eu também aprecio muito estas histórias do passado — desse o fazendeiro quebrando o silêncio — Elas sempre têm ensinamentos nobres. O trabalho tem sido e será sempre o fundamento da civilização dos povos. E' também o trabalho a garantia da paz. Povos trabalhadores são inimigos da guerra, porque a guerra destrói a obra santa do labor. E' na ociosidade que se imaginam as lutas entre os homens e é nos maus costumes que se escondem os germes de destruição e da morte. O homem trabalhador goza mais a vida do que o homem ocioso. Nada mais agradável do que o descanso obtido depois de um trabalho de utilidade própria ou alheia.

FICOU TÃO BRILHANTE QUE SERVIU DE ESPÊLHO

RECORDE SEMPRE ISTO

O Itajaí percorre a mais rica zona colonial do Estado de Santa Catarina. E' rio que desce da serra do Mar. Por pequenos vapores, é navegável até Blumenau.

*

Escreveu Leopardi: E' curioso notar que quase todos os homens que valem muito têm maneiras simples; e que quase sempre as maneiras simples são tomadas por indício de pouco valor.

*

A data de fundação do Rio de Janeiro, a bela cidade carioca, é indiscutivelmente esta: primeiro de março de 1565.

*

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Está ótimo o ALMANAQUE DE CIRANDINHA

E A BANDINHA SEGUIU...

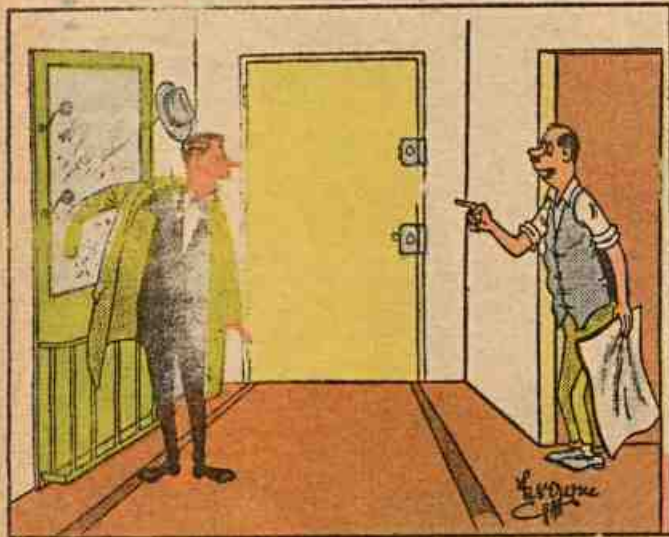
Humorismo

Dizia um grande orador, no auge de eloquente tirada:

— E' admirável o fato de ter a providência divina posto os grandes rios junto às grandes cidades !

■

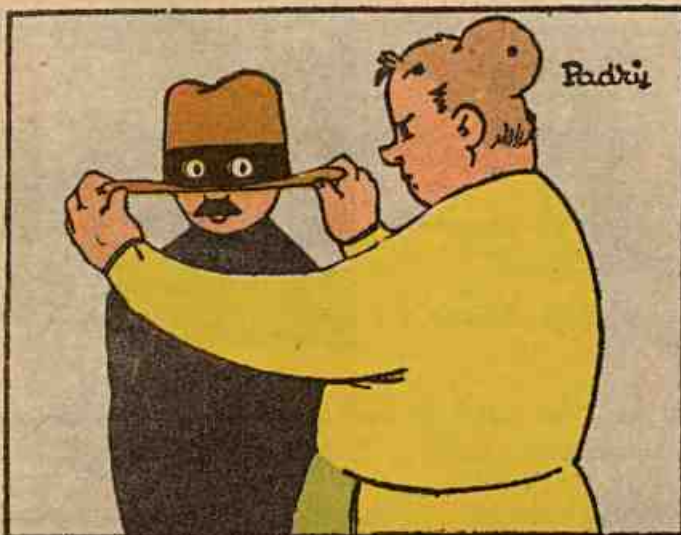
— Quando deixarão as nações de aumentar continuamente o seu armamento ?

— E' muito simples: — quando cada nação tenha um exército duas vêzes mais forte que o do vizinho !

— Êsse capote é meu !
— Mas, papai, é para não molhar a sua roupa

PREFIRO IR DORMIR

Um pedinte dirige-se a um sujeito que passa:

— Desculpe, cavalheiro, mas certamente o senhor não quererá ver um pobre coitado caminhar a noite tôda pelas ruas pedindo esmola...

— E' uma coisa que pode ser muito interessante para se ver, mas agora estou cansado e prefiro ir dormir !

Onde iremos parar, se comprares um chapéu cada vez que cortares o cabelo ? !

— Eh ! De quem é esta porcaria? !

A escada é um pouco curta, madame...

O meu amigo gosta de empregar palavras raras na conversação. Convidei-o para tomar um guaraná. Diante da sua recusa, expliquei:

— Isto é muito bom. E' até diurético.

Dias depois, êle me participou que a filha contratara casamento. Perguntei-lhe:

— E o noivo ? E' bom rapaz?

— Muito bom — respondeu. — E' até diurético.

O PRESENTE DA FADA

Naquela aldeia longínqua vivia uma pobre mocinha chamada Margarida, a quem a vida nunca sorrira e que só conhecia tristezas e privações. As outras moças a evitavam e quando passava nas ruas era alvo de maldades de tôda a sorte.

Um dia estava Margarida muito desconsolada a chorar, quando surgiu na estrada uma estranha mulher de aspecto impressionante, que dela se aproximou com passos trôpegos e cansados. Nunca aquela mulher fôra vista ali, em outra ocasião.

Chegando ao lado da infeliz menina, a anciã lhe falou com suavidade e doçura, indagando quem era, por que se mostrava assim triste, e fazendo muitas outras perguntas a que a pobrezinha respondeu com a maior sinceridade.

E então a misteriosa mulher lhe deu um conselho apenas, que ela logo tratou de seguir à risca. Devia seguir pela estrada, subir a encosta do morro, deixando a aldeia para trás, sem pensar em outra coisa senão na beleza da Vida.

Tendo obedecido, Margarida, depois de muito andar, teve uma surprêsa: num ponto onde não esperava viu surgir à sua frente um castelo maravilhoso. A velha lhe tinha dito: — Pense apenas na beleza da Vida e caminhe sempre para diante.

Assim ela fez. No castelo, que se abriu para recebê-la, foi acolhida por uma criatura de esplêndida beleza, que disse ser a Fada do Sonho. Depois de alguma permanência no castelo, quando a mocinha se retirou, a Fada lhe deu . . .

. . . um embrulhinho, dizendo que aquele era o seu régio presente, um talismã graças ao qual ela, de então para diante, seria sempre apreciada, bem recebida e festejada onde quer que se apresentasse. E Margarida, confiante, partiu.

Tinha razão a Fada dos Sonhos. De então por diante, Margarida passou a deslumbrar e atrair quem quer que a visse, e todos procuravam sua companhia, desejavam tê-la perto, graças ao presente maravilhoso que recebera.

E' que o presente fôra um perfumadíssimo sabonete DORLY, o mágico sabonete que, pela sua fragância adorável, torna quem o usa atraente, envolvido duradouramente por uma onda de perfume e de sonho que nenhum outro consegue imitar ou superar.

Natal proibido...

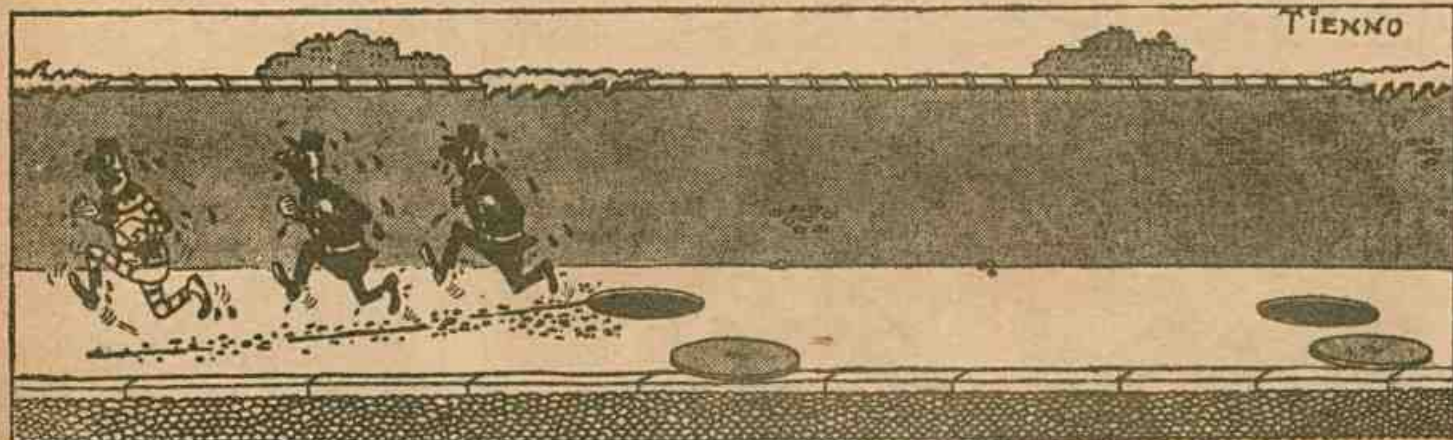
Poucos são os países no mundo que podem reivindicar uma celebração do Natal mais feliz do que a Grã-Bretanha, onde esta festa é essencialmente um acontecimento familiar. Todavia, há mais de 300 anos, êsses festejos foram proibidos pelo Parlamento, que ordenou que "nenhuma comemoração deveria ser feita no 25.º dia de dezembro, comumente chamado Dia de Natal, nem qualquer solenidade praticada nas igrejas naquele dia, em relação ao fato". E, para dar maior ênfase à sua proclamação, o Parlamento realizou uma sessão normal no dia 25 de dezembro de 1652. Êsse era, naturalmente, o Parlamento de Oliver Cromwell, cujos simpatizantes vinham protestando durante anos contra os excessos e devassidões que na época do Rei Carlos I haviam marcado os festejos da Natividade, protestos que ocasionaram muito derramamento de sangue em um levante na catedral da cidade de Canterbury, onde o Natal fôra abolido, por ordem do Prefeito, em 1647. De 1652 até à Restauração da Monarquia, em 1660, os serviços religiosos do Dia de Natal eram realizados em casas particulares, o que não deixava de ser um perigo para os que nêles tomavam parte. O clero era cuidadosamente vigiado, e as casas suspeitas de realizar missas eram invadidas por soldados, que tinham ordem de prender qualquer pessoa que violasse a lei.

Falam-se no mundo 2.796 línguas

SEM contar os dialetos, 2.796 línguas são faladas no mundo, mas apenas 13 delas são usadas por mais de 50 milhões de indivíduos. São as seguintes:

Língua	Falantes
Chinês	500.000.000
Inglês	250.000.000
Industani	160.000.000
Russo	150.000.000
Espanhol	120.000.000
Alemão	100.000.000
Japonês	100.000.000
Francês	80.000.000
Indonésio	80.000.000
Português	60.000.000
Bengali	60.000.000
Italiano	60.000.000
Árabe	50.000.000

O inglês é, há muito, o idioma mais espalhado no mundo. Estima-se que 600 milhões de pessoas, ou seja 1 em cada 4 habitantes da Terra, entendem ou falam mais ou menos essa língua.

AQUILO E' QUE ERA UMA TENAZ PERSEGUIÇÃO !

TIENNO

A "pororóca" é um fenômeno que se verifica no Amazonas. E' produzido pelo avanço rápido da alta maré, rio acima, em ondas sucessivas, as quais, fazendo subir consideravelmente o nivel do rio e atravancando a correnteza, revolvem as águas e põem em perigo as embarcações. A correnteza do Amazonas é tão forte que avança no mar até trinta quilômetros longe da costa, o que se verifica pela água doce que se encontra a essa altura.

CONSELHO A TODAS AS MENINAS:

Não deixem de comprar o

Almanaque de CIRANDINHA

QUE ESTÁ UM VERDADEIRO ENCANTO!

PREÇO 50 CRUZEIROS

Edição da S.A. "O MALHO"
Caixa Postal 880
QUE ACEITA PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL.

JANEIRO

31 DIAS

1 — Quarta-feira	*Fratern. Universal*
2 — Quinta-feira	Santo Izidoro
3 — Sexta-feira	Santo Antero
4 — Sábado	São Gregório
5 — Domingo	São Simeão
6 — Segunda-feira	*Reis*
7 — Terça-feira	São Luciano
8 — Quarta-feira	São Lino
9 — Quinta-feira	São Julião
10 — Sexta-feira	São Gonçalo
11 — Sábado	São Higino
12 — Domingo	São Sátiro
13 — Segunda-feira	Santo Hilário
14 — Terça-feira	São Felix
15 — Quarta-feira	Santo Amaro
16 — Quinta-feira	São Honorato
17 — Sexta-feira	Santo Antão
18 — Sábado	São Prisco
19 — Domingo	São Canuto
20 — Segunda-feira	São Sebastião
21 — Terça-feira	Santa Inês
22 — Quarta-feira	São Vicente
23 — Quinta-feira	São Rodolfo
24 — Sexta-feira	Nossa Senhora da Paz
25 — Sábado	Conver. de São Paulo
26 — Domingo	São Policarpo
27 — Segunda-feira	São João Crisóstomo
28 — Terça-feira	São Cirilo
29 — Quarta-feira	São Francisco Sales
30 — Quinta-feira	Santa Marina
31 — Sexta-feira	São Pedro Nolasco

ALMANAQUES E CALENDÁRIOS

EM geral, usa-se na linguagem vulgar o mesmo significado para estas duas palavras, apesar de terem significação distinta. O calendário é um registro ou catálogo que compreende todos os dias do ano distribuídos por mêses com dados astronômicos como o nascimento e ocaso do sol, sua entrada em cada signo do Zodíaco, princípio das estações, fases da lua, etc.; e muitas outras notas relativas a datas religiosas e civis.

O almanaque contém tôdas essas datas e mais notícias gerais sôbre outras coisas, conhecimentos científicos, artísticos, anedotas, noções de agricultura, estatísticas, efemérides, conselhos, etc.

O almanaque mais antigo de que se tem notícia é um Calendário cronológico que data do século XIII antes de nossa era e que, por conseguinte, tem mais de 3 mil anos de antiguidade. Encontra-se gravado no têto da tumba do faraó Ramsés IV, nas imediações da localidade de Biban-el-Moluk, próximo de Tebas. Nêle estão as indicações das estrêlas que aparecem no horizonte da cidade egípcia durante as horas sucessivas da noite, em período de quinze dias e por todo o ano.

Também existe um almanaque egípcio confeccionado muito tempo depois do citado acima, pois sòmente data do século II antes da éra cristã. Abrange um período de 29 anos e nêle se encontram as datas das entradas dos principais planetas nos signos Zodíacos durante o mencionado tempo.

Os romanos também tiveram seus almanaques, que em nada se pareciam com os nossos. Eram feitos de pedaços de madeira cortados em quadros e bem polidos, em cujas quatro faces continham indi-

FEVEREIRO

28 DIAS

1 — Sábado	Santo Inácio
2 — Domingo	*Purif. de N. Senhora*
3 — Segunda-feira	São Braz
4 — Terça-feira	Santo André
5 — Quarta-feira	Santa Agueda
6 — Quinta-feira	Santa Dorotéia
7 — Sexta-feira	São Simplício
8 — Sábado	São Marinho
9 — Domingo	São Lúcio
10 — Segunda-feira	Santa Escolástica
11 — Terça-feira	São Desidério
12 — Quarta-feira	São Júlio
13 — Quinta-feira	São Benigno
14 — Sexta-feira	São Abraão
15 — Sábado	São Lázaro
16 — Domingo	*CARNAVAL*
17 — Segunda-feira	*CARNAVAL*
18 — Terça-feira	*CARNAVAL*
19 — Quarta-feira	*Cinzas*
20 — Quinta-feira	São Leão
21 — Sexta-feira	Santa Vitalina
22 — Sábado	Santa Margarida
23 — Domingo	São Lázaro
24 — Segunda-feira	São Pretestato
25 — Terça-feira	São Cezário
26 — Quarta-feira	São Vitor
27 — Quinta-feira	São Baldomero
28 — Sexta-feira	São Macário

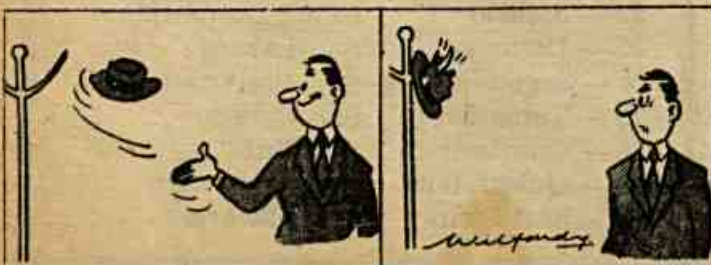
MARÇO

31 DIAS

1 — Sábado	São Adrião
2 — Domingo	São Carlos
3 — Segunda-feira	São Tito
4 — Terça-feira	Santa Camila
5 — Quarta-feira	São Romualdo
6 — Quinta-feira	Santa Vitória
7 — Sexta-feira	São Tomás de Aquino
8 — Sábado	Santo Eutrópio
9 — Domingo	São Cândido
10 — Segunda-feira	São Militão
11 — Terça-feira	São Constantino
12 — Quarta-feira	Santo Eulogio
13 — Quinta-feira	São Rodrigo
14 — Sexta-feira	São Leandro
15 — Sábado	São Zacarias
16 — Domingo	São Ciríaco
17 — Segunda-feira	Santa Agrícola
18 — Terça-feira	Arcanjo Gabriel
19 — Quanta-feira	São José
20 — Quinta-feira	São Gilberto
21 — Sexta-feira	São Bento
22 — Sábado	Santo Octaviado
23 — Domingo	São Liberato
24 — Segunda-feira	São Agapito
25 — Terça-feira	*Anunc. de N. Senhora*
26 — Quarta-feira	São Braulio
27 — Quinta-feira	São Fileto
28 — Sexta-feira	São Castor
29 — Sábado	São Vitorino
30 — Domingo	*Ramos*
31 — Segunda-feira	São Benjamin

cações relativas às quatro estações do ano, assim como as datas fixas, que eram tão numerosas em Roma, e detalhes referentes à aparição das principais constelações, seguindo as mudanças do céu estrelado.

No famoso museu Farnésio existe um dêstes artefatos, trabalho em mármore que, além das datas anteriormente mencionadas, contém indicações referentes aos trabalhos agrícolas que correspondem aos diversos mêses do ano.

Entre os calendários mais notáveis da antiguidade merece ser citado um feito em Roma no ano 448 de nossa éra, e dedicado ao Bispo de Lion, que tem a particularidade de ter ao mesmo tempo as datas dos cristãos e dos gentios, e outro composto no ano 483 para a Igreja de Cartago. Êste último se encontra atualmente na biblioteca nacional de París. Ambos são de grande singeleza e só representam um quadro de datas mencionando os grandes fenômenos astronômicos do ano.

Os árabes, que tanto se distinguiram na ciência astronômica e a quem devemos os algarismos atuais, se dedicaram de uma maneira particular a essa classe de estudo e nos deixaram certo número de obras dêste gênero, destinadas a estabelecer a devida correspondência entre as datas das aparições das diversas constelações. Entre elas merece ser citada a de Alkindi, nos fins do século IX. A maioria dessas obras estão ilustradas e foram traduzidas para o latim, sendo adotadas por quase todos os países da Europa.

A partir do século XII aparecem já com mais frequência os almanaques que contém notas sôbre

ABRIL

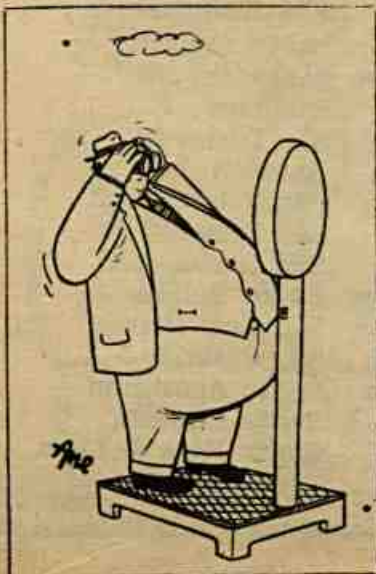
30 DIAS

1 — Terça-feira	São Hugo
2 — Quarta-feira	São Franc. de Paula
3 — Quinta-feira	São Pancrácio
4 — Sextafeira	*Paixão*
5 — Sábado	*Aleluia*
6 — Domingo	*Páscoa*
7 — Segunda-feira	Santa Elvira
8 — Terça-feira	Santo Amancio
9 — Quarta-feira	Santa Maria Cleófas
10 — Quinta-feira	São Terêncio
11 — Sexta-feira	Santo Isaac
12 — Sábado	São Norato
13 — Domingo	São Justino
14 — Segunda-feira	*Pascoela*
15 — Terça-feira	São Hegesipo
16 — Quarta-feira	Santa Engracia
17 — Quinta-feira	Santo Estevão
18 — Sexta-feira	Santa Laura
19 — Sábado	São Hermogenes
20 — Domingo	Santa Catarina
21 — Segunda-feira	*TIRADENTES*
22 — Terça-feira	*Descobr. do Brasil*
23 — Quarta-feira	São Fortunato
24 — Quinta-feira	São Roberto
25 — Sexta-feira	São Marcos
26 — Sábado	São Cleto
27 — Domingo	São Tertuliano
28 — Segunda-feira	São Vital
29 — Terça-feira	São Tiburcio
30 — Quarta-feira	São Peregrino

MAIO

31 DIAS

1 — Quinta-feira	Santo Amador
2 — Sexta-feira	Santa Domitila
3 — Sábado	São Juvenal
4 — Domingo	São Floriano
5 — Segunda-feira	São Pio
6 — Terça-feira	Santa Judith
7 — Quarta-feira	São Estanislau
8 — Quinta-feira	Patri. de São José
9 — Sexta-feira	São Gregório Naz.
10 — Sábado	São Hermes
11 — Domingo	São Mamede
12 — Segunda-feira	São Nereu
13 — Terça-feira	*Abolição*
14 — Quarta-feira	São Bonifácio
15 — Quinta-feira	*Ascensão do Senhor*
16 — Sexta-feira	Santa Máxima
17 — Sábado	São Pascoal
18 — Domingo	Santo Eurico
19 — Segunda-feira	Santo Ivo
20 — Terça-feira	São Bernardino
21 — Quarta-feira	Santa Virginia
22 — Quinta-feira	São Romão
23 — Sexta-feira	São Bazilio
24 — Sábado	São Claudio
25 — Domingo	Santo Urbano
26 — Segunda-feira	Santo Agostinho
27 — Terça-feira	Santo Olívio
28 — Quarta-feira	São Germano
29 — Quinta-feira	São Procópio
30 — Sexta-feira	São Fernando
31 — Sábado	Santa Petronila

as lunações, eclipses, conjunções dos planetas e curso dos astros errantes. Na biblioteca nacional de Viena se conserva um manuscrito do século XIII, no qual se detalha de um modo sucinto o curso dos planetas para o ano 1285.

Na biblioteca de Paris se conserva um almanaque para vinte anos, obra de um tal Guilherme de São Claudio, e a partir da data (1292) foram numerosos os almanaques que se fizeram para 10, 20 e até trinta anos; uma parte geral servia para todos os anos e depois vinha um pequeno quadro dedicado a cada um com as datas móveis, as estações do ano e os fenômenos celestes variáveis.

Do século XIV e sobretudo do XV são numerosos os almanaques que se tem conservado, todos êles manuscritos, e em sua maioria traduzidos do árabe.

Depois começaram a publicar-se em língua vulgar na Alemanha, Polônia, Espanha e França; nessa época operou-se uma transformação nêles, pois foi introduzida a astrologia e os autores dos almanaques não se limitaram a produzir dia por dia os acidentes das estações, as variações do tempo e sim pretenderam também indicar o efeito dos astros sôbre os acontecimentos mais vulgares da vida.

Marcavam-se os dias propícios para fazer contratos, para sangrar-se, para banhar-se e para cortar as unhas e o cabelo.

Isto é o que naqueles tempos se chamava "astrologia judiciaria", arte baseada na charlatanice,

JUNHO

30 DIAS

1 — Domingo	São Firmo
2 — Segunda-feira	Santa Marcolina
3 — Terça-feira	São Modesto
4 — Quarta-feira	São Miguel
5 — Quinta-feira	*Corpo de Deus*
6 — Sexta-feira	Santa Dionisia
7 — Sábado	São Gaudêncio
8 — Domingo	São Marcos
9 — Segunda-feira	São Primo
10 — Terça-feira	Santa Ligia
11 — Quarta-feira	São Celestino
12 — Quinta-feira	Santo Onofre
13 — Sexta-feira	*Santo Antonio*
14 — Sábado	São Elizeu
15 — Domingo	Santa Evelina
16 — Segunda-feira	Santo Aureliano
17 — Terça-feira	São Manuel
18 — Quarta-feira	São Marcelino
19 — Quinta-feira	São Benedito
20 — Sexta-feira	São Silvério
21 — Sábado	São Luiz Gonzaga
22 — Domingo	Santa Nicéia
23 — Segunda-feira	Santa Agripina
24 — Terça-feira	*São João Batista*
25 — Quarta-feira	São Guilherme
26 — Quinta-feira	São Virgilio
27 — Sexta-feira	São Ladislau
28 — Sábado	Santo Argemiro
29 — Domingo	*S. Pedro e S. Paulo*
30 — Segunda-feira	Santa Lucinda

JULHO

31 DIAS

1 — Terça-feira	São Teodorico
2 — Quarta-feira	São Martiniano
3 — Quinta-feira	São Irineu
4 — Sexta-feira	Santa Isabel
5 — Sábado	Santo Atanazio
6 — Domingo	Santa Angela
7 — Segunda-feira	São Firmino
8 — Terça-feira	São Procópio
9 — Quarta-feira	Santa Verônica
10 — Quinta-feira	São Januário
11 — Sexta-feira	São Marciano
12 — Sábado	São Nabor
13 — Domingo	Santo Aniceto
14 — Segunda-feira	São Boaventura
15 — Terça-feira	Santo Henrique
16 — Quarta-feira	N. Senhora do Carmo
17 — Quinta-feira	Santo Aleixo
18 — Sexta-feira	São Camilo
19 — Sábado	São Jacinto
20 — Domingo	Santo Elias
21 — Segunda-feira	São Claudio
22 — Terça-feira	São Platão
23 — Quarta-feira	São Libório
24 — Quinta-feira	São Bernardo
25 — Sexta-feira	São Tiago Maior
26 — Sábado	*Sant'Ana*
27 — Domingo	São Mauro
28 — Segunda-feira	Santo Olavo
29 — Terça-feira	Santa Marta
30 — Quarta-feira	Santa Máxima
31 — Quinta-feira	Santo Inácio de Loiola

porém bem explorada, chegando a adquirir entre o povo categoria de verdadeira ciência.

O almanaque impresso mais antigo que se conhece é o que se conserva na biblioteca nacional de Munich e tem por título "Calendário da Cristandade contra os turcos".

Não tem data de publicação, embora date do segundo têrço do século XV. Como não se refere a nenhuma em particular, e só contém algumas notas e particularmente exortações contra os turcos, colocadas ao lado dos doze mêses do ano, torna-se impossível determinar a data exata de sua publicação

A obra mais famosa dêste gênero é sem dúvida alguma o calendário feito pelo astrônomo alemão Hans Muller, conhecido sob o nome de Regiomontano (1436-1476).

Esse sábio havia calculado umas efemérides e quando se descobriu a imprensa, instalou uma tipografia em sua casa de Nuremberg e imprimiu em 1473 o Calendário, que foi acolhido com universal aprovação.

Compunha-se êle de uma instrução geral sôbre o calendário e de 14 folhas para cada um dos anos especialmente com referencia às lunações e eclipses. Dessa obra se fizeram numerosas edições.

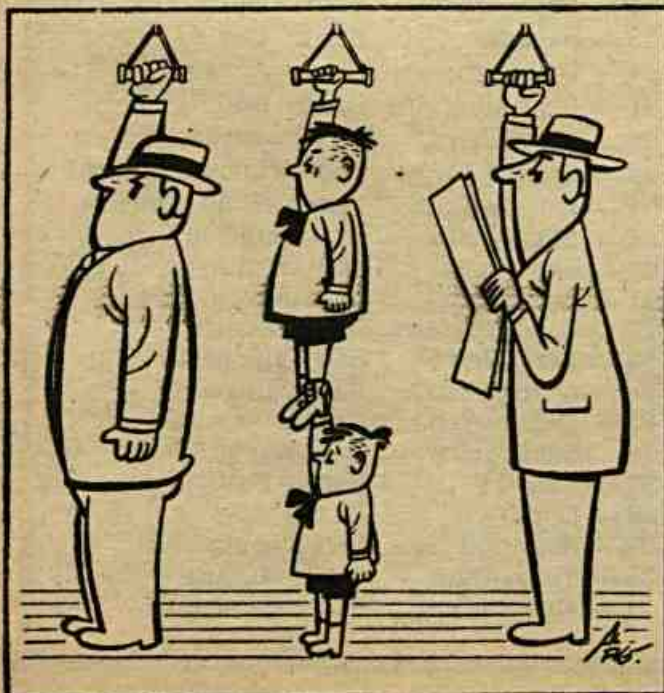
AGOSTO

31 DIAS

1 — Sexta-feira	São Leoncio
2 — Sábado	N. Senhora dos Anjos
3 — Domingo	São Cassiano
4 — Segunda-feira	Santo Aristarco
5 — Terça-feira	Santo Oswaldo
6 — Quarta-feira	São Justo
7 — Quinta-feira	Santo Alberto
8 — Sexta-feira	São Justino
9 — Sábado	São Rômulo
10 — Domingo	São Lourenço
11 — Segunda-feira	Santo Alexandre
12 — Terça-feira	Santo Herculano
13 — Quarta-feira	Santa Helena
14 — Quinta-feira	Santo Eusébio
15 — Sexta-feira	*Assun. de N. Senhora*
16 — Sábado	São Joaquim
17 — Domingo	Santo Augusto
18 — Segunda-feira	Santo Agapito
19 — Terça-feira	São Luiz
20 — Quarta-feira	São Dermeval
21 — Quinta-feira	Santo Anibal
22 — Sexta-feira	São Fabriciano
23 — Sábado	São Donato
24 — Domingo	São Bartolomeu
25 — Segunda-feira	Santo Eulálio
26 — Terça-feira	São Luiz Rei
27 — Quarta-feira	São Cesário
28 — Quinta-feira	Santo Agostinho
29 — Sexta-feira	Santa Cândida
30 — Sábado	Santa Rosa de Lima
31 — Domingo	São Raimundo

SETEMBRO

30 DIAS

1 —	Segunda-feira	São Constâncio
2 —	Terça-feira	São Brocardo
3 —	Quarta-feira	São Ladislau
4 —	Quinta-feira	São Marino
5 —	Sexta-feira	São Justiniano
6 —	Sábado	São Liberato
7 —	Domingo	*Independ. do Brasil*
8 —	Segunda-feira	*Nativ. de N. Senhora*
9 —	Terça-feira	São Graciano
10 —	Quarta-feira	Santa Pulquéria
11 —	Quinta-feira	Santo Emiliano
12 —	Sexta-feira	*Santo Nome de Maria*
13 —	Sábado	Santo Amado
14 —	Domingo	São Cornélio
15 —	Segunda-feira	*Dôres de N. Senhora*
16 —	Terça-feira	São Cipriano
17 —	Quarta-feira	Santa Colomba
18 —	Quinta-feira	São José Cupertino
19 —	Sexta-feira	*Aparição da Virgem*
20 —	Sábado	Santa Fausta
21 —	Domingo	São Mateus
22 —	Segunda-feira	São Florêncio
23 —	Terça-feira	Santa Técla
24 —	Quarta-feira	São Geraldo
25 —	Quinta-feira	São Pacífico
26 —	Sexta-feira	Santa Eugênia
27 —	Sábado	Santo Adolfo
28 —	Domingo	São Bernardino
29 —	Segunda-feira	São Marcial
30 —	Terça-feira	São Jerônimo

Em 1481 se imprimiu em Augsburgo um almanaque de 80 páginas com números gravados em madeira e que tinha como título "Calendário com notas astrológicas e regras para a saúde"

Nessa época se publicaram muitos almanaques redigidos em verso, como o italiano de Giuliano Dati, que começa no ano de 1493 e em que se descreve em rimas o curso dos anos seguintes e que contém um retrato do autor gravado em madeira.

Também é quase todo escrito em verso o almanaque meteorológico anônimo aparecido em Nuremberg até o ano de 1520 com o título de "Almanaque dos camponeses ou livro do tempo"

A mais notável das publicações dessa espécie é, sem dúvida, o Almanaque de Gotha, confeccio-

OUTUBRO

31 DIAS

1 —	Quarta-feira	São Gastão
2 —	Quinta-feira	*Snts. Anjos de Guarda*
3 —	Sexta-feira	São Cândido
4 —	Sábado	S. Francisco de Assis
5 —	Domingo	São Plácido
6 —	Segunda-feira	São Bruno
7 —	Terça-feira	*N. Senhora do Rosário*
8 —	Quarta-feira	São Demétrio
9 —	Quinta-feira	São Diniz
10 —	Sexta-feira	S. Francisco de Borja
11 —	Sábado	São Firmino
12 —	Domingo	*Desc. da América*
13 —	Segunda-feira	São Daniel
14 —	Terça-feira	São Calisto
15 —	Quarta-feira	Santa Teresa de Jesús
16 —	Quinta-feira	São Florentino
17 —	Sexta-feira	São André de Creta
18 —	Sábado	São Lucas
19 —	Domingo	S. Pedro de Alcantara
20 —	Segunda-feira	São Feliciano
21 —	Terça-feira	São Leonardo
22 —	Quarta-feira	São Hilarião
23 —	Quinta-feira	São Graciano
24 —	Sexta-feira	Santa Sabina
25 —	Sábado	SS. Crispim e Cipriano
26 —	Domingo	São Mariano
27 —	Segunda-feira	Santo Elesbão
28 —	Terça-feira	São Simão
29 —	Quarta-feira	São Narciso
30 —	Quinta-feira	Santo Angelo
31 —	Sexta-feira	Santa Lucilia

NOVEMBRO

30 DIAS

1 — Sábado	*Todos os Santos*
2 — Domingo	*Finados*
3 — Segunda-feira	São Malaquias
4 — Terça-feira	São Mauricio
5 — Quarta-feira	São Mateus
6 — Quinta-feira	Santo Amarando
7 — Sexta-feira	São Deodato
8 — Sábado	São Rogério
9 — Domingo	Santo Alcides
10 — Segunda-feira	São Martinho
11 — Terça-feira	São Carlos Borromeu
12 — Quarta-fera	São Diogo
13 — Quinta-feira	Santo Arcádio
14 — Sexta-feira	Santo Ursino
15 — Sábado	*Proclamação Rep.*
16 — Domingo	Santo Edmundo
17 — Segunda-feira	São Gregório Taum
18 — Terça-feira	São Máximo
19 — Quarta-feira	*Dia da Bandeira*
20 — Quinta-feira	Santa Francisca
21 — Sexta-feira	São Rufo
22 — Sábado	São Filomeno
23 — Domingo	São Clemente
24 — Segunda-feira	São João da Cruz
25 — Terça-feira	Santa Catarina
26 — Quarta-feira	Santa Genoveva
27 — Quinta-feira	Santa Margarida
28 — Sexta-feira	São Tiago
29 — Sábado	Santa Ida
30 — Domingo	São Justino

nado em 1763 pelo barão de Klupfel e que desde essa remota data tem aparecido todos os anos até 1939, data em que foi interrompida sua publicação depois de uma existência gloriosa de 176 anos.

A edição dêsse famoso almanaque era em seus primeiros tempos um pequeno volume de 140 páginas e nêle se encontram informações relativas a eclipses, datas religiosas e as estações do ano; cada mês aparece ilustrado com alguma cena campestre.

Depois das notas referentes às famílias reinantes da Europa, há uma seção dedicada a "coisas curiosas", algumas de uma ingenuidade de abismar.

Na edição correspondente ao ano de 1863 — que assinalou o século de sua existência — já não aparecem as "coisas curiosas"

Já consagrado às genealogias imperiais, reais, principescas, ducais, etc., o almanaque se tinha convertido em anuário diplomatico e estatístico por excelência.

Sua última edição tinha mil e quatrocentas páginas.

PENSOU QUE ERA UMA COBRA...

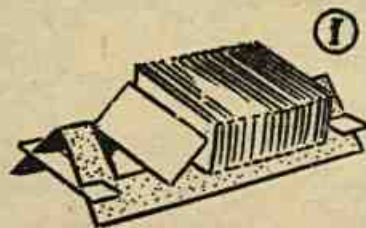
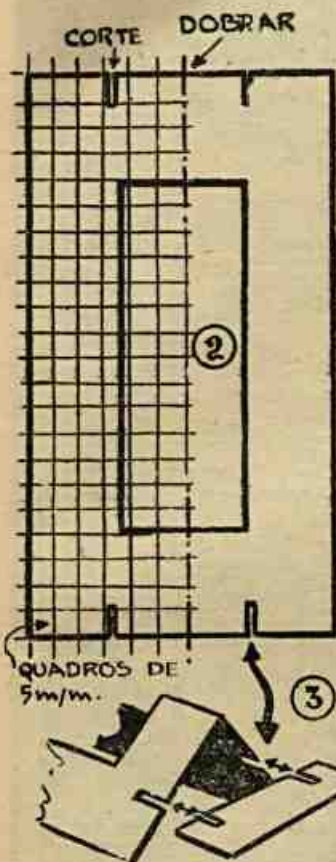
DEZEMBRO

31 DIAS

1 — Segunda-feira	São Cassiano
2 — Terça-feira	São Lourenço
3 — Quarta-feira	São Francisco Xavier
4 — Quinta-feira	Santa Bárbara
5 — Sexta-feira	São Radamés
6 — Sábado	São Nicolau de Bari
7 — Domingo	Santo Ambrosio
8 — Segunda-feira	*Conc. de N. Senhora*
9 — Terça-feira	São Leandro
10 — Quarta-feira	N. Senhora do Lorêto
11 — Quinta-feira	São Damazio
12 — Sexta-feira	São Donato
13 — Sábado	Santa Luzia
14 — Domingo	Santo Agnelo
15 — Segunda-feira	Santo Adolfo
16 — Terça-feira	São Valentim
17 — Quarta-feira	São Francisc. de Sena
18 — Quinta-feira	Nossa S. do Amparo
19 — Sexta-feira	São Nemézio
20 — Sábado	São Domingos
21 — Domingo	São Severino
22 — Segunda-feira	São Demério
23 — Terça-feira	São Dagoberto
24 — Quarta-feira	São Delfino
25 — Quinta-feira	*Natal*
26 — Sexta-feira	São Marino
27 — Sábado	Santa Fabíola
28 — Domingo	Santo Abel
29 — Segunda-feira	São Tomaz
30 — Terça-feira	Santo Hilário
31 — Quarta-feira	São Silvestre

FAÇA UM FICIÁRIO

CORTE DOBRAR

QUADROS DE 5m/m.

COM pedaços de papelão grosso, você pode fazer um fichário.

Corta um retângulo grande, do qual retira o centro e no qual faz duas fendas em cada extremo.

Outros dois retângulos menores levarão também duas fendas nas partes mais largas. Depois, unem-se umas às outras, dobrando o retângulo maior e ajustando às fendas de cada extremidade (cabeceira) um dos retângulos pequenos.

Olhando as figs 1, 2 e 3, entende-se logo. A parte que vai reticulada é para o caso de você querer fazer uma ampliação.

●

Se, em proporção à sua estatura, o homem tivesse a fôrça de uma pulga, poderia levantar, sem dificuldade, o pêso equivalente à carga de sete pianos, e num só impulso pularia a distância de 28 quilômetros.

●

Foi Robert Fortune, que viajava pela China, no princípio do século XIX, quem levou para a Índia as sementes que foram a origem das hoje extensas plantações de chá.

PARA TUDO HÁ REMÉDIO...

SABIA ISTO?

OS cafres ocupam, sob diversos nomes, quase tôda a parte sul da África, e falam, com pequenas diferenças, o mesmo idioma, que é o bantú. Constituem um dos tipos superiores da raça negra e têm mistura de sangue árabe.

● Na antiga Grécia houve uma lei curiosa que favorecia os cidadãos amantes do teatro mas que não podiam comprar entradas. Antes de cada representação, todos os cidadãos de Atenas recebiam do Estado quantia equivalente a Cr$ 1,20 de nossa moeda.

● A palavra charque — ou xarque como querem alguns escrever — com que se denomina a "carne-sêca", é de origem **quichúa**. Os quichúas eram índios do sul do continente americano, na região que é hoje a Argentina. A palavra indígena é "chaquisca", que significa **sêco**. Daí se derivou **charque**, ou **charqui**. Depois, até os ingleses criaram a palavra "jerked", que quer dizer "boi sêco".

FOI BEM ATENDIDO

— Uma salada, mas bem depressa...

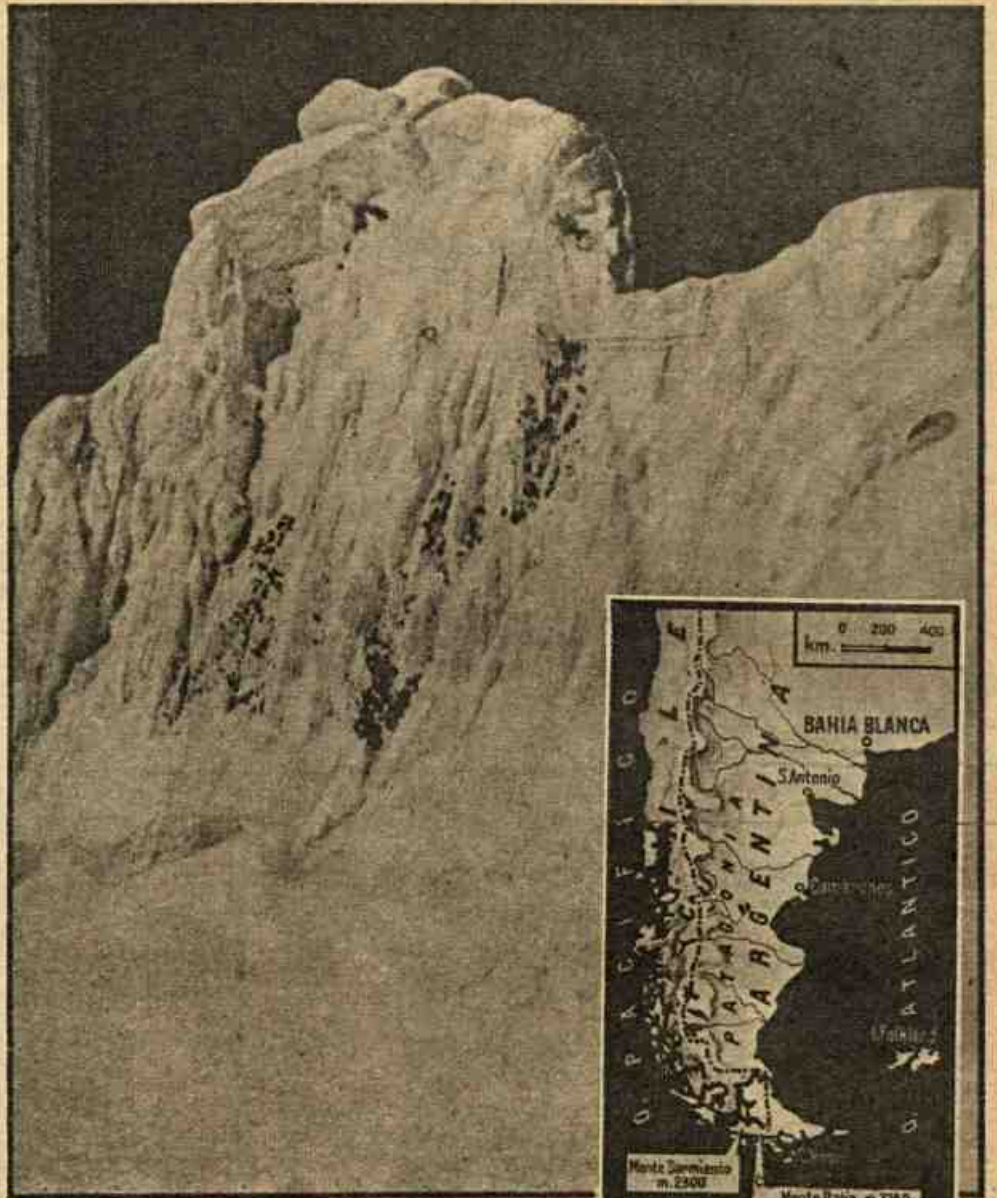
PARA ÊLE NÃO ENTRISTECER

ÊLES SÃO UM DESAFIO

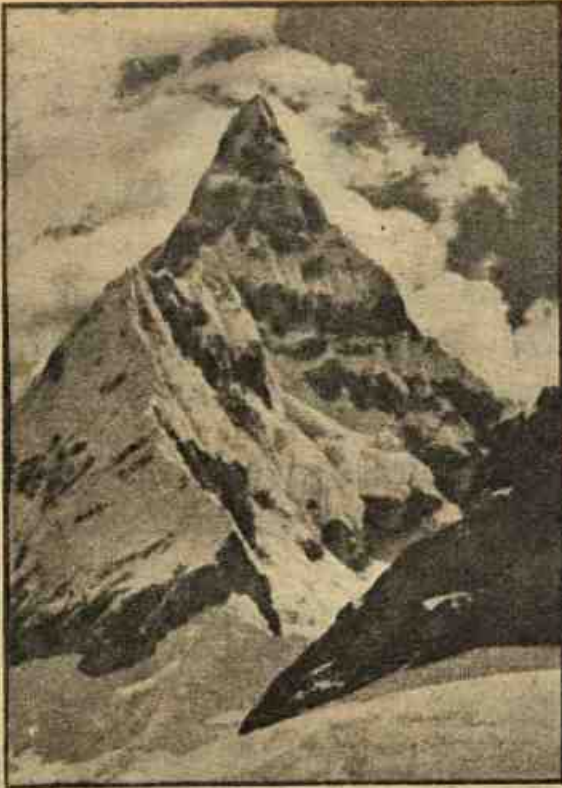
NAS duas páginas que oferecemos aqui, aparecem algumas bonitas foto grafias de montanhas, que dão gôsto olhar.

Mas êsses picos são curiosos porque constituem um desafio permanente aos corajosos alpinistas que os vivem namorando de longe e atraídos por sua beleza e seu... perigo.

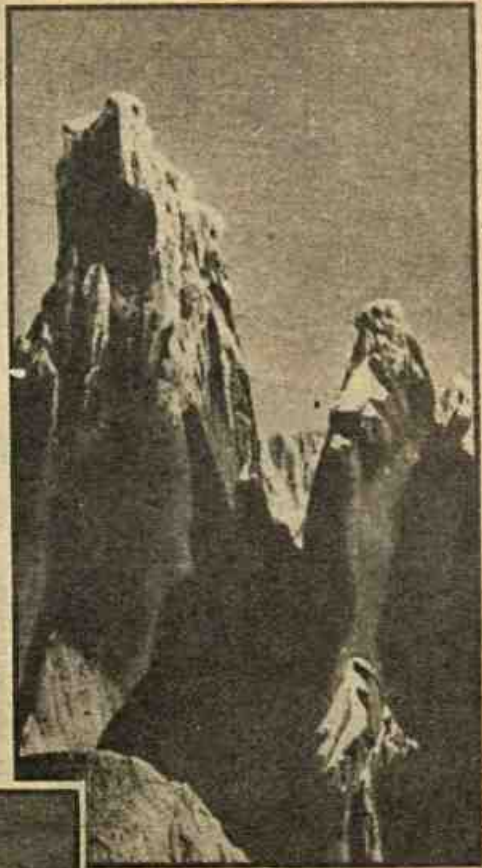
Todos êles ficam na América do Sul, na zona montanhosa que tantos aspectos deslumbrantes oferece aos olhos dos que por ela passam, no bôjo dos aviões.

*

Não parece um leão?

Monte Sarmiento, de 2.300 metros. Fica na Patagônia, Argentina, onde também se encontram os montes Italia e Bove. Não são montes consideràvelmente altos, mas de grande importância alpinística, pela dificuldade que oferecem aos que os tentam escalar.

À esquerda o Taulliraju, que mede 5.830 metros, na Cordilheira Branca (Perú), que está permanentemente coberto de neve, apesar de situado na região tropical.

À esquerda vemos o pico Chacraraju, que mede 6.100 metros. Fica também na Cordilheira Branca, desafiando a perícia e o arrôjo dos alpinistas.

E' de dificílima escalada e tem sido uma tentação para os amantes dêsse perigoso esporte.

À direita o Cerro Torre, de 3.050 metros, no vale do Fitz Roy, onde é quase permanente o mau tempo, inimigo temível dos que se dedicam ao alpinismo e suas peripécias.

Aqui estão (à esquerda) o Fitz Roy (3.375 metros) a 49 gráus de latitude sul, na Patagônia, uma "tentação" para os afeiçoados ao alpinismo e o Alpamayo (6.000 metros) ainda na Cordilheira Branca, vasta cadeia ao norte de Lima.

Êste foi "vencido" em 13 de agôsto (!!) de 1951, dia que talvez tivesse sido sexta-feira...

Agora vemos o Piramid Peak, de 5.885 metros. E' uma das mais majestosas montanhas da América do Sul.

Sempre coberta de neve, não facilita a ascenção dos destemidos que lhe tentam alcançar o pico.

Seu nome é caracteristico: "Piramid Peack" quer dizer "Pico Pirâmide".

A SEMENTE

BRINCAVAM uma tarde à porta de sua casa Darcí e Cláudio, dois irmãos, quando viram se aproximar um pobre que lhes falou assim:

— Meus filhos, vocês podem arranjar alguma coisa para comer? Já bati em muitas portas e só recebi negativas. Sejam bons para o velhinho, dêem-me ao menos um pedacinho de pão. Deus recompensará o seu coração, estou certo disso . . .

Os meninos, que eram caridosos, foram em casa e voltaram trazendo um prato cheio de comida Fizeram o ancião sentar-se a um banco e o atenderam muito carinhosamente. Não satisfeitos com a oferta que tinham feito, ainda meteram em um saco um pão, carne assada, frutas, biscoitos e outras provisões que davam para uma semana.

O mendigo agradeceu com palavras comovidas a bondade dos meninos e, metendo a mão no bolso do remendado paletó, tirou dêle duas sementes que entregou a Darcí e Cláudio, dizendo:

— Tomem, meus filhos: isto é a única coisa que possúo e lhes dou como recompensa pelo bem que me fizeram.

— Oh! — exclamaram os irmãos. — Nada tem que nos agradecer, e se quer esperar até papai chegar, êle arrajará trabalho para o senhor.

— Obrigado, obrigado. — respondeu o ancião.. — Devo partir sem demora, pois tenho uma missão a cumprir e estão à minha espera.

E despedindo-se dos meninos, pôs-se a andar, levando o saco com as provisões, às costas. Darcí olhou as sementes exquesitas que estavam em sua mão e disse, sorrindo:

— Pobre homem! Com certeza apanhou estas sementes no caminho e quem sabe de que planta será!

— Seja lá de que planta fôr — retrucou Cláudio — eu as semearei e cuidarei delas quando aparecerem os primeiros brotos.

— E vais perder tempo com isso? — indagou o irmão, rindo. — Que tolo és:

E fazendo saltar uma das sementes da palma da mão, atirou-a longe, gritando: — Boa viagem!

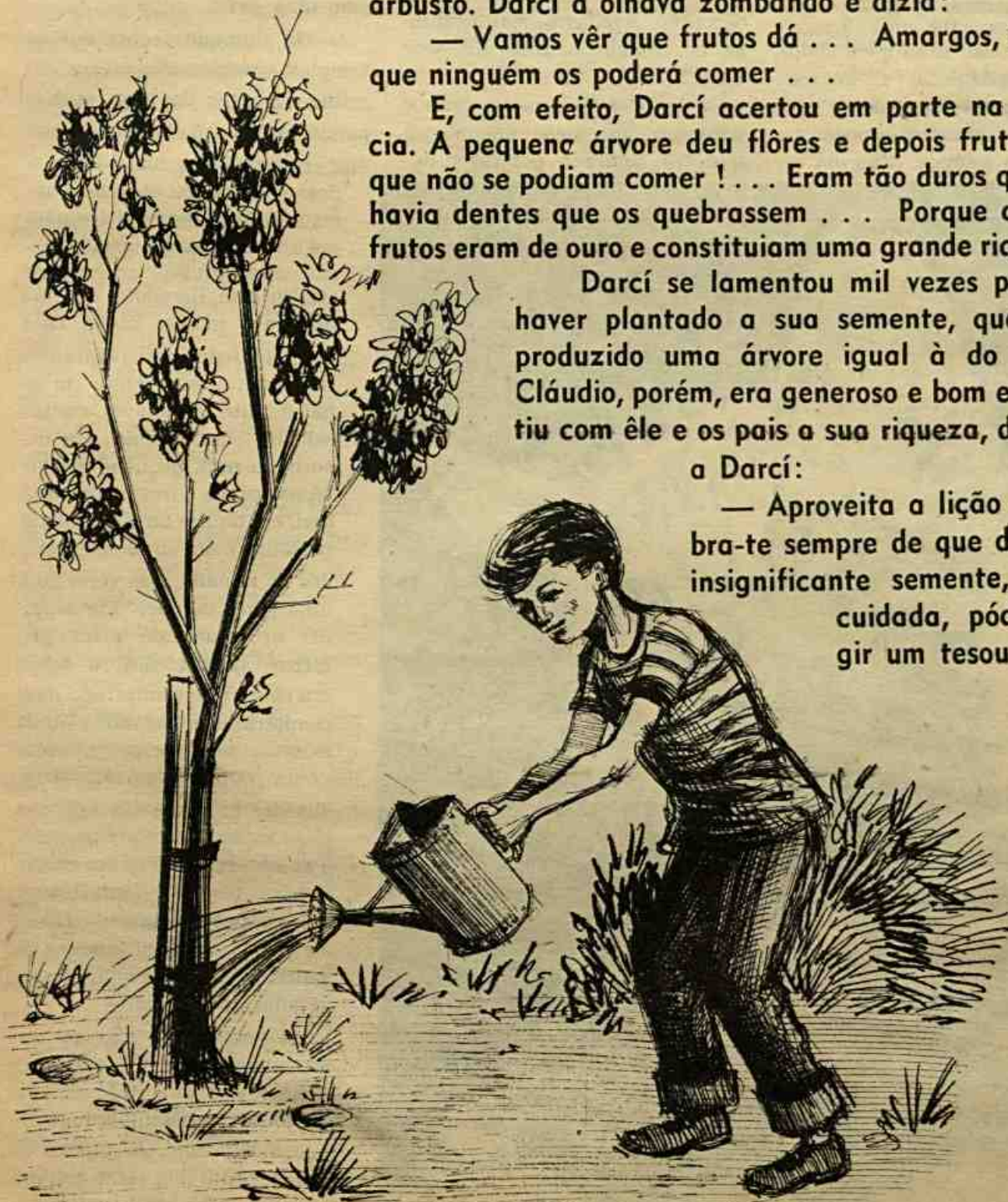
Cláudio não disse nada, embora se sentisse um pouco penalizado ao vêr que o irmão atirava fóra a semente. Guardou a sua cuidadosamente e no outro dia, muito cedinho, plantou-a em um canto do jardim, onde dava sol e ficava ao abrigo dos ventos fortes. E teve a alegria de ver surgirem, poucos dias depois, as primeiras folhinhas verdes, que pareciam de sêda.

E a plantinha continuou crescendo e se tornou um arbusto. Darcí a olhava zombando e dizia:

— Vamos vêr que frutos dá . . . Amargos, ácidos, que ninguém os poderá comer . . .

E, com efeito, Darcí acertou em parte na profecia. A pequena árvore deu flôres e depois frutos . . . que não se podiam comer! . . . Eram tão duros que não havia dentes que os quebrassem . . . Porque aqueles frutos eram de ouro e constituiam uma grande riqueza . . .

Darcí se lamentou mil vezes por não haver plantado a sua semente, que teria produzido uma árvore igual à do irmão. Cláudio, porém, era generoso e bom e repartiu com êle e os pais a sua riqueza, dizendo a Darcí:

— Aproveita a lição e lembra-te sempre de que da mais insignificante semente, bem cuidada, póde surgir um tesouro!

O GATO
AQUI E ACOLÁ

OS gatos são silenciosos, e por isto mesmo incompreendidos. Mas apenas para pedir as coisas necessárias. Bem diversos são os cachorros e os pássaros, cujas travessuras e cantos enternecem os espíritos supérfluos.

Os gatos são incompreendidos, porque desdenham explicar-se; enigmáticos êles são apenas para aqueles que ignoram o poder expressivo da mímica. Não há ser vivente cujo semblante seja mais eloqüente do que um gato: a curiosidade, o espanto, a apreensão, o terror, a alegria, a ferocidade, a gula, a voluptuosidade, a decepção, a cólera, manifestam-se em longos clarões em seus olhos.

Os egípcios tinham em grande veneração um deus da música que era figurado por corpo humano encimado por cabeça de gato. Em Memphis, a beleza de uma mulher era tanto mais qualificada quanto mais se parecesse com uma gata.

O Dr. Jumaud, conta que os templos egípcios abrigavam famílias de gatos de uma espécie particular em cada templo em que êles eram tratados como divindades. Cunhavam até medalhas com a efigie dêsses ídolos para colocar no pescoço das crianças "consagradas" ao gato. De acôrdo com Herodoto, quando um gato morria numa casa egípcia, todos os habitantes raspavam os supercilios em sinal de luto; o cadaver, embalsamado com aromas, era depositado num pequeno ataúde reproduzindo a imagem do animal, em bronze ou em madeira pintada, com olhos encrustados de esmalte e as vezes com uma placa de ouro. Em seguida, acompanhado pelos primeiros magistrados, o corpo era conduzido e enterrado num cemitério especial onde ainda existem seus despojos, sêcos como velhas cigarras, semelhantes às dos gatos sagrados das civilizações pré-incaicas. Por isto, em 1890 foram encontradas, perto de Bem-Hassan, num hipogeu chamado Gruta de Diana, 180.000 múmias de gatos, muitas das quais foram levadas para Londres.

Se acontecesse alguém matar um gato, mesmo acidentalmente, o povo egípcio atirava-se sôbre o assassino e matava-o com suplícios. Os egípcios temiam tanto lhes fazer mal que quando o rei da Pérsia, Cambises, quis apoderar-se da cida-

de de Pelusia, fez que marchasse diante de suas tropas um "pelotão de gatos" e que cada um de seus oficiais e soldados usasse um como escudo. Com receio de atingirem seus animais favoritos, os egípcios renderam-se sem combater.

Atribuiam ao gato o dom de caçar serpentes. Perfumavam-no e colocavam-no sôbre um leito de gala e nos festins êle ocupava o lugar de honra. Entre os gregos, Homero refere-se a êles com as maiores deferências. E Corinto possuia uma estátua de gato acocorado, em bronze, do tamanho da do nobre leão de Belfort. Os bárbaros germânicos adotaram os felinos como simbolo da liberdade. Para a Idade Média o gato era a forma visível de demônio e o gato preto a montaria favorita das feiticeiras.

Os egipcios consideravam o gato animal sagrado. Muitas estátuas o representavam.

Os ingleses, tão amigos de todos os animais, têm pelo gato uma admiração sincera que se firmou com a criação (sôb a égide do ancestral *National Cat Club*, fundado em 1887) de quatorze "clubes de gatos". Em Londres, o restaurante para animais, situado no bairro de Westminster, reserva mesas para os gatos pensionistas, reconhecíveis pelas medalhas que usam no pescoço.

Porém os verdadeiros santuários dos gatos são encontrados em Paris: são as acomodações das porteiras. Na sua penumbra reina invariavelmente um gato, geralmente enorme e sempre imóvel. Em francês, a palavra "chat" é a imagem adequada ao animal. Macio, felpudo, rechonchudo.

É grande a lista dos ilustres entusiastas dêste animal, entre êles Richelieu, com a sua "gataria", instalada ao lado do quarto de dormir; Baudelaire, que os cantou em versos imortais; Clemenceau, que tinha como mascote uma gatinha persa chamada *Prudência* (a única prudência que êle jamais teve na vida), e Lenine, que reinava no Kremlin, com um gato sôbre os joelhos.

Godolphin, o cérebre cavalo ancestral e criador do puro sangue inglês, tornou-se amigo de um gato preto; e quando êle morreu, em 1753, o gato velou o cadaver do amigo até a chegada do esquartejador, e depois fugiu e foi morrer numa granja próxima. Kroumir, o gato de Rochefort, deixou-se morrer de fome após o falecimento do dono. O gato de Modigliani suicidou-se logo após a morte dêste pintor. A gata de Madame Michelet, pressentido o próprio fim, desapareceu três noites seguidas carregando de cada vez um dos seus gatinhos, na terceira vez voltou agonizante e descobriram que ela fôra confiar os filhos a uma gata vizinha, para que os amamentasse. Os gatos possuem a sensibilidade mais delicada, a mais gradativa, a mais impetuosa. Êles possuem, dizia Mme. Michelet, o cérebro nas patas, (nove pessoas em dez são incapazes de pegar um gato sem o fazer fremir e debater-se). Possuem pendores os mais variáveis. É notòriamente sabido que os gatos brancos são preguiçosos, os pretos, passeadores, os cinzentos bons caçadores, os ruivos, muito namoradores. "Os gatos são afeiçoados apenas aparentemente", disse Buffon, que, no entanto, costumava conhecer os animais; o contrário é que devia ser dito; sob uma aparência de indiferença, o gato é capaz de profunda afeição.

O BURRO E O BOI

ERA uma vez um burro e um boi que não se gostavam. Quando se encontravam no mesmo pasto, injuriavam-se mùtuamente, e às vêzes agrediam-se a dentadas, chifradas e patadas. Sua disputa datava de longa data e ninguém, nem êles próprios, se lembrava mais do motivo.

O burro e o boi detestavam-se tanto que todas as tentativas, por parte de outros animais, a fim de reconciliá-los, eram vãs. Ao verem-se, o sangue dêles fervia e aos ornejos insultantes do burro, o boi respondia com um silêncio de desprêzo.

Ora, vendo que isto perdurava há muitos anos e que êle jamais conseguiria entender-se com o boi, o burro decidiu partir para bem longe, para não tornar a ver seu inimigo. Partiu para o fim do mundo — ou pelo menos, o mais longe que pôde — e ofereceu seus serviços a um vinhateiro. Porém o vinhateiro, sempre embriagado com o seu próprio vinho, não era bom patrão; esquecia-se às vezes de dar-lhe a ração, e o pobre burro tinha de passar dias sem alimento.

Então o burro o deixou e foi servir a um moleiro.

O moleiro era cruel e brutal, e descarregava pauladas nas costas do pobre animal o dia inteiro.

Cansado, um belo dia fugiu do moinho, em busca de aventuras. E viu uma bela senhora com um lindo manto azul e um homem com um casacão, ambos extenuados caminhando com grande dificuldade pela estrada.

— Estamos bem cansados, disse o homem.

A senhora respondeu-lhe:

— Estamos, sim, meu amigo; mas teremos que continuar a caminhar...

Notando o quanto estavam exaustos, o burro decidiu-se a auxiliá-los. Ofereceu-se para transportá-los até ao término de sua viagem e a senhora aceitou o oferecimento com um sorriso que foi direto ao coração de Aliboron — será que já disse que o burro se chamava Aliboron ?

E com o homem caminhando na frente, puxando pelo cabresto o burro, todo feliz e orgulhoso por transportar tão linda senhora, prosseguiram ao longo das estradas sob o vento glacial do inverno.

Caminharam assim por muito tempo, descansando à noite nas casas que encontravam... Até que, uma noite, chegaram a uma aldeia que o burro reconheceu... Era a sua ! Era a aldeia que êle havia abandonado, irado contra o boi !...

Andaram de porta em porta pedindo hospita-

lidade, porém ninguém lhes quís oferecer um leito, pois as pessoas daquela aldeia não eram caridosas. E foi o burro, depois de seus senhores terem sido repelidos de toda parte, que os conduziu a uma gruta que êle conhecia.

Caíu a noite e com ela acentuou-se o frio cortante de dezembro. Dentro da gruta, onde um pastor previdente havia amontoado forragem, fazia menos frio do que na estrada. Mas, naturalmente, o calor não era suficiente...

Principalmente quando o Menino chegou. Um menininho pequenino, nùzinho e rosado, cujo nome era Jesús, e que caíu do céu naquela pobre gruta escura e úmida. A Senhora colocou-o, para dormir, na manjedoura cheia de palhas, pois lá pelo menos fazia menos frio... E o burro pensou que era preciso fazer alguma coisa para aquecer o Menino vindo de tão longe para a Terra.

Poderia cobrí-lo com o corpo... Mas por certo o sufocaria com seu pêso. Aliás, a pele de um burro seria um manto conveniente para Aquele que deveria ser o Rei da Terra?

Então o burro saíu, pela noite, à procura de auxílio. Procurou pelas veredas da aldeia uma luz que lhe indicasse que alguem ainda estava velando... Porém todos dormiam. E o burro caminhou em vão... Até que ouviu um mugido sonoro.

Era seu inimimigo, o boi, enraivecido, que lhe gritou: — Que vieste fazer aqui? Pensávamos que tivesses desaparecido para sempre, suja cavalgadura!

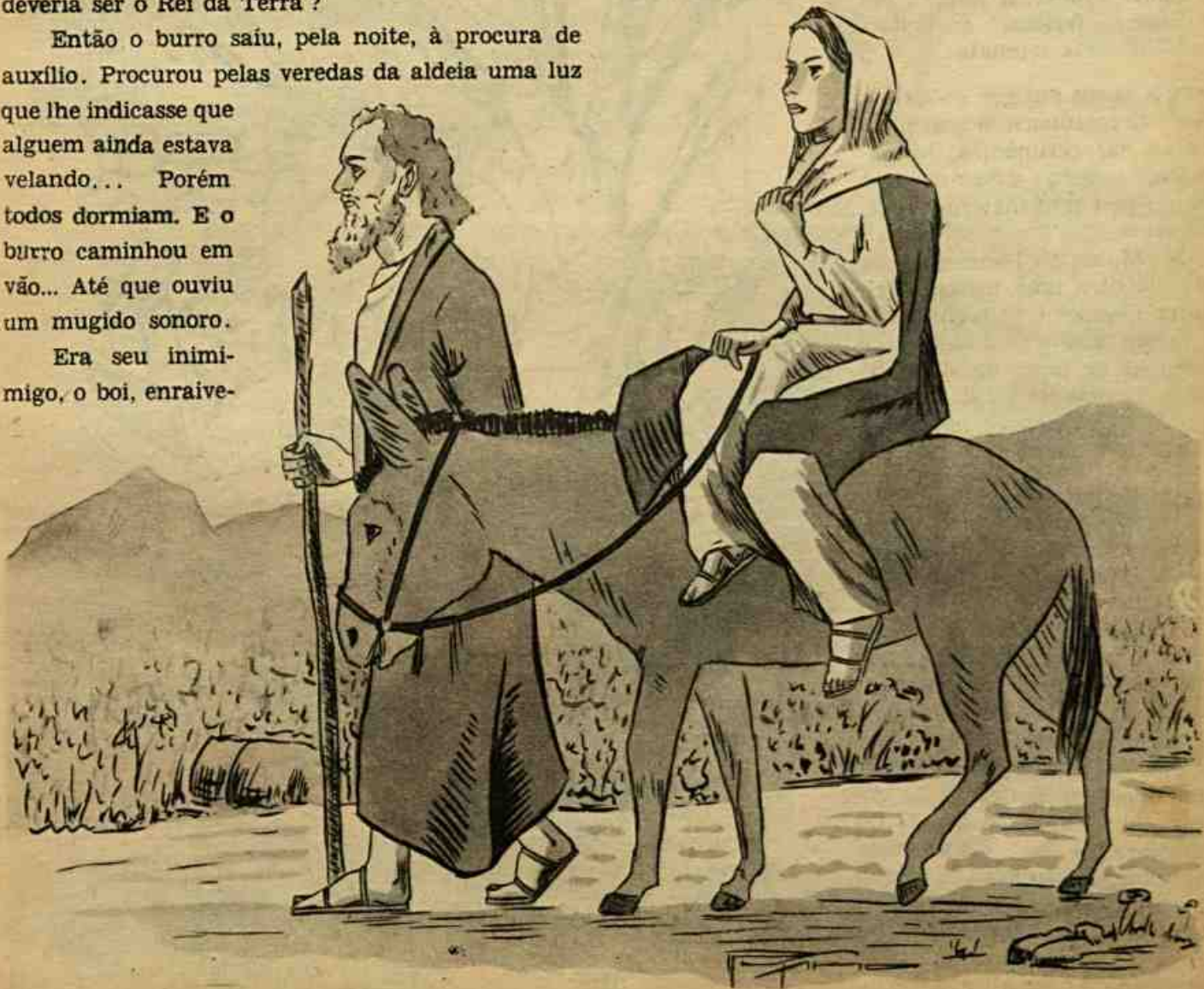
O burro deixou-se insultar sem replicar. Aproximou-se do boi e disse:

— Ouça-me, boi... Vim lhe pedir um favor...

— Um favor?! Tens a audácia de me pedir um favor? Retira-te, desprezível e miserável criatura, antes que eu te dê uma chifrada!...

Então o burro explicou. Defendeu a causa do Menino que lá estava, na gruta, sentindo frio, impotente e sensível, e defendeu Aquele que era mais do que um rei com tanto calor, que o boi consentiu em esquecer por uma noite seu rancor e seu ódio.

E o boi acompanhou o burro até a manjedoura onde repousava o Menino. E juntos, o burro e o boi, aqueceram com seu hálito o recém-nascido de fisionomia tão pura. E êste foi o primeiro milagre de Jesús: reconciliar o burro e o boi que se detestavam...

Pelo menos é o que conta a história.

EIS ALGUMAS COISAS SÔBRE O CARNAVAL

DURANTE a Idade Média as festas de Carnaval consistiam principalmente em bailes ao ar livre e serenatas feitas pelas pessôas mais importantes da cidade.

Nem sempre se saíam bem dessas serenatas, pois se de algumas casas recebiam dinheiro, de outras recebiam lixo, água suja e até estôpa em chamas. Em represália atiravam pedras nas casas onde eram tão mal recebidos, sendo por sua vez revidados, estabelecendo-se assim violentos combates.

Como acontecia sempre resultarem feridos, a polícia proíbiu essas serenatas.

OS povos antigos do Oriente costumavam usar máscaras nas cerimônias. Na fabricação dêssas máscaras êles empregavam os materiais mais diversos.

No Museu de Londres ainda se encontra uma máscara feita de mosaico e malaquita. Os egípcios faziam as máscaras de lâminas de ouro, de vidro, de uma espécie de cera, cujo segredo de fabricação possuiam, e até de madeira.

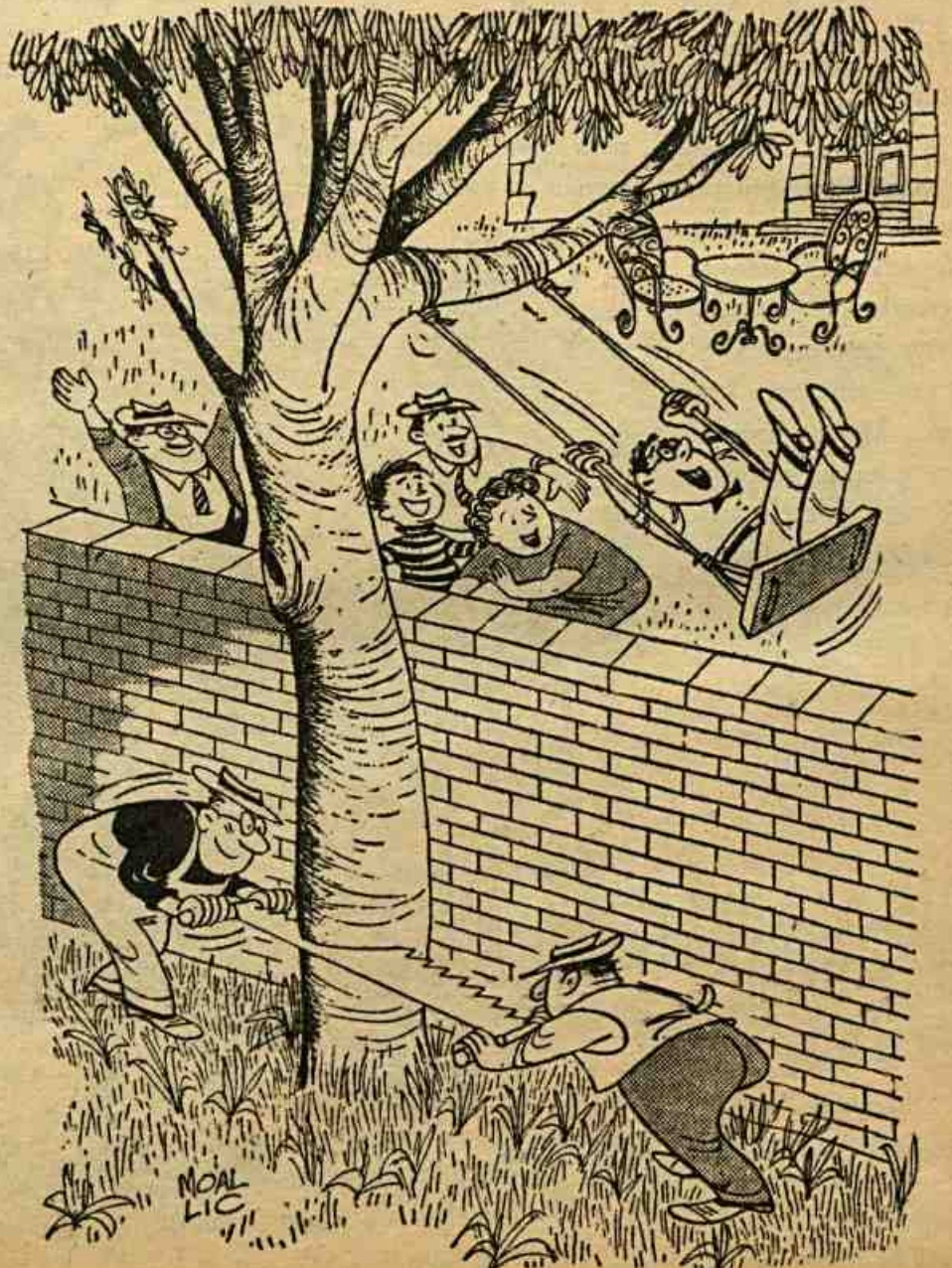
EM Veneza, o Doge — o supremo magistrado — dava, durante as festas do Carnaval, grandes bailes no Palácio do Govêrno. A "Ridotta", assim se chamava a festa, reunia tôda a nobreza veneziana. Damas e cavalheiros ostentavam luxuosas fantasias e exibiam caríssimas joias.

Nos jardins muito bem iluminados por lanternas de côres, também se dançava. Os mascarados se disfarçavam com meias-máscaras de veludo preto, que tiveram sua origem na cidade de Veneza, e assim irreconhecíveis podiam fazer brincadeiras espirituosas e interessantes sem correr o risco de serem descobertos. Durante o baile os criados percorriam os salões e jardins com bandejas cheias de guloseimas de tôda espécie.

Porém... algumas dêssas gulodices eram recheadas com substâncias amargas, picantes ou então bem azedas e aqueles que as recebiam faziam caretas que muito divertiam os outros convivas.

Mas havia alguns que engoliam depressa o doce sem dar a perceber aos outros o lôgro em que haviam caído, enquanto seus companheiros esperavam atentamente o menor sinal de repugnância para estourarem em gostosas gargalhadas.

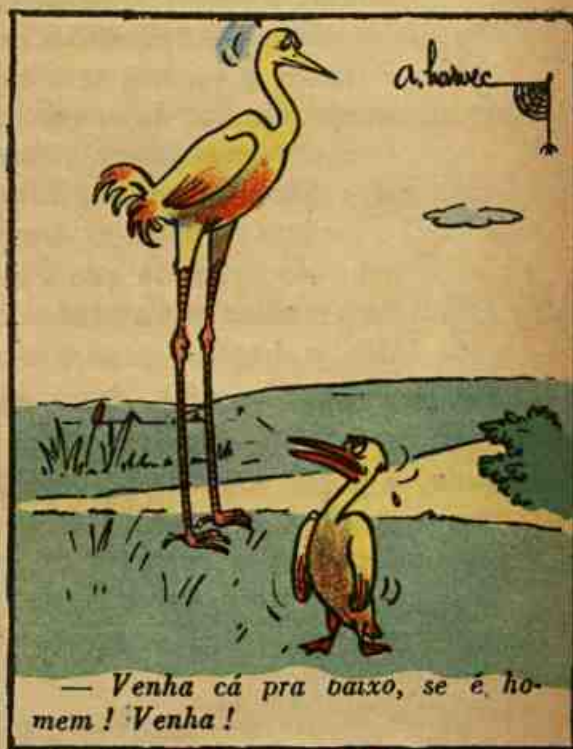
ÀS VEZES A ALEGRIA DURA POUCO...

HUMORISMO

— Precisas gritar assim? Nunca viste pregar um prego?!

UM tipo muito preguiçoso conseguiu, com um político, emprego no Cemitério Municipal. Dias depois de empossado, apareceu novamente no gabinete do seu protetor.

— O doutor desculpe... mas aquele emprêgo não me agrada... Não fico, não...

— E por que? Ora essa! Explique-se!

— O doutor acha que é bom andar o dia todo lendo nas sepulturas: "Aqui repousa..." "Aqui repousa..." e a gente tendo que dar duro no trabalho?!

O sujeito entrou no bar, olhou em tôrno, até encontrar a mesa onde estavam os amigos, conversando. E para lá se dirigiu.

— Salve, meninos! — exclamou. Depois sentou-se e disse, com voz triste:

— Acabo de perder cem mil cruzeiros, por causa de uma palavra!

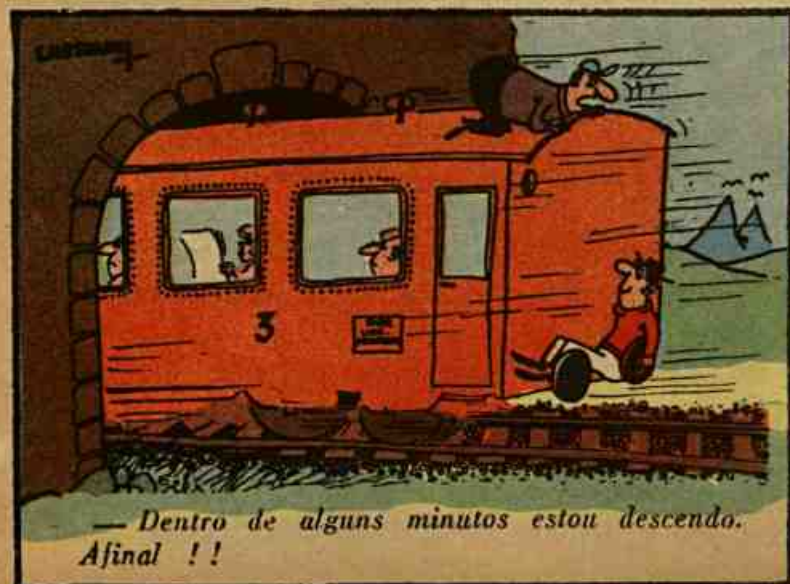
— Não digas! Como assim? — perguntaram os outros.

— Bem... Eu subi ao escritório do Matarazzo e lhe disse, no peito:

— Sêo Matarazzo, eu preciso de cem mil cruzeiros. Passe-os para cá, está bem? Aí, êle disse: — "Não". Se tivesse dito "Sim", eu agora os tinha no bolso...

— Venha cá pra baixo, se é homem! Venha!

— Dentro de alguns minutos estou descendo. Afinal!!

— Acho que vão nos dar sopa...
— E eu estou com uma fome!!

A ARANHA

INSETO repelente e nocivo, a aranha é, no entanto, apreciapelas habilidades que demonstra, tornando-a superior a muitos animais mais adiantados na escala zoológica.

Sem ter apurado o órgão da visão, embora possúa olhos vivíssimos e verdes; sem ter distinto o órgão auditivo, a aranha apresenta tal desenvolvimento em sua sensibilidade táctil, que isso a torna exemplo, entre os demais insetos.

São as aranhas afins com os escorpiões, pois pertencem à mesma família: os aracnídios.

Há aranhas que fazem sua habitação muito mais perfeita e melhor que a gruta que protegeu das féras e das intempéries o homem primitivo.

À entrada das casas dêsses pequenos insetos é a mais perfeita de quantos portais tenham sido fabricados por mãos humanos. Imagine-se que, sob o entrada, a porta, estende-se uma galeria limpa, forrada de seda e fechada contra a possível intromissão de inimigos, por uma porta modelada que gira sôbre uma charneira também de seda, e que se fecha com o mesmo material.

O interessante é que algumas dessas aranhas não se conformam com o ter apenas uma porta: fazem uma segunda, abaixo da primeira, como para melhor se protegerem.

Tôdas as aranhas possuem meios de defesa e êsse meio é o ferrão.

De tôdas, porém, a mais temida, é a "tarântula", cuja ferroada é dolorosíssima e a que atribuiam reações orgânicas fatais.

Na Idade Média grassou, certa vez, uma moléstia nervosa, de estremecimentos musculares e, não se precisando, ao certo, a sua causa, foi atribuída à picada da tarântula: veio dessa aranha o nome que deram à enfermidade: tarântismo !

Entanto, a moléstia nada tem a ver com a afamada aranha.

O interessante é que se acreditou que que êsse mal era curável pela música. Então, imaginaram compassos determinados e danças adequadas a que deram o nome de "Tarantela", ainda tão apreciada nos dias de hoje.

O que ficou provado é que a picada da tarântula, embora muito dolorosa, produz irritação local, mas não moléstia de resultados fatais.

Em tôrno das aranhas as lendas surgiram, quais as mais interessantes e belas. A mais notável é justamente aquela que deu o nome ao inseto: a lenda de Aracné.

Era Aracné uma jovem grega, filha de um tintureiro de Colofon, na Grécia. Ti-

nha ela grande habilidade em fazer tapeçarias, e seu trabalho era tão perfeito e original que, de longe, vinham viajantes só para apreciá-los.

Acontece, porém, que Minerva, a deusa da sabedooria, em suas horas de lazer, também se entregava à arte da tessitura. E se vangloriava por isso.

Aracné sabia-o e, em lugar de recear o concurso da deusa, resolveu desafiá-la.

Orgulhosa, Minerva aceitou o desafio e ambas se puseram a trabalhar com afinco.

Quando chegou o dia do confronto, tôda a assistência só teve olhos para Os amores dos deuses, o maravilhoso trabalho de Aracné.

Ferida no seu orgulho, Minerva, tomou a linda tapeçaria de Aracné, fê-la em pedaços e, num crescendo de ódio, avançou para sua rival, ferindo-a com a sua lançadeira.

Desesperada, Aracné fugiu e, tomando os fios com que trabalhara, enrolou-os em volta do pescoço e . . . enforcou-se !

Juno, a grande deusa, vendo o corpo de Aracné, tocou-o, e transformou a bela jovem numa aranha.

E Aracné, agora pequeno inseto, coontinua o seu trabalho de tessitura, unindo fios, juntando-os, tecendo, construindo essas admiráveis teias em que a lua põe reflexos de prata.

A uma aranha deveu Renato de Bruce, da Escócia, a sua vida. Contam que, fugindo da perseguição de Eduardo I, seguido pelos soldados inimigos, o rei da Escócia ocultou-se numa gruta, em meio do caminho. Pouco depois, passaram os que o deviam prender e Renato ouviu um dêles dizer: — "Entremos nesta gruta. Certamente êle nela se ocultou . . ." "Nesta gruta ? — indagou o outro. Como quer que ele esteja aqui se há na entrada uma teia de aranha tão espêssa e fechada ? Se êle tivesse aqui penetrado, teria rebentado a teia . . ."

E os soldados partiram, sem entrar.

O PRÍNCIPE ORGULHOSO

O rei Ramon e a rainha Fausta tinham pedido às Fadas que lhes enviassem um filho e pouco tempo depois chegou ao palácio a mais encantadora das crianças, que foi recebida com muita alegria e muita festa. Houve baile e diversões variadas, mas os pobres não foram convidados.

Um ancião, que tinha fama de feiticeiro, e morava no alto de uma montanha, quando soube disso, falou:

— Mau! Mau! . . . Isto acarretará alguma desgraça !

Passaram-se os anos sem que nada ocorresse; o principezinho Jair cresceu. Foi primeiro um lindo menino e depois um esbelto e atraente jovem. Seus pais o adoravam, porém o povo não lhe queria bem. Detestava-o até. E por que ? — indagarão vocês. Simplesmente porque Jair era tão orgulhoso que nem respondia à saudação que lhe faziam; desprezava os humildes e jamais socorria a um necessitado. Seus pais em vez de ensinar-lhe a ser caridoso e bom, o tornavam cada vez mais orgulhoso.

Quando Jair completou vinte anos, seus pais quiseram que êle se casasse e a esposa eleita foi Célia, a filha do rei Omar. A princesa, que conhecia a falta de caridade do moço, disse:

— Não; não me casarei se não fôr com um homem generoso e bom; quando o príncipe se corrigir do seu orgulho, então eu me casarei com êle.

Jair, ao conhecer a opinião da jovem, pôs-se a rir e disse ao emissário que trouxe a resposta da princesa:

— Diga a ela que agora só a desposarei se chegar ao ponto de pedir-lhe uma esmola. E isso não acontecerá jamais . . . — acrescentou altivamente.

ERA o dia de Ano Novo, que naquele país caía em pleno inverno. Jair, agasalhado de custosas peles e seguido pelos pajens, viu-se abordado por um ancião maltrapilho que lhe disse:

TRADUÇÃO DE J. ANTÔNIO DURAN

— Da-me uma esmola, pelo amor de Deus!

— Esmola? — exclamou Jair. — Vá trabalhar, folgazão!

E o mendigo respondeu:

— Príncipe Jair, algum dia ver-te-as como eu e nada também te darão!

— Insolente! — gritou o jovem. — Castiguem-no! Quando, porém, quiseram obedecer à ordem, o ancião já havia desaparecido. O príncipe voltou ao palácio, onde se festejava a chegada do Ano Novo.

A partir daquele dia, entretanto, sucederam-se muitas infelicidades na vida do jovem. Os reis morreram e um príncipe, parente afastado, apoderou-se de tudo e expulsou Jair do palácio.

O príncipe viu-se da noite para o dia despojado de todos os seus bens.

— Não importa! — disse — enquanto tiver dinheiro viverei bem, e depois procurarei trabalho. Como não sabia economizar, bem depressa viu-se sem um centavo. Procurou, então, trabalho. Andou de porta em porta e nada conseguiu.

Nas lojas e escritórios comerciais olhavam-no com desconfiança. Êle tinha um ar aristocrático. Queriam um homem prático e Jair apenas sabia cantar. Sem trabalho e sem dinheiro, foi obrigado a dormir à margem das estradas, comendo frutos que colhia das árvores.

E tornou a chegar o outro Ano Novo. Aquele que antes era um príncipe feliz, era agora um homem faminto e andrajoso. Recordou com amargura as festas que se davam em seu palácio. E lembrou-se também do pobre mendigo que o procurara para um auxílio e a quem êle negara, mandando que o castigassem. De repente, viu que caminhava em sua direção uma jovem acompanhada pelos pajens que carregavam grandes embrulhos.

— Uma esmola, pelo amor de Deus — suplicou ao se aproximar da moça. Ao reconhecê-la deu um grito angustioso e caíu de joelhos.

Era a princesa Célia aue, por sua vez o reconhecendo, disse:

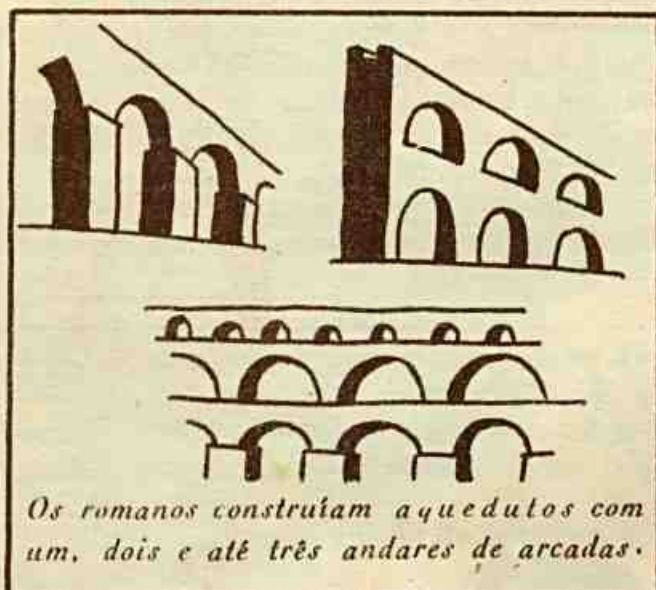
— Jair, pediste-me uma esmola! Agora já posso casar-me contigo. Conheces a miséria e teu coração há-de ser, de hoje em diante, generoso e bom para com os infelizes.

E a princesa levou Jair ao castelo, onde foi realizada a bôda e os primeiros a serem convidados foram os pobres.

E se tornou sabido que no principado governado por Jair e Célia não havia mendigos nem pobres, vivendo todos muito felizes.

AQUEDUTOS

TEXTO E DESENHOS DE

DINIZ MOURA

De um modo geral podemos dizer que aqueduto é um canal destinado a conduzir água de um ponto para outro. Há aquedutos subterrâneos e outros que são elevados sôbre o terreno, êstes sem dúvida mais importantes.

Os assírios, egípcios, fenícios e hebreus já construíam obras de hidráulica. Os gregos deram preferência aos aquedutos subterrâneos.

Entretanto os mais famosos construtores de aquedutos da antiguidade foram os romanos. Herdaram dos etruscos a técnica e a desenvolveram a tal ponto que durante séculos suas construções serviram de modêlo para as dos outros povos. Êles não conheciam o princípio dos vasos comunicantes que hoje em dia qualquer aluno de escola primária conhece.

Mas apesar disso resolveram o problema do abastecimento de suas cidades, de maneira bem engenhosa. Construíram arcadas e sôbre elas uma calha por onde corria a água com a superfície livre (a descoberto).

A escolha da construção em arcos não representava apenas uma fidelidade dos romanos ao seu tradicional processo construtivo. Além de economizar material, é o meio mais racional de evitar o efeito dos ventos. Realmente, se, ao invés de arcadas, os romanos construíssem paredes contínuas, os aquedutos, que eram muito altos e extensos, acabariam sendo derrubados, em virtude da grande área exposta à pressão dos ventos.

Para que a água pudesse correr pela calha, os aquedutos eram dotados de uma inclinação uniforme e muito pequena.

Êles construíram aquedutos com um, dois e até três andares de arcadas, para conduzir a água através dos vales.

Roma, com sua enorme população, precisava de muita

ÁGUA

O aqueduto é uma ponte ás avessas: a água passa por cima e os transeuntes por baixo.

Os romanos construíam aquedutos com um, dois e até três andares de arcadas.

Os romanos não conheciam o princípio dos vasos comunicantes, atualmente aplicado no abastecimento de água.

DEPÓSITO DE ÁGUA

Para que a água pudesse correr, os aquedutos possuíam uma inclinação constante. A água era recolhida em nascente situada em colina mais alta que a cidade.

NASCENTE

CIDADE

água. Além do consumo doméstico, havia as gigantescas termas com suas enormes piscinas. E eram os aquedutos que a abasteciam. Os mais importantes foram: o "Água Cláudia", o "Água Márcia", o "Água Tepula" e o "Água Júlia".

No tempo do Imperador Augusto havia 9 aquedutos em Roma.

Mas nem só em Roma construíram aquedutos os romanos. Por todo o seu vasto império fizeram surgir centenas de construções semelhantes. Assim, foram construídos aquedutos nas cidades romanas da Itália, da Dalmácia, da Espanha, da França, de Portugal, do norte da África etc.

Os mais importantes são os seguintes:

Na França a chamada "Pont du Gard", que fazia parte de um aqueduto de cêrca de 40 quilômetros e que abastecia Nimes. Foi construído no ano 150 da nossa éra.

Na Espanha os de Segóvia (muito bem conservado), Mérida e Tarragona.

Em Portugal o de Conimbriga e outros.

Na Dalmácia, o de Spacato.

A Idade média continuou a usar a técnica romana. Os árabes foram também notáveis construtores de aquedutos.

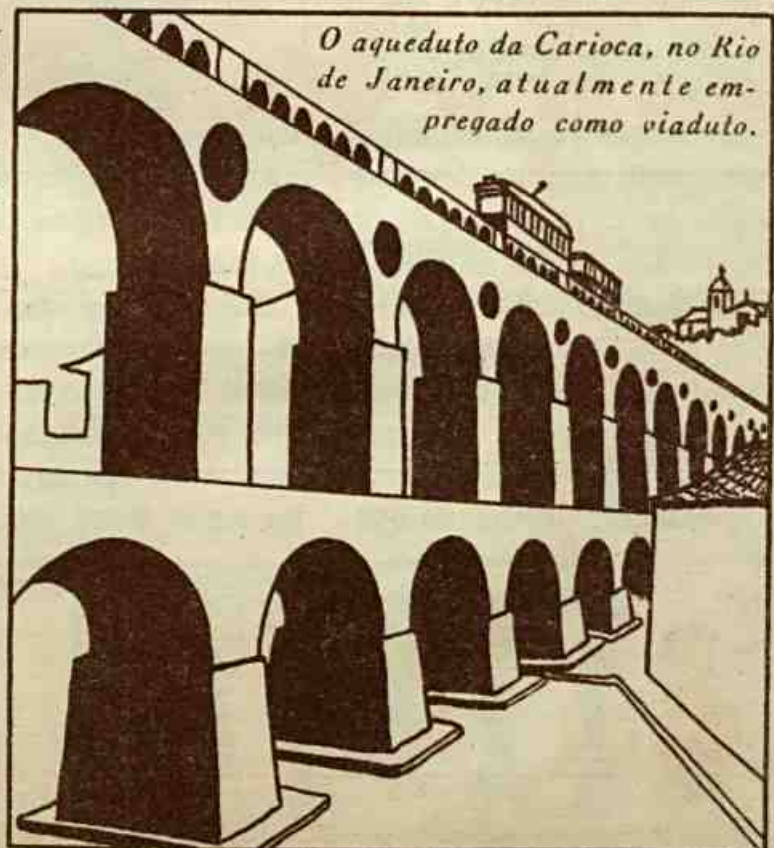
E' célebre o que no Alhambra de Granada vai dar à chamada "Tôrre da Água".

Portugal possue tantas construções dessa natureza, que é chamado "Terra dos Aquedutos".

O principal é o chamado "Águas Livres", irmão gêmeo dos nossos "Arcos de Santa Teresa", no bairro da Lapa.

Êste, apesar de ser considerado Monumento Nacional, já sofreu alargamento dos seus arcos em dois pontos, para facilitar o trânsito. A última dessas modificações data de 1949.

Ruinas do aqueduto romano chamado "Água Cláudia", construido no início da nossa era pelos imperadores Calígula e Cláudio.

A "Pont du Gard" é assim chamada por sua arcada inferior ter sido construída para servir tambem de ponte. Tem 3 andares de arcada.

O aqueduto da Carioca, no Rio de Janeiro, atualmente empregado como viaduto.

Aqueduto das Águas Livres, em Lisboa, na época em que foi construido.

A HISTÓRIA DO PIANO

O piano é um dos instrumentos mais antigos. Sua origem, como instrumento de cordas com teclados, vem da Idade Média, mas antes disso, muito antes, embora sob outra modalidade, já êle existia.

Pelo seu princípio, pela existência de cordas tensas, que ao serem feridas produzem sons melodiosos, o piano tem muito forte parentesco com a harpa, com o clavicordio, com o "clavecin", e antes dêsses instrumentos existirem, já outros se baseavam no mesmo princípio, como o "trigono", o "pisantir", o "psalterio", o "quanon"...

Com êsses instrumentos se fazia música nos tempos anteriores às Cruzadas, de de que todos nós já temos ouvido falar.

Quando foi que se fez o primeiro piano, é muito difícil descobrir. Poetas e escritores dos séculos XII e XIV não mencionam o piano, nem o clavicordio, nem o cravo.

Parece que a criação dos primeiros instrumentos dessa natureza se deve ao uso do órgão, muito vulgar então, e à necessidade de um instrumento de teclado que pudesse ser tocado com mais facilidade. Havia, é certo, os órgãos portáteis, mas não davam o resultado desejado. Eram complicados, dependendo da provisão de ar, de foles, de fôrça, ou de uma outra pessoa para mover os foles...

Foi olhando para uma cítara, outro instrumento velhíssimo, que ocorreu talvez ao primeiro fabricante de pianos que, se êle conseguisse arranjar como fazer com que uns martelinhos batessem nas cordas tensas, ferindo sons nelas, estava arranjado um belo meio de substituir os pesados órgãos.

Nasceu, então, o "dúlceme", cujas cordas eram golpeadas por bolinhas de madeira, e logo o "psaltério", e daí para cá gerações vieram melhorando e aperfeiçoando êsse mecanismo e se chegou ao piano de hoje, que é um dos instrumentos mais maravilhosos que o homem já conseguiu realizar.

Um piano, por dentro, nada tem de extraordinário. Os princípios em que êle se baseia são simples: uma corda bem esticada, para produzir o som: um golpe, ou pancada, vibrada sobre ela; um teclado, que promove o movimento dos martelinhos que ferem as cordas, por meio de molas. E pronto. Nada mais. É tudo. Agora, pensem em que maravilhas as mãos dos artistas, dos grandes executores conseguem arrancar daqueles arames esticados!

O primeiro piano de martelos — assim chamados os pianos modernos, — foi criado por Bartolomeu Christoforo, florentino, em 1711.

E os pianos elétricos, que existem hoje, apareceram em Londres, em novembro de 1923. Ha, ainda, as pianolas, criação de um homem chamado Nikisch, em 1912.

Nas igrejas, pela sua sonoridade austera, pela lentidão dos seus sons, ainda se usam os harmonios, ou órgãos. Mas muito aperfeiçoados, que já não exigem aquele esfôrço enorme de antes e que qualquer um pode tocar.